

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

SOFIA HELENA CARDOSO RODRIGUES

**PRÉ-HISTÓRICO E CONTEMPORÂNEO: A CONSTRUÇÃO DE
STONEHENGE PELA HISTORIOGRAFIA (1880-2022)**

CAMPINAS

2022

SOFIA HELENA CARDOSO RODRIGUES

PRÉ-HISTÓRICO E CONTEMPORÂNEO: A CONSTRUÇÃO DE
STONEHENGE PELA HISTORIOGRAFIA (1880-2022)

Monografia apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Especialista em História.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Paulo A. Funari

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA MONOGRAFIA
APRESENTADA PELA ALUNA SOFIA
HELENA CARDOSO RODRIGUES, E
ORIENTADA PELO PROF. DR. PEDRO
PAULO. A. FUNARI.

CAMPINAS

2022

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Neiva Gonçalves de Oliveira - CRB 8/6792

R618p Rodrigues, Sofia Helena Cardoso, 2000-
Pré-histórico e contemporâneo : a construção de Stonehenge pela
historiografia (1880-2022) / Sofia Helena Cardoso Rodrigues. – Campinas, SP :
[s.n.], 2022.

Orientador: Pedro Paulo Abreu Funari.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Arqueologia. 2. Historiografia. 3. Monumentos megalíticos - Inglaterra. 4.
Stonehenge (Inglaterra). 5. Inglaterra - Antiguidades. I. Funari, Pedro Paulo
Abreu, 1959-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: Prehistoric and contemporary: the construction of Stonehenge by
historiography (1880-2022)

Palavras-chave em inglês:

Archaeology

Historiography

Megalithic monuments - England

Stonehenge (England)

England - Antiques

Área de concentração: História

Titulação: Bacharel

Banca examinadora:

Filipe Noé da Silva

Érica Morais Angliker

Fernando Dantas Marques Pesce

Data de entrega do trabalho definitivo: 29-11-2022

AGRADECIMENTOS

A notícia da admissão no ensino superior nunca teria possibilitado um vislumbre do desfecho do mesmo. Digo desfecho não como forma de quebra do vínculo, mas o encerramento de um ciclo, o primeiro, desta vida acadêmica mágica que se abre para nós. Aqui, finalizo, pois, apenas o primeiro dos degraus na busca pelo conhecimento, pelo estudo e pela produção científica – a qual espero que nos conduza, sempre, à melhoria enquanto seres humanos. Desta forma, no início da graduação, nunca imaginaria que a completaria de uma forma tão encantadora, com tantos parceiros e parceiras que o prazer de conhecer no trajeto, e em particular aqueles que auxiliaram na produção do presente trabalho. Em meio a questões de saúde particulares, que me deram temor, e amor, pela vida; em meio à uma pandemia global que dizimou qualquer forma de afeto presencial ao longo de dois anos; e em meio aos problemas de ordem prática de qualquer graduando, me encontro aqui, hoje, com uma monografia pronta, somente graças ao apoio incondicional das pessoas que venceram quaisquer que fossem as barreiras impostas pelas situações acima, para me apoiar, e incentivar.

Em primeiro lugar, agradeço à minha família, e em especial minha querida mãe, cujos esforços de uma vida me deram condições de ingressar na faculdade que abre, dia após dia, caminhos floridos para mim. A luta de minha mãe, ao meu lado, para não desistir da vida em primeiro lugar, nem da saúde, e, por fim, nem da tentativa e submissão do projeto de IC para a FAPESP, na iminência de duas negativas consecutivas, me permitiu a manutenção do esforço que resultou neste texto. Agradeço à minha vó, segunda mãe, também em sua força diária e experiência; e ao meu pai, por toda a prontidão para ajudas diversas, vocês têm lugar fundamental aqui. Em segundo lugar, agradeço ao meu amado amigo de longa data, e hoje namorado, Heigon Soldera, o qual, em seu lugar de engenheiro, pensa comigo e me faz renovar a visão para com o mundo todos os dias. Agradeço também aos meus amigos de graduação, que em inúmeras vezes corrigiram versões grosseiras e rudimentares de meu trabalho, quando estive no desespero por correções e afirmações do meu potencial: Júlio Zampietro e Heloiza Lopes. Por fim, agradeço aos membros da banca, Filipe Silva, Érica Angliker e Fernando Pesce, os quais, muito mais do que corretores, se transformaram em amigos e exemplos de profissionais; e ao meu querido professor Pedro Paulo Funari, por toda a orientação, supervisão e carinho nesta fase debutante da academia.

E, ainda, agradeço à FAPESP por ter me concedido os 16 meses de bolsa de pesquisa remunerada (processo n. 2020/08445-5), a qual, em meio a tantas turbulências, ainda persevera na formação de pesquisadores e pesquisadoras – bases fundamentais dos nossos tempos.

RESUMO

O presente trabalho apresenta os resultados de nossa pesquisa de Iniciação Científica na área de Arqueologia – em particular a que pauta o monumento pré-histórico Stonehenge. Com base numa análise do pensamento arqueológico e sua respectiva imersão em diferentes tempos históricos e conseqüentes influências externas, investigamos a construção de significados sobre o megalítico em três temporalidades diferentes. São elas: 1880-1960, na qual há o nascimento da Arqueologia enquanto ciência empírica e onde movimentos externos como nacionalismo e imperialismo são os principais margeadores de perspectiva dos pesquisadores; 1960-1980, período em que há uma maior polarização e popularização das vertentes de produção sobre o megalítico; e 1980-2022, onde a patrimonialização pela UNESCO, o crescimento do turismo capitalista e a especialização do estudo do campo são novas variáveis da conjuntura já plural da existência do monumento.

PREFÁCIO

Como primeira historiografia brasileira sobre Stonehenge, encontramos grande desafio para escrever este presente trabalho. Além de estamos fora do eixo de estudos específicos dele – Europeu, também notamos uma falta de pertencimento de trabalhos nacionais quanto à pré-história de forma geral, mundial. Desta maneira, tanto para nossa própria contextualização da pesquisa, mas também para o leitor, muitas vezes totalmente alheio às discussões do estudo de caso, optamos por escrever um trabalho mais longo do que nosso objetivo, do que nosso recorte propriamente dito, trazendo informações sobre suas estruturas, e sobre uma ótica geral a respeito de seu pertencimento patrimonial, turístico, literário e afins. Em resumo, nossa metodologia que apresentamos aqui é dividida em três bases: discussão arqueológica; discussão histórica; e discussão patrimonial (que se subdivide em áreas como turismo, práticas populares, entre outras).

Também, para fins didáticos, fizemos apêndices de contextualização. O primeiro é de fases e datas relacionadas à construção de Stonehenge em si. Já o segundo, se dedica as noções e nomenclaturas gerais pré-históricas, e informações como culturas neolíticas etc. Por fim, o terceiro, é uma síntese das fases da Arqueologia enquanto disciplina – as quais esperamos auxiliar e guiar o leitor por meio da densidade de informações que este maravilhoso monumento está cercado. Espera-se que o leitor possa facilmente acessá-los ao longo da leitura do texto em si, para organização e situação dos dados. No mais, esperamos que seja uma leitura proveitosa, tanto quanto a escrita foi para nós.

SUMÁRIO

Índice de Figuras.....	9
------------------------	---

PARTE I

Capítulo 1 - Introdução: Stonehenge, breve contextualização.....	11
--	----

Capítulo 2 - Stonehenge antiquário: um panorama das continuidades e rupturas oitocentistas	32
--	----

Stonehenge na Medievalidade.....	35
----------------------------------	----

Stonehenge na Modernidade: Antiquários.....	39
---	----

Transformação de um modelo antiquário para um arqueológico.....	45
---	----

PARTE II

Capítulo 3 - Flinders Petrie: o início de uma Arqueologia da fonte.....	50
---	----

Stonehenge: Plans, Descriptions and Theories.....	51
---	----

Efeito Petrie: historiografias derivadas do primeiro esforço.....	57
---	----

Petrie: Uma ruptura nele mesmo.....	68
-------------------------------------	----

Capítulo 4 - Tempo intermediário: composição multifacetada do tempo das produções arqueológicas de Stonehenge.....	72
--	----

Revoluções epistemológicas na Arqueologia.....	73
--	----

Inserção de Stonehenge em uma lógica de mundo contemporâneo.....	77
--	----

Inserção de Stonehenge em uma lógica de Pré-história: política?.....	82
--	----

PARTE III

Capítulo 5 - Novos olhares, Nova Arqueologia.....	87
---	----

Richard Atkinson: Stonehenge.....	87
-----------------------------------	----

Gerald Hawkins: Stonehenge Decoded.....	96
---	----

Parcerias: primeiro esforço em Stonehenge de união de pesquisadores.....	107
--	-----

Capítulo 6 - Arqueologia Pós-processual? Turismo, patrimonialização e novos desafios da historiografia.....	110
O retorno da cultura popular e sua intersecção com a prática arqueológica, agora especializada.....	110
Turismo em Stonehenge.....	114
Patrimonialização e coexistência das plurais esferas de interesse no monumento.....	117
Conclusões finais.....	128
Apêndices.....	131
Referências bibliográficas.....	134

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Henge	13
Figura 2: Dólmen de Poul nabrone.....	15
Figura 3: Cista de Yelverton	15
Figura 4: Esboço dos Montículo Norte, Montículo Sul, Pedras de Estação e Fossos de Aubrey.....	18
Figura 5: Avenida de Stonehenge e contexto geográfico local	22
Figura 6: Nascer do Sol no Solstício de Verão sobre Pedra do Talão	23
Figura 7: Os buracos Q e R e suas localizações em relação à terraplanagem antiga.....	30
Figura 8: Plano dos Buracos Y e Z em Stonehenge mostrando suas relações para com a estrutura de pedra.....	31
Figura 9: Capa de <i>Britannia</i>	41
Figura 10: Plano de Inigo Jones de Stonehenge reconstruído.....	43
Figura 11: Plano de Petrie.....	52
Figura 12: Entalhes de Stonehenge	91
Figura 13: <i>O Monumento Mais antigo da Europa</i>	122
Figura 14: <i>O Sol, revista Tico-Tico</i>	123
Figura 15: <i>Os druidas de Stonehenge</i>	123
Figura 16: <i>Stonehenge, as ruínas do mistério</i>	124
Figura 17: <i>As cinco obras monumentais do Homem</i>	125
Figura 18: <i>Polícia britânica detém 250 ‘hippies’ e adoradores do Sol</i>	126
Figura 19: <i>Police Thwart Stonehenge Solstice Rite</i>	126
Figura 20: <i>Antigos astrônomos</i>	127

PARTE I

CAPÍTULO 1

Introdução: Stonehenge, breve contextualização

Stonehenge é um monumento megalítico, isto é, formado por pedras maciças recortadas de estruturas geológicas naturais, localizado em Wiltshire, Wessex, na Inglaterra. Conhecido de modo geral pela sua imponência, é uma das maiores edificações da pré-história europeia. Mesmo inserido em um contexto no qual existem dezenas de construções similares, é visto como o mais icônico e mais bem delimitado. Seu pertencimento à sociedade é demonstrado por ser evidência do passado, bem como de um presente que o estuda. Ou seja, além de ser um dos vários objetos de estudo de pré-historiadores e arqueólogos, está presente no imaginário popular – hoje e há séculos. Reconhecido em 1986 como Patrimônio Mundial Cultural da UNESCO, tem sido revisitado por inúmeros curiosos e pensadores. Além disso, a partir de sua aquisição pela English Heritage, instituição de zelo governamental de monumentos da Inglaterra, tornou-se importante ponto turístico, pertencente aos rumos de uma nova contemporaneidade. Aliado com os museus de sua região, como Museu de Salisbury, Museu de Wessex e Galeria de Wessex, é possibilidade de ensino informativo à população geral, seja em âmbito nacional, ou internacional¹. Junto às iniciativas de canais televisivos e marketing, somado com o imaginário ficcional (literatura, cinema, etc.), Stonehenge encontra-se difundido, no mínimo, como referência simbólica (ou histórica), pela sociedade do presente.

Com efeito, o estudo metodológico que a academia pode fornecer é o passo fundamental para que o público tenha acesso às narrativas de valor histórico, ao menos para ponderação do estrutural *versus* alegórico. Assim, em propósito duplo – público/academia, Stonehenge é objeto elementar. Todavia, essa importância já tem sido reconhecida secularmente. Nênio (850 d.C.), Giraldus Cambrensis (1187 d.C.), e de modo particular Geoffrey de Monmouth (1136 d.C.), no cerne da Idade Média, são algumas das primeiras evidências escritas de descrições e relatos de observação – enquanto inserção do objeto no sistema de lógica (PETRIE, 1880). Parker Pearson (2013b), em atuação nos tempos presentes, atribui tais iniciativas como “pseudo-História”. Mesmo com forte presença de elementos subjetivos e fabulosos, são

¹ Além destes, com exposições permanentes, há também aquelas exposições itinerantes. Por exemplo: em 2022 mesmo, a chamada *The World of Stonehenge*, ficou em exibição de 17 de fevereiro de 2022 até 17 de julho, no Museu Britânico. Vide: <https://www.britishmuseum.org/exhibitions/world-stonehenge>. Acesso em: 21 de ago de 2022.

resultado da observação, e tentativa de compreensão, do passado por um momento posterior a ele.

Mais tarde, inúmeros antiquários já da Modernidade, como Inigo Jones (1655), John Aubrey (1666), William Stukeley (1740), Colt Hoare (1812, 1821), William Cunnington (1883), entre outros eruditos, iniciaram um modelo de observação – desta vez através de investigação e escavação física. E, ainda, com o que Sir Arthur Evans (1889) chama de avanço científico, que pode ser interpretado como a consolidação da Arqueologia e humanidades dentro da ascensão do método científico empírico pós-iluminista, Stonehenge passa a ser objeto de estudo de instituições de pesquisa nacionais, tendo escavações promovidas por acadêmicos de universidades a partir da segunda metade do século XIX. Porém, ainda que agora estudado por pesquisadores associados às universidades, cada fase de estudo do monumento tem singularidades. E, como exposto nos capítulos subsequentes, dentro das temporalidades estipuladas por nós como específicas, há tipos de olhares variados intrínsecos mesmo *nelas*. Torna-se necessário, então, a inserção do megalítico em sua conjuntura de existência, pois grande parte da historiografia que utilizamos como fonte se refere ao âmbito físico em primeiro lugar para as interpretações provenientes. A arqueologia crítica tem função dupla de contexto, já que a arqueologia é uma ciência *do e no* presente (DIAZ-ANDREU, 2019:16). Desta forma, a análise do pesquisador em seu próprio tempo é o ponto básico de partida. Mas, ainda assim - voltada para a história intelectual contemporânea dos pensadores - não abre mão da fonte primordial de todo o esforço arqueológico: o objeto em si. Portanto, apresentamos em itens seus principais componentes e\ou pertencimentos para, a posteriori, analisá-los sob ótica dos diferentes rumos da investigação arqueológica.

(Stone)Henge

Em formato circular, Stonehenge é uma estrutura de pedras (mais ou menos em formato paralelepípedo) posicionadas entre si. Entretanto, ademais dos monólitos em si, que serão detalhados logo mais, o monumento é permeado por um círculo externo maior, escavado no

próprio solo. Com cerca de 100 metros de diâmetro e aberturas a nordeste (principal) e a sul (pequena), esse círculo ganha a nomenclatura de henge² (**figura 1**).

Figura 1: Henge



Fonte: English Heritage³

Nos dias atuais, tal termo é atribuído a terraplanagens (*earthworks enclosures*) formadas por um banco de terra circular externo acompanhado de uma vala interna coincidente; podendo ter em seu interior estruturas de colunas (madeira e/ou pedra) (Historic England, 2018). Assim, ainda que com a lógica invertida, já que em seu caso o banco fica interno à vala, Stonehenge é classificado como pertencente à série de monumentos circulares (constituídos por bancos e valas) do terceiro milênio a.C. localizados em grande medida no sul da Inglaterra e Irlanda (Historic England, 2018). Isto é, o monumento aqui analisado é uma redundância (*Stone*: pedras + *henge*: monumento feito de pedras) para identificação de um objeto-lugar-paisagem que está inserido em um contexto de dezenas de outras terraplanagens neolíticas com configurações semelhantes, ainda que de modo geral com até um terço de seu tamanho.

A palavra henge, hoje, tem sido abrangente, já que é aplicada, sem muita discriminação, a quase que todos os círculos de terra pré-históricos (Neolítico tardio até a Idade do Ferro⁴).

² Segundo Mary-Ann Ochota, pesquisadora associada à English Heritage e autora de *Hidden Histories: A Spotter's Guide to the British Landscape*, o próprio termo Henge deriva de Stonehenge – “onde as pedras do lintel se equilibram em pares de verticais, formando o que é conhecido como trílito (*trílito* [*tri* – três, *lit* – pedra]). ‘Henge’ é possivelmente uma palavra antiga para ‘hanging’ ou ‘suspended’ e a interpretação comum é que o nome significa ‘the hanging stones’ referindo-se aos enormes lintéis suspensos no espaço”. Fonte disponível em: <https://www.english-heritage.org.uk/visit/inspire-me/what-is-a-henge/>. Acesso em: 24 de jun de 2021.

³ Fonte disponível em: *Ibidem*. Acesso em: 29 de jun de 2021. Domínio público.

⁴ Podendo ser nome também de estruturas derivadas, de período pós-romano (43 d.C. até meados da Idade Média britânica) (PIGGOTT, 1941). Ressalta-se ainda que tais temporalidades não são coincidentes com as mesmas da Europa Continental (por exemplo, Neolítico Tardio difere em cerca de 1000 mais tarde para a Grã-Bretanha quando comparada com a Europa Continental). Para melhor cronologia, vide apêndice II.

Referidos tanto por sua formação física quanto por sua plausível finalidade ritualística com foco na paisagem, henges variam de modo acentuado em forma e contexto, e desafiam a generalização conveniente (O’SULLIVAN; DOWNEY, 2012: 37). Todavia, antes do emprego desta significação, o *círculo de terra* já teria sido notado pelos eruditos que o analisavam. Segundo Petrie (1880), o círculo de terra seria complementar aos de pedra, de igual maneira ao que ocorreria em outros monumentos formados por “terraplanagem de grande regularidade” (PETRIE, 1880:32). Arthur Evans (1889), nesta linha, coloca a origem sepulcral como principal característica de ligação e significação destes. Desta forma, faz-se necessário um recuo no tempo para compreensão de sua formação, bem como o porquê de Stonehenge ser definido a princípio como *sepulcral*. Saindo então de um panorama factual, entra-se numa complexidade de significados, hierarquias e avanços do pensamento e da organização social pré-histórica, que é fundamental para elucidação e comparação da interpretação dos arqueólogos em função disso.

Dólmenes e Cistas

A primeira vez em que esforços para a compreensão da formação dos henges aparece em nossas fontes é em *Stonehenge* (1889), por Arthur Evans. Publicado nove anos depois de Petrie, é um esforço para conclusões acerca do monumento. Não é um mapeamento físico e nem uma tentativa de preservação, mas sim uma dissertação acerca de teorias sobre o começo de Stonehenge. Sua maior preocupação é investigar possíveis analogias de Stonehenge com demais disposições da Planície de Salisbury⁵, na tentativa de “rastrear a embriologia destes monumentos maiores” (EVANS: 1889: 314). Assim, ambos os lugares funerários são identificados como estruturantes do megalítico: enquanto dólmenes são construções de pedras planas (mais leves do que os monólitos paralelepípedicos) formadas de modo geral por uma “tampa” (ou laje) maior disposta sobre outras colunas em formato retangular (**figura 2**); cistas seriam menos elaboradas e menores, sendo enterradas no chão, ao invés de elevados (**figura 3**).

⁵ Planície geográfica na qual Stonehenge se assenta, e onde há inúmeros outros monumentos neolíticos.

Figura 2: Dólmen de Poul nabrone



Fonte: Art History Survey Collection⁶

Figura 3: Cista de Yelverton



Fonte: Herbythyme⁷

Porém, da mesma forma com o que ocorre com os henges, tais estruturas diferem em tempo, espaço e características. Presentes em toda a Europa continental, não apenas na Grã-Bretanha⁸ – mas muito concentrados na paisagem irlandesa – são datados de até 5 mil a.C. Dizem-se monumentos funerários por apresentarem na maioria das vezes, em seu interior, ossos humanos, ou fragmentos deles, enterrados com pertences. Deste modo, não só Arthur Evans, mas uma série de escritores, contemporâneos ou posteriores, como Myriam Philibert, já no fim do século XX (1994), buscam uma origem comum das estruturas megalíticas. Em suas palavras, “não é possível dissociar Stonehenge nem do contexto neolítico – Idade do Bronze da Europa Ocidental – nem do megalitismo”. Para ela, o neolitismo e o fenômeno megalítico teriam um caráter de eclosão repentina, sem grandes sinais de antecipação. Mas, ainda assim, qualquer nova técnica suporia uma *iniciação* (PHILIBERT, 1994:129). De maneira mais próxima ao estudo de campo aqui referido – já nas ilhas britânicas – Thomas Westropp percebe, inclusive, uma inclinação da entrada principal (a “fachada mais alta e mais ampla”) de tais monumentos estar voltada à *nordeste* (com pouca variação para norte ou leste) (WESTROPP, 1902:451), isto é, ao sol nascente – assim como Stonehenge.

Entretanto, observar, hoje, em um paradigma histórico-cultural, na qual uma determinada cultura teria sido responsável pela propagação *total* deste tipo de estrutura tem sido visto como problemático⁹. A Cultura dos Túmulos (*Tumulus Culture*), engloba estilos de construções, localidades e interferências posteriores muito distintas. Segundo Anthony Harding, “o modo de sepultamento e a forma de sepultura era muito variável para qualquer

⁶ Fonte disponível em: <https://www.jstor.org/stable/community.18115074>. Acesso em: 29 de jun de 2021. Domínio público.

⁷ Fonte disponível em: <https://www.britannica.com/topic/cista>. Acesso em: 29 de jun de 2021. Domínio público.

⁸ Segundo Myriam Philibert, “as formas conhecidas (de *dólmens*) na Grã Bretanha são: os *dólmens* em formato de cunha, ou *Wedge Tombs*; os *dólmens* com portas, ou *Portal Tombs*; e os *dólmens* em formato de corredor, ou *Passage Tombs*” (PHILIBERT, 1994: 330).

⁹ Para melhor compreensão de tais vertentes de análise, como histórico-cultural, difusionista, evolucionista etc., vide **cap.4** deste mesmo texto.

correlação simplista” (HARDING, 2012: 28). William Gowland (1902), nesta linha, ainda que contemporâneo a Evans e em meio a muitas destas narrativas difusionistas, acredita que dólmens, cistas e estruturas afins, muito plurais entre si, não deveriam ser vistas como base geral. À contramão do que se costumava traçar a partir de comportamentos, este terceiro arqueólogo da nossa temporada 1 discorre que a ideia da origem das estruturas megalíticas de uma fonte comum foi proposta por muitos autores, mas,

neste contexto, deve-se ter em mente que parece ter havido uma época de muitas *raças*, amplamente separadas uma das outras – em quantidades muito variadas que ergueram monumentos de blocos megalíticos mais ou menos rudes e de forma semelhante. E disso de forma alguma se segue que a prática ou as formas foram copiadas por uma raça de outra, mas sim que elas foram o resultado de um desenvolvimento da mente humana, que tivera uma origem independente (GOWLAND, 1902:89).

Montículos

Também chamados de *burial mounds*, *grave mounds*, *tumulus* ou *tumuli*¹⁰, montículos são as próximas construções para compreensão de Stonehenge em seu contexto. Neles, assim como ocorrido com dólmens e cistas, estudos comparativos para com o megalítico começaram a ser propostos apenas dentro de um mesmo âmbito geográfico isolado¹¹ – não mais inserindo-o em significações comportamentais gerais dos primeiros anos de academia. Todavia, em uma releitura da Arqueologia histórico-cultural, Parker Pearson mostra que Stonehenge “foi o primeiro candidato para a tentativa de uma nova abordagem quanto às paisagens antigas, que deu mais atenção à associação entre-sítios” (PEARSON, 2013a: 139), justamente pela existência de montículos.

Isto é, mesclando elementos de uma ponderada “origem comum” formada por influências interculturais, e a singularidade da sociedade local, montículos nascem como elemento fundamental para historicização do monumento, que perpassa a análise do lugar qualitativo. Flinders Petrie, em seu trabalho inovador metrológico (1880), argumenta que a posição dos monólitos interiores ao monumento corresponde ao contexto local, podendo ser

¹⁰ De acordo com Harding, “a palavra latina ‘tumulus’ é internacional, mas em inglês a palavra usual para *burial mounds* é *barrow* – apesar de que existe também uma palavra arcaica: ‘*tump*’, derivada da mesma raiz *tum* – como em latim *tumeo* (*swell*). Já nossos colegas russos utilizam a palavra ‘*kurgan*’” (HARDING, 2012 :22). Já em espanhol, a palavra utilizada é *cerrito*. Nesta gama, optamos por nos referir sempre como *montículo*, em português.

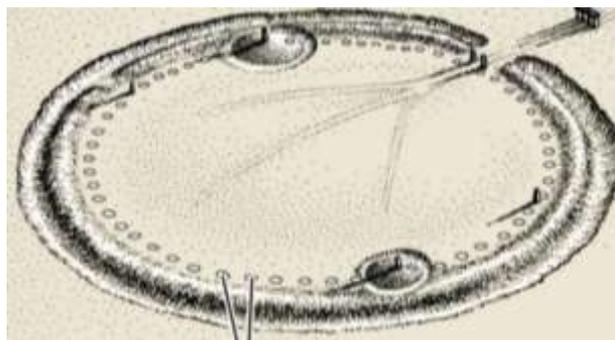
¹¹ Desde Gowland até meados da década de 1970 (PEARSON, 2013a: 139).

definida como um grande conjunto de cemitérios. Então, divididos em montículos longos e montículos redondos, são caracterizados por serem sepulcros cobertos por um amontoado de terra e, em alguns casos, pedras. Mas, de igual forma às estruturas anteriores, “vêm em todos os tamanhos e formas diferentes [...]. Alguns são muito pequenos, pouco maiores do que uma quantidade de terra suficiente para cobrir um corpo, e alguns são muito grandes” (HARDING, 2012: 23). Contudo, ainda conforme Harding, a região de Stonehenge, assim como algumas outras, teria agido como um ímã para os construtores dos montículos. O autor, fazendo uso da associação entre-sítios, narra que “o Montículo Buch [um dos exemplos de montículo britânico] [...] mantém seu apelo como tipificação da cultura de construção de túmulos que acompanhou a construção e o início da vida de Stonehenge, ou seja, no período da Cultura Campaniforme (*Beaker Culture*) entre cerca de 2300 e 1900 a.C.” (HARDING, 2012: 22, grifo nosso). Fred Hoyle (1977), astrônomo da década de 1970, nesta linha, já teria dito que os construtores chegaram à região com a construção já mentalizada, procurando apenas um lugar ideal.

Montículos Norte e Sul

Os chamados Montículo Norte e Montículo Sul (**figura 4**) são, de igual forma, elementos para a avaliação do pertencimento direto de Stonehenge ao pensamento sociocultural maior da Cultura dos Túmulos. De acordo com Timothy Darvill (2016: 92), eles conectavam a nova estrutura, em construção, com os sítios tradicionais e práticas já consolidadas na área. Dentro da significação de montículos redondos, tais dois montículos se localizam em lados opostos do círculo de terra, no eixo norte-sul, e podem ser ditos também como henges em miniatura, já que também são cercados por vala e banco.

Figura 4: Esboço dos Montículo Norte, Montículo Sul, Pedras de Estação e Fossos de Aubrey



Fonte: English Heritage¹²

Isto é, já participantes da estrutura de Stonehenge em si, teriam sido elaborados em meados da chamada primeira fase de construção de Stonehenge¹³: 3000 a.C. a 2620 a.C., mas teriam sido modificados entre 2480 a.C. e 2280 a.C., para integrar de maneira mais estética o monumento, então mais desenvolvido do que outrora (DARVILL, 2016: 91). Entretanto, ligados às Pedras de Estação, próximas estruturas a serem aqui expostas, não teriam corpos enterrados em seu interior – o que, de modo controverso, difere da finalidade dada aos *tumulus* como um todo. De acordo com Philibert, eles seriam apenas terraplanagens em torno de dois monólitos. O plano inclinado, em formato de montículo redondo, teria sido achatado para posicionar a Pedra de Estação (PHILIBERT, 1994: 43). Aqui são comprovadas, portanto, de novo, as lacunas, e por vezes imprecisões, do estudo das estruturas do megalítico como correlações simplistas entre comportamentos universais padrões. Variáveis como as diferentes datas de construção de Stonehenge, bem como os próprios diferentes períodos histórico-culturais (tais como Cultura Campaniforme, Cultura dos Túmulos, Cultura Windmill Hill [*Windmill Hill Culture*]¹⁴) e inúmeras migrações forasteiras em curtos períodos de tempo devem ser consideradas.

¹² Fonte disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Stonehenge>. Acesso em: 15 de jul de 2021. Domínio público.

¹³ Vide apêndice I para tabela completa das fases de construção de Stonehenge estipuladas por datações de radiocarbono.

¹⁴ Todos nomes inicialmente relacionados à peças genéricas encontradas em partes da Europa as quais foram definidas, em um panorama histórico-cultural de até meados do século XX, como características máximas de cada uma destas “culturas”. Cultura Windmill Hill: nome dado a sociedade de habitantes de Planície de Salisbury nas primeiras datas de origem de Stonehenge, derivada da Cultura dos Túmulos e que construiria montículos longos; Cultura dos Túmulos: nome genérico dado à grande quantidade de povos, de inúmeros locais, que teriam o comportamento de construir sepulturas para depositar seus mortos, quer seja na Grã-Bretanha, Europa continental ou norte da África. Cultura Campaniforme: Cultura dos “artesãos de vasos” (potes) de fins do Mesolítico e inícios do Neolítico, vinda da Europa continental, que teria chegado às ilhas britânicas já em 2400 a.C., no auge de uso de Stonehenge.

Hoje, considera-se que cada uma destas “culturas” genéricas teria muitas complexidades, singularidades e seriam submetidas à vários outros contatos culturais e migrações que as teriam moldado de formas heterogênicas,

Pedras de Estação

Na complementação dos montículos de Stonehenge, haveria quatro monólitos, fora dos círculos principais de pedras que constituem o megalítico (**figura 4**). As chamadas Pedras de Estação, que entre si formariam os vértices de um quadrilátero (usualmente aproximado como retângulo), lapidadas em arenito (sarsen¹⁵), mesmo material dos trilitos e lintéis do círculo externo, se localizariam no limite interior da borda do círculo de terra. Porém, hoje, só restam duas das quatro unidades (DARVILL, 2022). Na formação original, duas dessas Pedras de Estação seriam, pois, posicionadas nos ápices dos dois montículos de terra – Montículo Norte e Montículo Sul; ambas as demais, localizadas em perpendicular com o montículo do polo oposto. Construídas entre 2620 e 2280 a.C. (DARVILL, 2016), teriam sido edificadas em uma fase de maior maturidade do monumento, já estabelecido de maneira prévia – inclusive com os círculos de pedra principais.

Porém, diferentemente das estruturas apresentadas até então, as Pedras de Estação são estruturas analisadas quanto à possíveis indicações da finalidade de construção do monumento. Isto é, a partir delas, muitas teorias explicam o intuito e uso de Stonehenge, ao invés de interpretações relacionadas ao seu povo construtor. Em resumo, dos quatro motivos oferecidos ao longo do tempo sobre a finalidade de Stonehenge: monumental, sepulcral, religioso e astronômico (PETRIE, 1880), enquanto cistas, dólmenes e montículos, bem como os Fossos de Aubrey, levam a teorias sepulcrais, as Pedras de Estação têm levado a teorias astronômicas – depois desdobradas em religiosas (e ritualísticas).

Entretanto, essas teorias, desde o século XVII até Gerald Hawkins (1965) e Fred Hoyle (1977), não dissertam em detalhes verossímeis as técnicas que teriam sido aplicadas para o posicionamento das pedras quanto aos eventos astronômicos. Apenas são propostas aproximações – como o “retângulo de Pedras de Estação” – que demonstrariam Stonehenge

impossibilitando a classificação em grandes grupos de comportamentos homogêneos. Vide: (JONES, 1996). Para melhor contextualização, vide apêndice II.

¹⁵ Nos parece que sarsen é uma nomenclatura específica para arenitos da região de Stonehenge, caracterizada ainda por uma significação cultural. Desta forma, optamos, aqui, por manter a nomenclatura original, em inglês. Segundo dicionário online: “As pedras de Sarsen são blocos de arenito encontrados em quantidade no Reino Unido na Planície de Salisbury, Marlborough Downs, em Kent, e em quantidades menores em Berkshire, Essex, Oxfordshire, Dorset e Hampshire. Eles são os restos pós-glaciais de uma touca de silcreto cenozóico que uma vez cobriu muito do sul da Inglaterra, uma rocha dura e densa criada a partir de areia ligada por um cimento de sílica, tornando-se uma espécie de arenito silicificado. É pensado que se formou durante Neogene à intemperismo quaternário pela silicificação dos sedimentos do Grupo Paleoceno Lambeth, resultantes da lixiviação do ácido. A palavra ‘sarsen’ é um encurtamento de ‘pedra sarracena’, sendo ‘sarraceno’ usado como sinônimo de ‘pagão’. Assim, ‘sarsen’ significaria ‘pedra pagã’, ‘pedra dos pagãos’. Fonte disponível em: <https://educalingo.com/pt/dic-en/sarsen>. Acesso em: 07 de dez de 2022.

enquanto “ponto fora da curva”, a frente de seu tempo¹⁶. Somente estudos mais recentes, como o inovador artigo de Timothy Darvill (2022), demonstram, por outro lado, que o único caminho para propor teorias de calendário, seria a união de demais elementos contemporâneos ao monumento que indicassem uma difusão de longa distância de abrangência – voltando à um caráter difusionista, da Arqueologia histórico-cultural abandonada.

Em consequência, observações da lua, do sol, da constelação de Órion e do planeta Vênus exigem cuidadosa ponderação do historiador e arqueólogo atuais¹⁷. Paul Burley (2012), em um estudo original que faz cálculos por meio de *softwares* e datação de radiocarbono, propõe que os construtores de Stonehenge poderiam ter sim entendimentos do que hoje chamamos de “vida, morte, fertilidade natural, cosmografia e geometria, arquitetura e interação humana com ciclos de espaço e tempo” (BURLEY, 2012: 31). Mas, o estudo disso deve voltar-se à pergunta mais importante, que ele mesmo indica no início de seu texto: por que tanto esforço foi empreendido repetidas vezes, por várias culturas, para planejar, projetar e construir o monumento, às vezes transportando os monólitos por 240 km em difíceis condições topográficas e hidrológicas, “com o propósito de observar eventos astronômicos que provavelmente já eram conhecidos em meados do quarto milênio a.C.?” (BURLEY; 2012: 23).

Fossos de Aubrey

Inseridos no chamado círculo de Aubrey (de cerca de 87 metros de diâmetro), os Fossos de Aubrey são, em resumo, 56 buracos circulares escavados no solo que permeiam, em intervalos regulares, o lado interno do henge (**figura 4**). Como o próprio nome já remete, eles foram constatados pela primeira vez por John Aubrey (1666). Antiquário setecentista a pedido de Charles II (PHILIBERT, 1994:78), teve tal revelação retomada somente por William Hawley (1921). Ele, em sua observação, constatara depressões no chão, que poderiam representar cada qual a localidade de uma pedra anteriormente posicionada.

¹⁶ Aqui, a metodologia da Arqueologia histórico-cultural teria caído por terra, sendo substituída pela Nova Arqueologia, que implica em uma evolução autônoma local, sem amplos contatos exteriores (DARVILL, 2022). Vide mais aprofundamento em **cap.4**.

¹⁷ Segundo Darvill, “os dois lados menores do retângulo das Pedras de Estação fixam uma orientação solsticial em direção ao nascer do sol do dia de solstício de verão para nordeste e o pôr do sol do dia do solstício de inverno para sudoeste. Os dois lados maiores são aproximadamente orientados para o maior extremo do pôr da lua ao sul (cheia no inverno) e ao maior extremo do pôr da lua ao norte (cheia no inverno)” (DARVILL, 2016: 98).

Até hoje numerados de acordo com Aubrey (número 1 partindo da Avenida de Stonehenge, em sentido horário até o número 56) (BURLEY, 2012), são caracterizados, junto com o círculo de terra, como estruturas pioneiras de Stonehenge, antes mesmo das pedras - que teriam sido posicionadas na fase II¹⁸. Mas, em contrapartida da pluralidade de círculos pré-históricos, podem ser ditos como a primeira *particularidade* do monumento. Isto é, os Fossos de Aubrey vêm a ser definidos como configurações únicas de Stonehenge. E, devido à quantidade de objetos classificados encontrados dentro de alguns deles, fornecem pistas sobre a história de Stonehenge de modo mais quantitativo e específico. Em 52 dos 56 poços, foram encontrados restos mortais cremados. E, segundo Hawley (1921), em pelo menos três deles a cremação teria sido realizada *in loco* – os demais teriam recebidos os corpos já cremados. Caracteriza-se, pois, uma rede de etapas de sepultamento, que parte desde a construção dos monumentos megalíticos e *tumulus*, até a preocupação com a cremação, posicionamento e morte dos entes queridos e ancestrais.

Todavia, os Fossos de Aubrey não vêm a ser estudados apenas como fontes de objetos. Desde a aplicação de uma ciência mais processual e estrutural (na Nova Arqueologia) – que teria iniciado em meados de 1950 e 1960 - estes 56 poços no solo de giz, aliados com as demais componentes circulares e/ou geométricas, como as Pedras de Estação, começaram a ser estudados em modelos matemáticos, saindo de sua historicidade. Alexander Thom (1955), pioneiro na aplicação de uma arqueoastronomia em Stonehenge, seguido por Gerald Hawkins (1965) e Fred Hoyle (1977), e, de modo mais recente nomes como Albert Kainzinger (2010), são alguns exemplos. Devido à circunferência quase que perfeita dos Fossos de Aubrey, modelos de π e de cálculos de ciclos da lua (em complemento aos ciclos mais importantes que seriam ressaltados pelas Pedras de Estação) são aplicados por estes na tentativa de estabelecer a finalidade completa do megalítico, de forma resumida, e, por vezes, anacrônica.

Avenida de Stonehenge

Estrutura que parte da entrada principal do henge, a Avenida de Stonehenge liga o monumento de modo direto à sua conjuntura de existência maior (**figura 5**). Com cerca de três quilômetros

¹⁸ Vide apêndice I.

e meio de extensão, é uma rota traçada e margeada no solo (por bancos de terra), até o chamado Rio Avon, caminho fluvial que corta a Planície de Salisbury. Também descoberta por John Aubrey (1666), se localiza à entrada do henge, a nordeste.

Figura 5: Avenida de Stonehenge e contexto geográfico local



Fonte: Stonehenge Remodelled¹⁹

Muito se trabalha hoje com base na finalidade de tal Avenida. *Stonehenge Riverside Project*, comandado por Parker Pearson, foi uma iniciativa de pesquisa da primeira década do século XXI que buscou rastrear e compreender a conexão do megalítico com seu meio de existência (PEARSON, 2013b). Sendo a maior “estrada” pré-histórica na Grã-Bretanha, teria sido construída em primeiro lugar entre 2580 – 2280 a.C. Desta forma, algumas das hipóteses são de simples ligação entre o monumento e o rio; bem como propiciar um itinerário fluído de Durrington Walls à Stonehenge – que passa pelo Avon; ou ainda, criar a rota de transporte dos próprios monólitos utilizados para edificação do monumento.

Contudo, estudos mais recentes abordam um remanejamento da própria Avenida ao longo das fases de construção de Stonehenge²⁰. Isto é, enquanto o monumento teria sido pensado inicialmente como localidade sepulcral – pertencendo à um contexto de *tumulus*, em suas fases mais tardias de uso pré-histórico, a Avenida, bem como as estruturas internas ao círculo, teriam sido reconstruídas com intuito de observação e de realizar celebrações. De modo específico, enquanto alguns pequenos monólitos internos teriam sido rearranjados para melhor organização, a Avenida teria sido realinhada para que as pessoas, no interior do semicírculo de

¹⁹ DARVILL et al., 2012: 1021.

²⁰ Vide apêndice I.

pedras, pudessem acompanhar uma linha reta da Pedra do Talão (*Heel Stone*), continuando pela Avenida, até o horizonte do solstício de verão (BENDER 1992 *apud* CUSACK, 2012).

Pedra do Talão

Então, outra ponte de ligação entre o interior de Stonehenge e o seu exterior é a Pedra do Talão (**figura 6**). Além do círculo em si, é uma das estruturas mais trabalhadas nos dias de hoje e ponderada por historiadores, cientistas e pelo público geral, pois é nela que o fenômeno anual mais icônico de Stonehenge ocorre: o solstício de verão. Trabalhada em 30 toneladas de sarsen, a Pedra do Talão se encontra fora da circunferência de terraplanagem, poucos metros atrás da entrada a nordeste, mas na mesma reta. Desde a época antiquária, percebia-se que nos dias 21 de junho do calendário gregoriano, data do solstício de verão no hemisfério norte - isto é, mais longo dia do ano, no qual o sol incide com maior intensidade angular, o mesmo nasce alinhado com o topo da pedra quando olhado do centro do semicírculo de trilitos.

Figura 6: Nascer do Sol no Solstício de Verão sobre Pedra do Talão



Fonte: Skyatnightmagazine²¹

Petrie, em sua obra *Stonehenge, Plans Descriptions e Theories* (1880), faz um trabalho metrológico envolvendo o monumento. Um de seus maiores focos, no qual ele dedica bastante tempo e atenção para trabalhar, é o fenômeno. Como forma de verificar a plausibilidade dentro da matemática (além de visualizações aproximativas), calcula 27 formas de conexão do eixo de incidência da luz solar sobre a Pedra do Talão e a posição do observador. Assim, antes mesmo

²¹ BRAMLEY, Chris. “Solstice Sunrise at Stonehenge”. In: *Skyatnightmagazine*. BBC: 21 de junho de 2018. *Fonte* disponível em: <https://www.skyatnightmagazine.com/space-science/solstice-sunrise-at-stonehenge/>. Acesso em: 03 de ago de 2021. Domínio público.

das teorias propostas por Gerald Hawkins (1965), no seio de um cientificismo em ascensão, a Pedra do Talão possibilitou a consideração de Stonehenge como propósito astronômico. Mas, antes disso, desde meados do século XVIII já existiriam proposições acerca de uma *arqueoastronomia* de Stonehenge, isto é, um estudo do passado como berço para observações astronômicas (CHIPPINDALE, 1986a).

Entretanto, ademais desta parte científica, na qual hoje a Pedra do Talão é estudada por uma série de cientistas (não só arqueólogos e historiadores) que buscam compreender as possibilidades da existência e prática comum de observações astronômicas de Stonehenge em sua época pré-histórica, a pedra do solstício ganha valor especial para uma população geral que se autointitula “neodruida” e mística. Isto é, além de ter um evento comemorativo hoje a cargo da English Heritage – mas que tem presença desde antes da década de 80 (CHIPPINDALE, 1986b), uma série de pessoas buscam Stonehenge nas datas do solstício por seu simbolismo ritualístico. Em resumo, apropriações contemporâneas do que teria sido a cultura e religião celta (bem como druidismo) ocupam hoje Stonehenge e, fora do caráter historiográfico, veem a Pedra do Talão como ponte para uma ancestralidade dos sujeitos construtores do monumento. Contudo, estes mesmos entusiastas baseiam-se em outras narrativas, anteriores – aquelas modernas e sobretudo medievais, que atribuem simbolismos fantasiosos e religiosos ao evento. Em consequência, a popularização da Pedra do Talão, que, muito além de uma estrutura física imponente pela sua dimensão e que está presente na percepção subjetiva medieval e contemporânea, é importante por trazer uma carga de possibilidades de compreensão de um passado – cada vez mais dinâmico e complexo.

Círculo Externo de sarsen

A figura de maior notoriedade em Stonehenge é a configuração das pedras. Círculos concêntricos de monólitos suspensos, aliados à dimensão megalítica dos blocos culminam numa presença imponente e encantadora. Assim, junto às demais estruturas apresentadas, os círculos megalíticos se dividem em dois: o externo, de monólitos de sarsen, e o interno, de doleritos (*bluestones*). Com cerca de 30 peças em sua circunferência²² e 30 metros de diâmetro,

²² Segundo Darvill (2022), dezessete delas estão em sua posição original, sete permanecem no local, mas caídas, e cinco estão faltando.

o Círculo Externo de sarsen é composto por pedras avulsas, mas também por uma formação peculiar de Stonehenge: o arranjo de duas colunas sustentando uma pedra na horizontal. No caso deste círculo externo, tal figura ganha o nome de lintél, pesando cerca de 25 toneladas cada uma²³. Para a fixação deste trio de pedras, há um encaixe: cavilhas (*tenons*) e mortagens (*mortises*). Isto é, em um esquema de “macho-fêmea”, foram esculpidos, nos topos de cada coluna, pinos para que se fixassem na cavidade correspondente da pedra superior (PETRIE, 1880).

A nordeste, acompanhando a Pedra do Talão, uma sequência de três lintéis permite a visualização enquadrada do solstício (**figura 6**). De acordo com a datação proposta por Timothy Darvill (2016)²⁴, tais monólitos seriam posteriores em séculos ao posicionamento desta pedra. E, ademais dos Fossos de Aubrey, já mencionados como configurações únicas de Stonehenge, outra característica, desta vez da tipologia de pedras, tornam o monumento singular dentre seus semelhantes: a modelagem.

Desde a época antiquária, percebe-se uma característica peculiar das pedras de Stonehenge em comparação com as demais pedras dos outros monumentos. Tais monólitos são os únicos, em toda a Inglaterra Pré-histórica, a apresentar recortes. Isto é, são pedras que passaram pelo processo de modelagem de sua forma, ao contrário de sua aplicação de acordo com o formato natural encontrado. Através de habilidades técnicas, conhecimentos dos materiais e projetos específicos, os monólitos foram retirados de sua natureza geológica e recortados em formatos específicos – que muito se assemelham a paralelepípedos.

Com efeito, o círculo de pedra sempre foi entendido no contexto plural da estrutura. A justa causa, de Gowland (1902) aos dias de hoje, têm existido esforços por compreender a origem destas pedras, e não apenas sua função e edificação. Em sua época, dada a impossibilidade do estudo do contexto geológico como um todo – que é abarcado por várias disciplinas - o mesmo aponta nomes e caminhos que, de modo pioneiramente interdisciplinar, mapearam possibilidades de origem das rochas, bem como sua composição química, meio de transporte e modelagem. Mas, como aponta Parker Pearson (2016), antes mesmo da arqueologia enquanto disciplina – neste caso com Gowland – já teriam existido esforços para identificar a origem dos grandes sarsens. Segundo ele, a documentação dos monumentos e distribuição sarsen por parte antiquária teve importância fundamental de levantamento em tempos anteriores à destruição de amostras pelos desmatamentos agrícolas e advindos das indústrias. William

²³ De igual forma aos sarsen, alguns lintéis permanecem na posição original (seis), dois estão caídos, e vinte e dois sumiram, ou nunca tiveram a oportunidade de serem posicionados. (*Ibidem*).

²⁴ Vide apêndice.

Stukeley, em sua obra *Itinerarum Curiosum* (1724), encontrou ainda alguns monólitos abandonados (em trânsito suposto para Stonehenge), os quais contribuíram para sua hipótese, replicada até hoje, de origem das pedras em Marlborough Downs (hoje chamada de North Wessex Downs). Entender a ligação das localidades, distância e possibilidades de redes de intercomunicação são aspectos fundamentais para a extrapolação, por fim, da existência do objeto. Nesta via, sarsen é um material geológico de arenito abundante neste contexto geográfico específico da Planície de Salisbury. Além da quantidade *in natura*, são os principais alicerces das construções megalíticas de lá (PEARSON, 2016).

Assim, o mapeamento da origem permite visualização em larga escala do pensamento populacional que perpassa o contexto imediato do monumento. Parker Pearson, argumenta, que a exotividade dos doleritos (como indicado a seguir) mostra uma ponderação das pedras para além da disposição local simples. Contudo, segundo ele, ainda não se sabe se os sarsen tiveram um significado especial em sua composição e forma, bem como em seu local de origem²⁵. O que se sabe, pois, é a preocupação evidente em extrapolar os limites do sítio no qual o megalítico repousa a fim de encontrar materiais de excelência para intuítos sociais disseminados e conhecidos por uma população em larga escala geográfica e temporal, quer sejam eles talvez monumentais, astronômicos, sepulcrais ou simbólicos-ritualísticos.

Círculos de doleritos

Formado por pedras menores, de apenas uma ou duas toneladas, os “círculos” de doleritos se localizam entre as duas construções maiores de sarsen: círculo externo, e ferradura trílito. Além de toda a iconicidade apresentada – fazendo parte de um grande monumento construído ao longo de séculos antes da era comum - os doleritos caracterizam, ainda, outra instigante vertente de pesquisa. Enquanto os sarsens seriam pedras de abundância naquele terreno geológico, admite-se, hoje, que os doleritos são originários de mais de 200 km de distância – na localidade do atual País de Gales, em Preseli Hills, uma cordilheira montanhosa (PEARSON, 2016).

²⁵ Marija Gimbutas (1991), ao analisar a construção do monumento dentro de um contexto cosmológico propiciado pela Deusa Mãe (*Mother Goddess*) – com todos os símbolos possíveis acompanhados - propõe a cor dos sarsen (esbranquiçada), como forma de se referir à cor do ovo: elemento fundamental de fertilidade e renascimento entendido na época.

De modo diferente às companheiras sarsen, torna-se difícil apresentar uma configuração original de tais pedras. Presentes em Stonehenge desde pelo menos o estágio I de edificações, os doleritos sofreram, ao longo do tempo, muitas reorganizações. Os próprios cinco estágios se pautam com base na mudança deles. Em específico, fora o segundo estágio de edificações – onde os grandes sarsens teriam sido pensados – todos os outros estágios tiveram como definição a movimentação e readequação destas pedras²⁶. Compostas por pedras vulcânicas, arenito e calcário cinza-azulado, se dividem, hoje, em cerca de 20 unidades. Contudo, devido às inúmeras quantidades de remodelamentos, não se pode estimar com precisão a somatória delas em época pré-histórica (PHILIBERT, 1994), variando em até 80 fragmentos. Não tão bem posicionadas em uma circunferência, formam a figura aproximada de dois arcos opostos: um que margeia a parte norte interna do Círculo Externo de sarsen, e outro que margeia a parte sudoeste interna do côncavo do semicírculo de trilitos.

Segundo Atkinson (1974), os doleritos parecem estar presentes no raio de Stonehenge até mesmo antes do primeiro estágio de construção. Em seu mapeamento arqueológico da década de 1970, foram encontradas pedras muito semelhantes às do monumento nos montículos do terreno. Pesquisas recentes, de Parker Pearson (2013b), apontam ainda uma possibilidade de que as pedras de um monumento anterior, apelidado de *Bluestonehenge* teriam sido levadas para Stonehenge por meio da Avenida. Assim, além das incógnitas quanto ao meio de transporte até a região (meio natural [glaciações, erosões] ou atividade humana), há ainda dúvidas sobre um possível uso muito anterior à data mais antiga de existência de Stonehenge. Por mais que sejam mais leves que os grandes monólitos, ainda pesam toneladas – exigindo uma rede social de transporte, conhecimento pleno do terreno, dos caminhos, e mecanismos sofisticados.

Ferradura de Trilitos de sarsen

Talvez as estruturas mais imponentes de Stonehenge sejam os Trilitos. Também em material sarsen, são cinco pares do consagrado trio de pedras, formando um semicírculo – ou melhor, uma ferradura – com a abertura voltada a nordeste. Ao contrário da formação de lintéis do

²⁶ Vide apêndice I.

Círculo Externo de sarsen aqui a formação é nomeada por duas colunas de pedras sustentando um *impost* (PETRIE, 1880). De mesma época que o círculo externo (2620 a.C.- 2480 a.C.), tem como essência a proteção e realce da Pedra do Altar (*Altar Stone*), em seu seio. É, de igual forma, no centro deste semicírculo que se tem a possibilidade de se observar o nascer do sol realmente alinhado com a Pedra do Talão – em uma das 27 frações estipuladas por Petrie (1880). Segundo Darvill (2016), o Trílito central dentre os cinco, chamado de Grande Trílito, define o eixo principal de Stonehenge como um todo: nordeste-sudoeste. Em sua abertura, a nordeste, há a linha do solstício de verão sobre a Pedra do Talão. Já em suas costas, a sudoeste, há uma linha para o pôr do sol do dia do solstício de inverno, inclusive. O Grande Trílito é, de acordo com o nome, ainda maior do que os outros, de modo enfático (DARVILL, 2022).

O acesso à mentalidade por trás da construção de tais grandiosas estruturas é de fato difícil, senão quase impossível. Muitas suposições são feitas, como nos aponta Darvill (2016). De portal para outros mundos, passando por representação de deuses protetores, até dualidades entre dia e noite, sol e lua, verão e inverno, vida e morte, e tripartição de mundo: céu, terra e submundo, muitas interpretações simbólicas são cogitadas. Mas, ainda segundo o arqueólogo, “o que os trílitos significavam para aqueles que os criaram, e o que eles representavam individualmente ou coletivamente está longe de ser claro” (DARVILL, 2016: 95). Resta, para a academia dos dias de hoje, a compreensão de que talvez nunca se saberá em totalidade o que significavam para cada uma das diferentes sociedades que os construíram ao longo do tempo pré-histórico. Uma luz, provedora de novas possibilidades, que será desenvolvida posteriormente neste trabalho, é a inserção cada vez maior de Stonehenge em estudos plurais etnográficos, arqueológicos, históricos e outros, acompanhando rumos gerais da sede por conhecimento das ciências como um todo, e em particular das ciências humanas.

Pedra do Altar

Localizada no centro concomitante dos círculos (de terra e pedra) e dos trílitos, a Pedra do Altar é composta quimicamente de arenito vermelho antigo: um material diverso ao padrão sarsen ou dolerito. Medindo 5 metros de comprimento, tem sua origem aproximada encontrada em Senni Beds, uma formação rochosa fluvial do sul do País de Gales (IXER; TURNER, 2006). Por

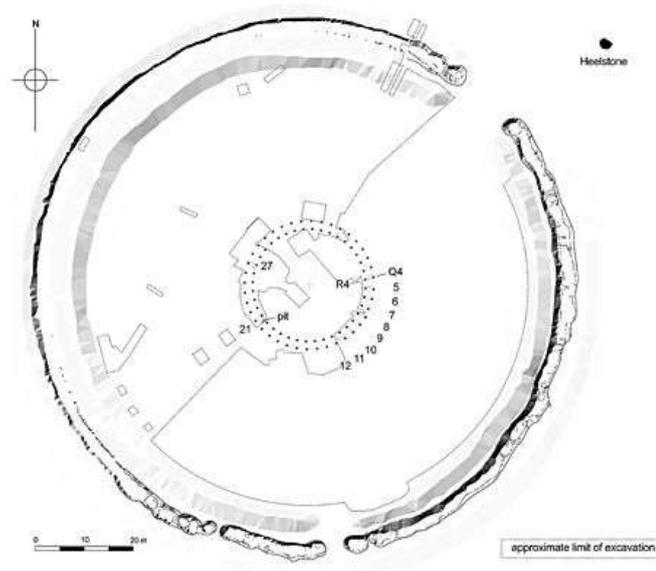
certo, pensar em uma verdadeira “pedra do altar” é cogitar Stonehenge como um lugar ritualístico. De igual maneira aos demais componentes do megalítico, cada estrutura por si só pode indicar muitos eixos de pesquisa (passando pelas 4 teorias já apontadas, de Petrie), variando de categorias físicas (como origem geológica, migrações, datações) à subjetivas dos povos construtores (mentalidades, redes de trocas comerciais e culturais, etc.). Todavia, como aponta Burl (2001), se a posição original da pedra era deitada ou em pé, é material de debate até hoje. Além de não poder integrar a lógica de um altar como o percebemos ou definimos atualmente, há a discussão se ela seria parte de outra estrutura que teria desaparecido (PHILIBERT, 1994).

Assim, extrapolar a discussão estrutural de Stonehenge só será possível de forma lacunar. Ademais ao risco eminente do anacronismo quando se fala em ritualismo e religiosidade – assim como também nas visões astronômicas – de uma Pré-história, há o risco das próprias diferentes fases de construções de Stonehenge. Além de observar que ele foi construído até 1500 a.C., ou seja, *há* 3000 anos atrás, ele foi construído *por* no mínimo outros 2000 anos antes disso.

Buracos Q e R

Richard Atkinson (1979) enumera os Buracos Q e R (**figura 7**). Intrinsecamente ligados aos doleritos, tais cavidades analisadas por ele seriam correspondentes aos lugares anteriores ocupados por tais pedras. Coronel Hawley, com importância fundamental de mapeamento do solo, responsável por ter reencontrado, entre outros, os Fossos de Aubrey, também foi autor da identificação de tais buracos de pedra. Contudo, apenas duas décadas mais tarde, em Atkinson (1979), é que ocorreram os primeiros estudos específicos. Em um duplo círculo envolvendo os trilitos centrais (DARVILL, 2012) construído no estágio II de edificações do monumento, alguns dos doleritos teriam sido posicionados em dois mesmos eixos concêntricos ao Círculo Externo de sarsen (e ao semicírculo de trilitos). Porém, nos demais estágios, tais pedras foram retiradas – para a posição atual, em remanescentes perto dos grandes trilitos e lintéis, ou movidas do monumento e transportadas, por ação ponderada, para outras localidades.

Figura 7: Os Buracos Q e R e suas localizações em relação à terraplanagem antiga



Fonte: SiteHut²⁷

Buracos Y e Z

Por fim, quanto às chamadas pedras estrangeiras (*foreign stones* – doleritos), há os Buracos, denominados pelo coronel Hawley de Y e Z (**figura 8**). Ao contrário dos Buracos Q e R, estes estão localizados no lado externo dos demais monólitos – entre estes e o círculo de terra – de igual forma em um arco duplo, mas em uma sutil espiral. Feitos na fase mais madura de construções do monumento (estágio V: 2020 a.C. – 1500 a.C.), teriam sido o último arranjo de lá. Aparentemente, são incompletos, por serem a preparação (suporte) de doleritos que nunca foram postos (ATKINSON, 1979). Segundo Parker Pearson,

O abandono dos Buracos Y e Z e seus respectivos preenchimentos com solo de campos recém abertos nas proximidades encapsula essa transição de forma muito clara. Esta foi a última vez em que qualquer tentativa de modificação de Stonehenge foi feita – além do roubo de suas pedras. Depois disso, era uma relíquia de uma época

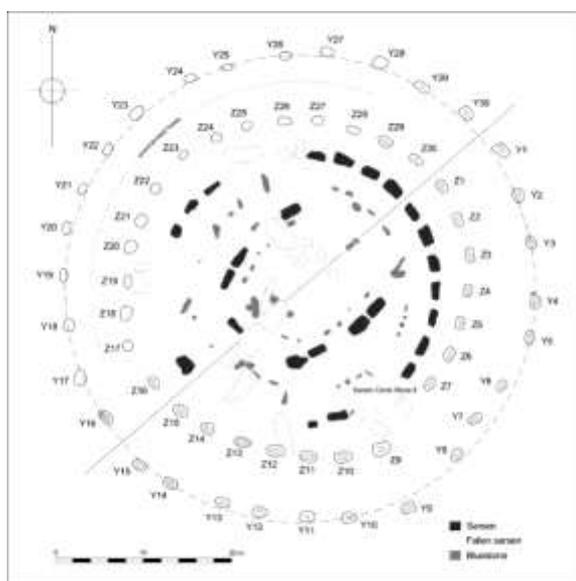
²⁷ Copyright (c) 2021 Sofia Helena Cardoso Rodrigues. Permission is granted to copy, distribute and/or modify this document under the terms of the GNU Free Documentation License, Version 1.3 or any later version published by the Free Software Foundation; with no Invariant Sections, no Front-Cover Texts, and no Back-Cover Texts. A copy of the license is included in the section entitled “GNU Free Documentation License”.

[The Buracos Q e R, their location in relation to the early earthwork. https://en.wikipedia.org/wiki/File:QandR_location.jpg] I created this work entirely by myself. |20:42, 3 August 2008 [Sitehut]. Acesso em: 01 de set de 2021.

passada, rodeada com uma paisagem de campos dispostos em torno dos cemitérios de montículos redondos do início da Idade do Bronze (PEARSON, 2013a: 328).

Hawley dedica alguns de seus relatórios ao estudo do conteúdo deles, porém de forma muito breve (cerca de apenas um dia de pesquisa para cada um deles). Mesmo que nos dias de hoje cada vez mais esforços têm sido pensados para estudo, ainda são uma das estruturas menos desenvolvidas quanto a análises, não tão imponentes nem identificáveis a olho nu pelos visitantes.

Figura 8: Plano dos Buracos Y e Z em Stonehenge mostrando suas relações para com a estrutura de pedra



Fonte: SiteHut²⁸

²⁸ Copyright (c) 2021 Sofia Helena Cardoso Rodrigues. Permission is granted to copy, distribute and/or modify this document under the terms of the GNU Free Documentation License, Version 1.3 or any later version published by the Free Software Foundation; with no Invariant Sections, no Front-Cover Texts, and no Back-Cover Texts. A copy of the license is included in the section entitled “GNU Free Documentation License”.

[Plan of the Buracos Y e Z at Stonehenge showing their relationship with the stone structure]
<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Y-Z.jpg> | Own work by uploader: from original published in 'Solving Stonehenge' | November 2007 | Sitehut | CC BY-SA 3.0 <<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/>>, via Wikimedia Commons. | Acesso em: 02 de set de 2021.

CAPÍTULO 2

Stonehenge antiquário: um panorama das continuidades e rupturas oitocentistas

Se a própria apresentação das estruturas de Stonehenge exige exposição de pesquisas que as cogitam e percebem, cabe agora a apresentação e introdução da ótica pioneira dos observadores para com estas mesmas. Aubrey Burl (1999), arqueólogo com 30 anos de experiência nos círculos de pedra britânicos, indica três tipos diferentes de exploradores deste tipo de monumento (além de turistas maravilhados): os pesquisadores objetivos, tais quais matemáticos, astrônomos e demógrafos; os arqueólogos propriamente ditos, os quais escavam, conservam e hesitam em dar especulações; e por último, mas não menos importantes na propagação de heranças de teorias, os subjetivos-emocionais. Ademais das vertentes e disciplinas quanto ao estudo do monumento, bem como as diferentes abordagens para entendimento das estruturas como pertencentes ao contexto maior, dois principais suportes de documentos, usados como fontes primárias, diferem o seu estudo.

Para pesquisas atuais de Stonehenge em seu tempo – ou seja, época de construção e usos concomitantes – a análise é feita a partir da materialidade do sítio. Isto é, partindo da inexistência de documentos escritos que poderiam prover acesso e transmissão de um pensamento do próprio período, a Arqueologia, caracterizada pelo estudo dos remanescentes humanos, é a principal esfera que pode trazer evidências deste passado, dos sujeitos, sociedades e quiçá mentalidades. Contudo, outra fonte fornece informações para estudo de eruditos anteriores à Arqueologia enquanto disciplina consolidada preocupados em estudar e conhecer o monumento: documentos escritos. Ao longo de mais de 400 anos têm existido esforços sistemáticos por compreender a origem de Stonehenge, os quais temos acesso por suporte escrito. Desta maneira, além da existência fundamental do monumento, eles permitem a elucidação dos primeiros pensamentos que o inserem dentro de lógicas geográficas e culturais – pensando ainda nos entendimentos de Stonehenge como as quatro teorias que Petrie (1880) sintetiza: astronômica, monumental, religiosa, sepulcral. E, muito em contato com uma ancestralidade simbólica, os exploradores subjetivos-emocionais, citados por Burl, transmitem até hoje tais teorias propostas pelas primeiras fontes escritas – que não necessariamente acordam com os outros dois tipos de estudiosos. Porém, de forma essencial para a História e Arqueologia, apontam também fragmentos de descrições históricas de contexto social e físico,

para comparações e compreensão de mudanças da história – ao fim e ao cabo objeto fundamental de suas análises.

Com efeito, após um período que pode vir a ser mencionado, *a priori*, como “séculos obscuros” (PHILIBERT, 1994)²⁹, as primeiras notícias sobre Stonehenge provêm do que se chama de época pós-romana, não mais em pré-história. Porém, não se percebe mais um uso primário do monumento como lugar ritualístico, sepulcral ou demais hipóteses de finalidade. Como a frase de Parker Pearson (2013a: 328) que encerrou nosso capítulo anterior bem coloca, Stonehenge passa a ser relíquia de uma época passada, rodeada com uma paisagem de campos. E, a partir da Idade Média, tal relíquia tentava ser compreendida e analisada, não apenas usada. Em outras palavras, a partir dos relatos dos pseudo-historiadores, as pesquisas atuais percebem que o monumento havia passado, nos “séculos obscuros”, por um processo de sucateamento – parara, ao longo de pelo menos um milênio, de ser pensado como elemento da prática cotidiana e tornara-se parte da paisagem. Agora, por outro lado, era entendido dentro da lógica daquele tempo que o analisava, mas interpretado sempre como fonte de um passado “nacional”³⁰. Todos os escritos até então encontrados voltados a ele de modo específico, iniciados porventura por Nênio (PETRIE, 1880), com *Historia Brittonum* (W. GUNN, 1819), já o têm como elemento formador histórico. No entanto, Alain Schnapp (1996: 34), explicando o que pode ser visto como a origem dos exploradores de Burl, coloca que “enquanto alguns indivíduos perguntaram rigorosamente sobre as origens dos objetos e monumentos, a maioria de seus contemporâneos preferira ver esses mesmos objetos como o produto dos poderes mágicos de seres misteriosos ou estranhos fenômenos naturais”.

Mais tarde, passando para uma existência antiquária, Stonehenge continua a ser integrado em lógicas de elemento formador do território, mas desta vez com menos carga alegórica fantástica. Isto é, ainda que não estabelecido academicamente, nem financiado a partir de grupos de universidades regulares, o estudo do megalítico começa a apresentar elementos

²⁹ Segundo a autora, após a última fase de construções do monumento, um estado de decadência é constatado. Além de novas mudanças climáticas, bem como possíveis crises ecológicas, há discussão dentre os pré-historiadores do tema sobre quais conjuntos de fatores que teriam afastado o público de Stonehenge nesta temporalidade. Por um lado, alguns optam por um viés pacifista, no qual o clima, a falta de alimentos e comércio teriam afastado gradativamente as comunidades da região por um tempo. Outros, em um caráter mais violento, propõem migrações, invasões e destruições por grupos externos, inclusive romanos. Outros, ainda, como o próprio Atkinson (1979), propõem estágios de destruição deliberativa, que se sucederiam aos estágios de construção deliberativa. Tal temporalidade é ainda definida como “obscura” por conter um hiato de informações, na qual a datação de radiocarbono e outras formas de análises físicas são imprecisas, e onde não há, ainda, relatos escritos.

³⁰ De acordo também com Trigger, muitas vezes estes tipos de crônicas eram escritos “com o único propósito de apoiar, ou contestar determinados governantes. Por exemplo, Geoffrey de Monmouth, que escreveu no século XII, deu mais destaque ao passado britânico da Inglaterra do que ao legado anglo-saxão, para agradar seus senhores normandos” (TRIGGER, 2004: 45).

metodológicos, de observação, hipótese e escavação. Incluindo tal situação num fluxo geral de movimento derivado do Renascimento (TRIGGER, 2004: 46), os antiquários agora numa sede por retomada saudosa ao passado Clássico usavam as antiguidades locais como um substituto aceitável, e acessível, das greco-romanas. Nesta via, a coerência antiquária se dava para coleções e acúmulo de evidências e fatos do “passado” – ainda não definido como pré-histórico³¹. De modo diferente à História dos dias de hoje (enquanto estudo dos homens no tempo), para os antiquários, o objeto incomum (ou monumento) era a única fonte necessária para contato ao tempo anterior, imutável e indiscutível. Ainda que revolucionário quanto ao estudo da tradição escrita (SCHNAPP, 1996), os estudos antiquários fizeram uso de poucas escavações, as quais eram feitas de formas deliberadas, mas que não tinham noção de cronologia além da própria já dada pelos documentos escritos. Em concordância com Trigger, “tal como os arqueólogos clássicos, [os antiquários] procuraram explicar os monumentos antigos associando-os com povos mencionados em relatos históricos” (TRIGGER, 2004: 48, grifo nosso). Ainda assim, tais fontes são essenciais para as bibliografias dos dias de hoje. Com a leitura de Petrie (1880), nossa fonte principal do século XIX, vimos que é necessário entender Stonehenge antiquário, já que segundo ele, reiterado por Parker Pearson (2013b) e Chippendale (1986a), os mapeamentos físicos foram quase todos constatados muito antes da consolidação da Arqueologia em si, ficando a cargo dos antiquários³², e apenas sendo revistos com o passar do tempo.

Além disso, para pesquisas atuais, os antiquários têm ainda outro papel fundamental. William Stukeley (1724), com sua pesquisa acerca das áreas de Stonehenge e Avebury no início do século XVIII, foi observador cuidadoso desta paisagem antes dos desmatamentos agrícolas e trabalhos comerciais de pedreiras dos séculos XVIII-XX. Da mesma forma que John Aubrey, viajando extensivamente a cavalo através de Wiltshire, foi capaz de documentar monumentos de pedra e distribuições sarsen que há muito foram destruídos ou removidos (PEARSON, 2016: 365). À vista disso, apresentamos de modo breve as fontes medievais contidas nas próprias obras das temporalidades contemporâneas estipuladas por nós, no esforço de compreender a herança atual de seus pontos de vista. De igual forma analisamos as antiquárias, desta vez usadas em peso pelas nossas fontes primárias. E, como conclusão do capítulo, analisamos

³¹ Já que a consideração de uma extensão temporal até a Pré-história só teria sido proposta após uma dissociação do tempo bíblico, entre fins do séc. XVIII e o séc. XIX. Vide (BICHO, 2006) (TRIGGER, 2004).

³²Em nossa pesquisa, quanto mais procurávamos por fontes do período, mais numerosas estas se faziam. Estudos antiquários mais ou menos próximos a Stonehenge enquanto estudo de caso são abundantes. Todavia, dado o período estabelecido no cronograma para leitura de fontes – bem como o período total da bolsa, optamos por dar ênfase principalmente nas fontes antiquárias citadas e usadas, principalmente, por Petrie.

panoramas de rupturas e continuidades de todo o histórico de estudos de Stonehenge, verificando a plausibilidade da divisão heterogênea das épocas.

Stonehenge na Medievalidade

O que se entende hoje por pré-história se estende de todos os momentos de evidência hominídea até a definitiva inserção de escrita na humanidade. Contudo, muito já se debateu sobre a legitimidade e aplicabilidade de tal modelo, visto que a ausência de escrita não significa ausência de desenvolvimento humano, logo impossibilidade de fazer e ser história (DANIEL, 1962) (COLLINGWOOD, 1972). Teorias de racismo científico, nascidas em mesma época que a dissociação de um tempo não bíblico permitiu o recuo contemporâneo da ideia de um tempo anterior à Era Comum, atribuíram ao conceito de Pré-História sentidos muito mais sociais do que cronológicos. Desta forma, o conceito tem heranças de eurocentrismos, hegemonias e alteridades em uso até hoje – já que, além da advinda da escrita, uma história, em contraste com uma pré-história, seria também evidenciada pela presença de cultura material exótica pertencentes a sociedades letradas. Porém, quando aplicado de modo ponderado, justificado com bases cronológicas e proporcionais à Europa³³, pode auxiliar o arqueólogo a se diferenciar do historiador *enquanto pesquisador de fontes não escritas*. Possibilita, assim, a interdisciplinaridade medida e mapeamento em frentes diferentes a fim de estabelecer similaridades que abrem caminho a críticas e conhecimento cruzado da história. Então, tendo em mente que ainda na Europa a cronologia varia de acordo com a localização e o contato com diferentes fluxos migratórios, estabeleceremos como “pré-história” britânica todo aquele período anterior à chegada dos romanos em seu território (DANIEL, 1962), data específica na qual os primeiros escritos descrevem e trazem a história escrita da ilha: 43 a.C.

³³Fazendo uso da argumentação de Pedro Paulo Funari, nosso orientador, acerca do complexo tema, o que entendemos por Pré-História, e consequentemente História, varia de acordo com a aplicação do uso. Se pensarmos em Pré-História europeia, a mesma “sempre foi definida como o período anterior à escrita, estudado pelos ‘pré-historiadores’”. Já no continente americano, por exemplo, “o estudo da Pré-História surgiu em outro contexto. Nas américas, a vinda dos europeus [logo de um sistema de escrita nos padrões europeus] quase sempre significou o massacre e a escravização. [...] A História era, e em certo sentido continua sendo, a História da civilização europeia (ou Ocidental), e não indígena. [...] Nesse contexto, no continente americano adotou-se o termo Pré-História para se referir ao período anterior à chegada de Colombo”. Vide: (FUNARI, 2002: 14, grifo nosso).

Nota-se também, uma atual preferência das historiografias, sobretudo americanas, em fazer uso da expressão passado profundo (*deep past*) ao invés de pré-história, já que a divisão brusca entre uma pré-história e uma história do mundo colonial perde a possibilidade de uso da historicidade embutida na materialidade para examinar, desconstruir e re-representar narrativas (SCHMIDT; MROZOWSKI, 2013) (LIGHTFOOT, 1995).

Diodoro da Sicília, também dito Diodoro Sículo, reconhecido por ser um predecessor historiador grego do século primeiro a.C., é o primeiro a descrever de modo breve o que seria Stonehenge. Preocupado em mapear o novo território conquistado, não tinha preocupações nem maravilhamentos acerca do megalítico. Apenas o entendia como elemento pertencente à paisagem. Desta forma, inclui, em sua *Bibliotheca Historica* ou *Historia Universal* – o maior conjunto de livros sobre a história de Grécia e Roma do período – uma curta menção:

(...)face ao país dos Celtas, um pouco para o norte, existe uma ilha tão grande como a Sicília (...). Pode também admirar-se nesta ilha, um majestoso bosque sagrado, de grande beleza, consagrado a Apolo, assim como um magnífico templo, de forma circular, decorado com toda a espécie de oferendas; a cidade destes insulares também é dedicada a Apolo, sendo os seus habitantes, na sua grande maioria, tocadores de cítara, que, no templo, não cessam de celebrar os louvores do deus (Diod. Sic. II, 47.1-3. *apud* FERRY e VERHEIDEN, 1976: 17).

Ainda que a primeira referência a Stonehenge como *elemento histórico* tenha sido dada, até então, por Nênio (PETRIE, 1880), Diodoro aborda Stonehenge enquanto paisagem, reiterando o aspecto de naturalização dele. Aqui, ele não está preocupado em esclarecer o monumento frente ao território novo, só o menciona a partir do que entende como simbologia possível. Ademais de Diodoro, Petrie (1880) faz um breve panorama sobre escritos romanos que mencionam círculos de pedras, ou santuário de pedras – os quais não se pode ter certeza de referirem-se ao nosso Stonehenge, por serem descrições deveras vagas.

Por sua vez, os primeiros escritos de Stonehenge em si provêm de um começo da época medieval. Nela, os túmulos e monumentos líticos de forma geral passaram a ser registrados em *crônicas* e tornavam-se, assim, participantes de contos históricos populares (TRIGGER, 2004). Herdadas até hoje pelos “observadores subjetivos-emocionais”, tais narrativas épicas comprovam a força da tradição oral aliada com a escrita, e importância da popularização da curiosidade primordial como componentes históricos. Em palavras de Schnapp, “o monumento como um objeto de interesse tem apelado tanto à imaginação quanto à razão” [...]. Assim, “a história da arqueologia não pode ser divorciada desta dicotomia que, de certa forma, é parte integrante do assunto” (SCHNAPP, 1996: 13).

Nesta linha, Schnapp propõe três etapas de interesse ao monumento: curiosos; antiquários; e, por fim, arqueólogos. Parker Pearson (2013b), substitui, não de propósito, os primeiros pelo termo *pseudo-historiadores*. Tal variação se dá, justamente, pela diferenciação do suporte nos quais a observação do objeto se concentra. Antes da institucionalização do impulso por se retomar ao passado através dos artefatos e monumentos, as crônicas e os

compilados escritos do que se era conhecido eram a divulgação histórica de uma continuidade bíblica (TRIGGER, 2004).

Geoffrey de Monmouth se encontra nesta posição. Ademais de ser um dos mais famosos cronistas britânicos em geral, foi o principal compilador das lendas arturianas. Em 1136 d.C., no cerne da Idade Média, escreve sua magna obra: *Historia Regum Britanniae*. Em um misto de lendas, mitos e fantasia, alia algumas plausíveis descrições sobre tempos pré-romanos com uma coleção de árvores genealógicas das casas governantes de seu período (PIGGOTT, 1941). Contudo, Stuart Piggott aponta importante ponte de Monmouth com Nênio, cerca de dois séculos antes, e sua comumente associada *Historia Brittonum* (850 d.C.³⁴).

A autoria da obra ainda é questão de debate entre os medievalistas, já que atribuições a um sujeito anglo-saxão anônimo, a “São Gildas” e à “Marcos, o Eremita”, também são feitas (W. GUNN, 1819). Mas, para nós, o que deve mais ser considerável é que a *Historia Brittonum* – transcrita em posterior por W. Gunn, em 1819, a partir de um manuscrito descoberto na biblioteca do Palácio do Vaticano, em Roma – foi fonte principal para Geoffrey de Monmouth. Nênio, ou Nennius, ou quem quer que tenha sido o autor da obra, faz de igual modo uma retomada ao passado formador da Inglaterra, e, neste caminho, já coloca Stonehenge como um dos elementos históricos. Mantendo a escassez de fontes e informações sobre o período, continuando de certo modo os “séculos obscuros”, tal obra é um outro compilado de informações já existentes sobre os séculos V e VII das Ilhas Britânicas. Mesmo que vaga e de caráter histórico duvidável, deixando ainda muitas lacunas e silêncios dos eventos destes séculos ingleses, é um dos pontapés iniciais para as lendas do rei Arthur, já atribuindo Stonehenge ao mago Merlin. *Historia Brittonum* é, pois, dividida em partes interligadas. Iniciando-se por passagens e personagens bíblicos, tal obra aborda de modo especial a descendência destes em território britânico. E, nisto, narra tanto possíveis fatos históricos, como fabulosos (W. GUNN, 1819). Ou seja, dentro de uma concepção de que o território da Ilha teria um tempo passado, ainda que de total modo dentro do tempo bíblico do Oriente Médio, Nênio coloca sua mística percepção de mundo para explicar algo que seria extraordinário, mas identificado e participante da paisagem cotidiana.

Geoffrey de Monmouth, por sua vez, é mais corrente que Nênio. Muito tomado por objeto de pesquisa pelos historiadores e literários dos dias de hoje, pode indicar, quando comparado com demais crônicas e fontes escritas (tais como árvores genealógicas) alguns pontos históricos, e também cognitivos desta época ainda tão desconhecida. Sua narrativa de

³⁴ Data estimada (PETRIE, 1880).

Stonehenge, abundante a partir do capítulo décimo de *Historia Regum Britanniae* (“Aurelius is advised by Merlin to remove the Giant’s Dance from the mountain Killaraus”³⁵), aponta a finalidade da construção do monumento, bem como do processo de transporte das pedras e mão de obra. Todavia, aqui, lugares reais são mesclados com pessoas e eventos fabulosos. Segundo ele, o monumento³⁶ seria um lugar funerário, para homenagem dos nobres britânicos mortos pelos saxões. Nesta via, Merlin, mago folclórico britânico, teria sido responsável por teletransportar as grandes pedras de longínquos lugares (Norte da África e montanhas do País de Gales). E, ainda, lá chegando, as pedras teriam sido posicionadas por gigantes (LOOMIS, 1930).

Laura Loomis, que analisara de modo especial a contribuição de Geoffrey de Monmouth para o ideário de Stonehenge, aponta os seguintes elementos (os quais chama de “mais ou menos factuais”), presentes numa filtragem dos elementos ficcionais na evolução de acontecimentos acima mostrada:

(1) Stonehenge era um grande círculo de pedra chamado Dança dos Gigantes; (2) foi usado como monumento funerário, embora não tenha sido originalmente erguido para esse fim; (3) foi construído com pedras que eram Pedras de Adoração, Mystici Lapides, (4) pedras que foram trazidas de longe; e (5) estava relacionado de alguma forma aos círculos de pedra na África e na Irlanda (LOOMIS, 1930: 401).

Em continuidade, Giraldus Cambrensis, outro nome citado por Petrie (1880) como formador da visão medieval de Stonehenge, é o mais recente, dos três aqui referidos. Em 1180 d.C. escreve *History and Topography of Ireland*, onde repete a narrativa derivada primeiramente de Nênio, e aprimorada por Monmouth (BALLYCARNASSUS, 1998). No Capítulo XVIII de sua obra (“Of the Giant’s Dance, which was transfered from Ireland to British”), coloca Geoffrey como um produtor de histórias britânicas. Nele, descreve o caminho das pedras e a origem mística, assemelhando-se a Monmouth:

Em tempos antigos, existia na Irlanda um notável amontoado de pedras, chamado *the Giant’s Dance*, já que os gigantes o trouxeram para a Irlanda de longínquas partes da África [...]. Assim, as pedras exatamente semelhantes às outras, e erguidas da mesma maneira, são vistas ali até os dias atuais. É maravilhoso como essas pedras, em tais números e de tão vasto tamanho, poderiam ser reunidas em um único lugar [...]. De acordo com a História Britânica, Aurélio Ambrósio, rei da Grã-Bretanha, fez essas 96 pedras serem transportadas da Irlanda para a Grã-Bretanha com a ajuda divina de Merlin; e a fim de deixar algum memorial de um feito tão grande, foram erguidas no local onde, antes desse tempo, a flor da juventude da Grã-Bretanha morreu pela faca

³⁵ Ainda que já aparecendo um pouco antes, nos livros 8, 10 e 11. Fonte disponível em: https://www.yorku.ca/inpar/geoffrey_thompson.pdf. Acesso em: 17 de out de 2021.

³⁶ Chamado por ele de Dança dos Gigantes (*Giant’s Dance*).

escondida dos Saxões, os quais caíram por cima dela e mataram, sobre o disfarce de paz, com suas armas traiçoeiras (FORESTER; WRIGHT, 2000: 44).

Isto posto, percebe-se uma repetição de elementos verossímeis, políticos, e também dos mitos por toda essa cosmologia cronista. Podemos, em conclusão, verificar três elementos característicos de Stonehenge medieval. Em primeiro lugar, os cronistas teriam escrito para apoiar os governantes locais, e contestar a presença saxã (TRIGGER, 2004). Em outras palavras, tais eruditos orgulhosamente proclamavam que o Rei Arthur, e antes dele, Brutus, tinham conquistado a maior parte do mundo (KENDRICK, 1950) – *sempre* em continuidade a uma realidade bíblica que se iniciou no Oriente Médio. Em segundo lugar, tem-se, como dito, uma grande perduração, quase linear, de elementos fabulosos e folclóricos. A colocação de Merlin em mesmos terrenos que compreensões do que a mitologia celta era, e a prática da manutenção política com base nesse histórico lendário, indica uma participação e manipulação da mentalidade social. E, como terceiro ponto, que culmina os outros dois, temos uma sobreposição de história cotidiana, religiosidade, misticidade, e, ainda, poder e política.

Portanto, conforme já falado por Jacquetta Hawkes, e como confirmaremos cada vez mais daqui pra frente: Stonehenge é muito mais um fruto de seu tempo do que da pré-história. Em suas palavras, “cada época teria o Stonehenge que merece – ou deseja” (HAWKES, 1967: 01). A pluralidade de esferas do intelecto humano e de representações sempre esteve presente. Nasceu com a edificação das pedras, desenvolveu-se com imaginário de diferentes épocas, e chega hoje com novas perspectivas do intelecto; bem como recebe a herança de todas essas existentes, em um acumulativo crescente.

Stonehenge na Modernidade: Antiquários

A subjetiva passagem da Idade Média para a Idade Moderna representara não só mudanças de âmbitos cronológicos e culturais, mas também em esferas de abordagem do passado. Com a cada vez maior aceleração temporal, crônicas apocalípticas de início e fim de mundo começam a abrir espaço para uma curiosidade para com passados “nacionais”. Com a advinda do Renascimento, tais retomadas aos elementos formadores teriam iniciado com perspectivas greco-romanas. Com o avanço da Modernidade a dentro, cada vez menos visões escatológicas

são trazidas à tona, e maiores aprofundamentos são feitos – tornando-se possível diferenciar Antiguidade, Idade Média e presente (modernidade). Segundo Reinhardt Kosseleck (2006), ao longo de três séculos, essa transformação de mentalidades – além das considerações históricas propriamente ditas – molda a forma de se entender os elementos do presente. E, da mesma via, as análises, de Stonehenge agora ditas antiquárias, acompanham tais mudanças.

São genericamente chamados de antiquários todos aqueles estudos do megalítico que se dispõem a partir de, pelo menos, William Camden, em 1586 (SCHNAPP, 1996). Nesse sentido, antiquários, no geral, seriam aqueles que em um momento inicial pautariam seus trabalhos por três categorias de ação: topografia de monumentos, levantamento geográfico e descrição analítica das obras da civilização analisada (MANDOWSKY; MITCHELL, 1963: 14). Trigger (2004), de modo especial, define os antiquários do Norte da Europa como subcategorias específicas dentre os antiquários em geral. Schnapp (1996), usando argumento semelhante, mostra a conjuntura específica do desenvolvimento inglês em detrimento dos clássicos antiquários italianos. Aqui, o não pertencimento ao núcleo do antigo Império Romano fez com que a busca por megalíticos não necessariamente legitimasse o passado nacional, mas sim oferecia sucesso com a aquisição de novos conhecimentos – progressivos e progressistas. Ainda de acordo com o autor, a arqueologia praticada pelos antiquários ingleses, pelo menos em seu início, se distinguia como uma combinação do estudo de fontes somado a uma peregrinação (SCHNAPP, 1996: 140). Schnapp ilustra isso a partir de William Camden, que, além de ser o primeiro antiquário a tratar Stonehenge³⁷, foi um dos primeiros antiquários de toda a Grã-Bretanha. Embora existissem outros tipos de antiquários definidos por Trigger e Schnapp, percebemos, percebemos justamente uma perduração da caracterização antiquária britânica. Pearson nos aponta ao retomar William Stukeley, dois séculos à frente, um importante trabalho topográfico. Segundo ele, “é surpreendente ver como pouca pesquisa foi dedicada desde os dias de Stukeley para estabelecer fontes para os sarsens de Stonehenge. Marlborough Downs continua sendo a fonte mais provável (...)” (PEARSON, 2016: 368).

Entretanto, por mais que os antiquários ingleses tenham essa certa característica definidora comum quando comparados com demais antiquários da Europa continental, há uma diferença temporal que os separa entre si. Iniciam ainda numa mentalidade que mesclava o misticismo dos druidas com gabinetes de curiosidades, e terminam em tempos paralelos aos

³⁷ Vale ressaltar que, embora William Camden teria sido o primeiro antiquário a tratar de Stonehenge, existem algumas aquarelas (pitorescas, e não científicas), cerca de dez anos anteriores à escrita de sua obra, que retratam escavadores no sítio. Por exemplo, *The site of Stonehenge*, de Lucas de Heere (1574) e *The site of Stonehenge*, de R.F. (1575). Vide (SCHNAPP, 1996, pp. 150-151).

arqueólogos. Então, o que pode ser dito como ruptura entre os cronistas e os antiquários, visto que Wiliam Camden na capa de *Britannia* (1600) (**figura 9**) propõe ainda a ideia de um esqueleto muito semelhante a um gigante construtor de Stonehenge, e William Stukeley reconheceu-se adepto ao druidismo³⁸?

Figura 9: Capa de *Britannia*



Fonte: Research Gate³⁹

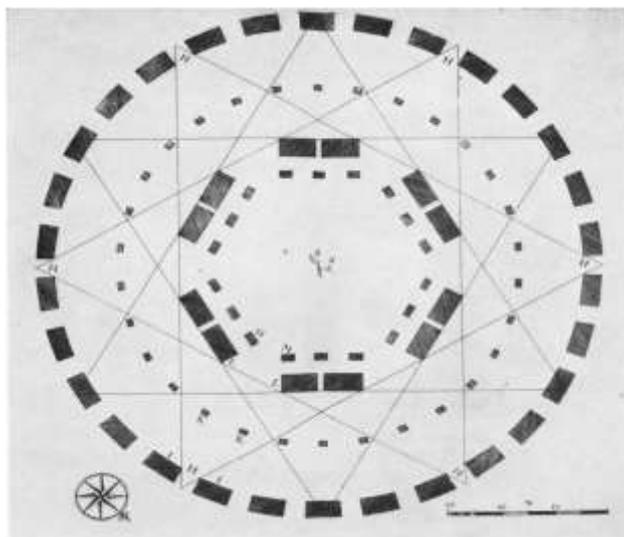
Se houver alguma, seria, pois, o início de pesquisas sistemáticas. Isto é, além de observações pontuais feitas pelos cronistas enquanto sujeitos participantes e observadores da paisagem, a partir dos antiquários, a constante manutenção de campos de pesquisa define uma plausível separação. É no estrato dos antiquários gerais que nascem ciências como a topografia, a estratigrafia e a escavação. E os britânicos têm sucesso, portanto, nos campos da cartografia arqueológica, descrição da paisagem e listagem de monumentos, em específico. Contudo, não apenas com antiquários é que o antiquarismo de Stonehenge se faz. Arquitetos e demais intelectuais modernos também elaboraram perspectivas acerca do megalítico que hoje vemos como antiquárias. Inigo Jones, o primeiro deles no estudo de caso, teve como discípulo John Webb, outro grande nome da arquitetura inglesa. Juntos, propuseram um dos primeiros estudos

³⁸ Sendo que suas ideias drúidicas foram base para a criação da *Ancient Order of Druids* (FERRY e VERHEIDEN, 1976: 22), organização religiosa fundada em 1781 (Fonte disponível em: <https://www.britishmuseum.org/collection/term/BIOG257405>. Acesso: 28 de out de 2021).

³⁹ Fonte disponível em: https://www.researchgate.net/figure/William-Camdens-Stonehenge-from-the-1600-edition-of-Britannia-Camden-1610252_fig7_332169306. Acesso em: 03 de nov de 2021.

arquitetônicos do monumento, que até outrora era muito mais integrado em um panorama simbólico-mitológico. A partir de argumentos vitruvianos, Inigo Jones, em *The Most Notable Antiquity of Great Britain Vulgarly Called Stone-Heng on Planície de Salisbury* (1655), vê o monumento como um templo construído durante a ocupação romana tardia (TAIT, 1978). Na obra, Jones tem como preocupação uma análise geométrica da estrutura (**figura 10**), comparando-a com teatros e templos romanos – já que, em sua opinião, Stonehenge seria um local construído por romanos, e dedicado ao deus criador Caelus (Urano, em grego). Além disso, trabalha ainda na observação de segmentos quadriláteros, ao invés dos corriqueiros círculos concêntricos: hexágonos, triângulos e quadrados (TAIT, 1978). É, também, um dos primeiros a propor um plano do monumento – o qual, no futuro, resultará no apurado plano de Petrie (1880). Todavia, tal plano representaria um estado ideal de Stonehenge, no qual não haveriam falta de pedras, e nem ação do tempo.

Figura 10: Plano de Inigo Jones de Stonehenge reconstruído



Fonte: Stone-Heng⁴⁰

John Webb, por sua vez, aprendiz e genro de Jones, ademais de ter editado a obra do sogro, teria tido uma preocupação mais histórica e literária em *A Vindication of Stone-Heng* (1665), dez anos mais tarde (TAIT, 1978). Bem inserido nesse viés de Stonehenge pós-romano, ele, seguindo seu mentor, manteria uma relação próxima com a família real britânica. Mas, de mesma forma que o primeiro, por não ser um antiquário, não teria tido preocupações com colecionamentos e os aspectos definidores do antiquarismo arqueológico, mantendo-se num

⁴⁰ TAIT, 1978.

meio termo entre preocupação arquitetônica (*architetonic scheme*) e comparação literal com informações históricas escritas herdadas do passado (medieval). Porém, neste meio tempo (fins do século XVI e inícios do XVII), não existiu praticamente nenhum outro trabalho de compreensão histórica. Alguns outros nomes, assim como Jones e Webb, pipocam como antiquários de pontos de vista muito pontuais das planícies da Inglaterra (PIGGOTT, 1950). Apenas com a reedição de *Britannia*, feita por Edmund Gibson (1695), é que o antiquarismo, agora com um fundo topográfico, ganha outro suspiro. Foi justamente esta obra, implementada e comentada, que permitiu a recuperação de estudos anteriores não difundidos, e estudos novos, sobre uma perspectiva de objetos em si, mesclados com a história natural do contexto e a história humana.

Um destes estudos recuperados, e popularizados, foi *Monumenta Britannica*, de John Aubrey (1666). Com demanda advinda do rei Carlos II (PHILIBERT, 1994), o antiquário, com uma extensa obra topográfica e de escavação, trabalha em Stonehenge e faz descoberta fundamental para compreensão e *link* do megalítico para com seu contexto, que só seria retomada no século XX: os Fossos de Aubrey. Ele, assim como William Stukeley, é um dos antiquários mais preocupados com o contexto ambiental e topográfico dos arredores do monumento. Responsável por ter identificado os Fossos de Aubrey, nomeados assim por Coronel Hawley (1921), John Aubrey é o primeiro a olhar Stonehenge como um complexo de estruturas, e não um fato completo em si. Nesta linha, é também o primeiro a descobrir o sítio arqueológico de Avebury (PIGGOTT, 1950).

Por meio de uma longa visita ao interior do país, Aubrey chega a conclusões visuais e também subjetivas. Fisicamente, conclui que os sarsen de Stonehenge eram do mesmo tipo de pedra do que as encontradas a cerca de 14 milhas de lá, em um extrato de solo perto de Marlborough Downs (PEARSON, 2016). Mas, subjetivamente, além de toda a densidade adquirida com pesquisas de campo, outra temática ganha força, perdurando até os dias de hoje. Ao invés de ver o megalítico como fruto dos romanos, como era usual até então, Aubrey passa a associá-lo aos *druídas*, outra figura mística – desta vez não fabulosa como Merlin e gigantes. Ou seja, com as observações físicas de campo, John Aubrey cria teorias num campo religioso. Tanto ele, quanto depois Stukeley e demais antiquários, parecem sempre estar circulando na tênue linha entre o que reconhecemos atualmente por cientificismo e religiosidade. William Stukeley, o maior e mais controverso antiquário, canonizado por seu trabalho topográfico sem precedentes, é criticado por ter dado, em um momento mais maduro de sua vida, características religiosas às suas teorias. Segundo Stuart Piggott, grande estudioso dos antiquários, “o valor

intrínseco de seu trabalho não tira o valor das ideias [religiosas] crescentes na sua mente” (PIGGOTT, 1950: 92, grifo nosso). Contudo, a crítica historiográfica dos dias de hoje deve ter em mente, para fugir de um anacronismo, que Aubrey, Stukeley, e qualquer um desses antiquários (ou até mesmo os cronistas), são, antes de mais nada, homens frutos de seus tempos. Desta forma, além da observação de suas bibliografias de campo, deve-se estudá-los como sujeitos-objetos também, e não apenas ignorar ou considerar como descartável estes aspectos de seus “subjetivos”.

John Aubrey, replicado por William Stukeley determinara a origem dos sarsens. Parker Pearson (2016), assim como muitos outros nomes das investigações de hoje, ainda fazem uso destes mesmos escritos no embasamento bibliográfico atual do megalítico. A hipótese da origem dos sarsens permanece a mesma. Desse modo, nota-se uma contribuição fundamental de todos os estudos antiquários – pois foram os primeiros a perceber a pluralidade de estruturas, objetos e pertencimentos ao imaginário. Stukeley, era, inclusive, formado como médico. considerava apenas como hobby as visitas ao interior do país. Na segunda década do século XVIII, fez cerca de doze excursões, durante os verões, para mapeamento topográfico. Trabalho de valor inestimável, já que, com a urbanização, muito dos lugares levantados estão cobertos pela rede urbana e industrial, alguns artefatos foram, inclusive, destruídos. Ao voltar para Londres, já nos anos 1720-1730, torna-se o primeiro secretário da mais nova Sociedade dos Antiquários de Londres (*Society of Antiquaries of London* [PIGGOTT, 1950]). A partir desta relação, faz estudos secundários de antiquarismo formal, tornando-se legitimamente antiquário.

Segundo Darvill (2016), William Stukeley, médico, deísta e político, por fim fora o primeiro a perceber o alinhamento com o solstício. De mesma forma, teria sido o primeiro a denominar de trilitos as estruturas centrais de Stonehenge (PIGGOTT, 1950), contribuindo em grande medida para o conhecimento do monumento. Stuart Piggott, crítico de sua passagem e, coincidentemente, outra de nossas fontes primárias - duzentos anos à frente, coloca por fim três principais influencias na mentalidade de Stukeley: o antiquarismo, a religião (bíblica mesclada à fantasia do druidismo) e até mesmo o Romantismo. Com o passar o tempo, cada vez mais destas visões cosmológicas e externas à metodologia topográfica pareciam entrar na mente de Stukeley – o qual deixa escorrer em suas páginas suas percepções. Segundo Trigger (2004), ele tinha uma ideia “*obcecada*” de degeneração quanto ao monumento, onde a religião dos antigos druidas era uma sobrevivência relativamente pura do monoteísmo primordial e, portanto, proximamente aparentada ao cristianismo. Contudo, concluímos que tais esferas não se misturam em uma mesma obra. Estudar o homem William Stukeley é em partes diferente de se

estudar suas obras em individual. Ao decorrer dos anos, outras relações teriam possibilitado novos pensamentos aflorarem dentro da cosmologia do antiquário. *Itinerarum Curiosum* (1724) e *Stonehenge: a Temple restored to the British Druids* (1740), que podem ser vistas como obras paradoxais, devido ao caráter analítico da primeira, e simbólico da segunda, distam 20 anos entre si. A crítica e análise do percurso de Stukeley nesta temporalidade devem ser, por fim, diferentes, e não eliminatória, às suas conclusões de campo, já que o ser humano é complexo em todas suas esferas de observação e síntese do meio em que vive.

Em conclusão, o antiquarismo é plural, seja no tempo ou na mentalidade de cada pesquisador – e até mesmo conflitante dentro desta mesma. Iniciou-se como colecionamento, a mando de reis, passou ao estudo da topografia e da mistura da história natural e humana, mas também se misturou às mentalidades religiosas. É, na existência e no estudo plural, que, vemos, novamente, Stonehenge como fruto de seu tempo. Todavia, além do que já tínhamos comentado sobre a mentalidade do período definir os tipos de pensamento para com o objeto, as inovações tecnológicas também o fizeram – a industrialização e a criação de estradas, por exemplo, ajudaram no reconhecimento topográfico. Então, temos três fatores que moldam a visão de Stonehenge: mentalidades; inovações tecnológicas indiretamente ligadas, como as estradas; e inovações diretamente ligadas, como as datações de radiocarbono específicas para o estudo das origens do passado.

Transformação de um modelo antiquário para um arqueológico

A palavra transição talvez seja o termo perfeito para descrever o processo de transformação que se dá de um modelo antiquário para um arqueológico. O estudo historiográfico de Stonehenge se inicia, até onde temos informações, logo no início da Idade Média. Contudo, de acordo com o que expomos, são informações muito fragmentadas e distantes no tempo, e, mesmo que válidas, pertencem a campos muitas vezes incomparáveis entre si, como, por exemplo, a literatura épica e a História Clássica, devendo-se usar diferentes métodos e diferentes abordagens para se chegar aos fatos. Apenas em momentos pós renascentistas é que tentativas sistemáticas, porém deliberadas quanto aos princípios do escavador em particular, vieram à tona. Dessa maneira, “transição”, destaca a ocorrência de uma transformação mais lenta, muitas vezes

imperceptível nos dois ou três séculos que perdura. Somente com o olhar teleológico do futuro é que conseguimos identificá-la, e mesmo assim não é um vislumbre completo.

Em concordância com o apresentado até aqui, quando pensamos no estudo como forma indireta de manifestação, legitimação e manutenção dos poderes (como no caso dos saxões, do embasamento de um nacional Clássico e afins), percebe-se linhas de continuidade que levam aos dias de hoje. Em outras palavras, na prática, atualmente estuda-se em sua maioria, aquilo que interessa às agências (públicas) de financiamento, uma vez que são o ganha pão do acadêmico enquanto sujeito histórico também. Portanto, todo o histórico de observações que pautam Stonehenge como objeto não é apenas margeado, mas totalmente dependente, da vontade dos fluxos externos sociais – que ultrapassam em muito as fronteiras dos fluxos de pensamento dentro do estudo de caso, as fronteiras universitárias, eruditas e, por fim, culturais. Segundo Margarita Díaz-Andreu (2007), é justamente uma *história global* que têm interferido na consolidação da Arqueologia ao longo de uma *longue-durée*.

Somente pensando nela, na História, e demais disciplinas em si, como campos epistemológicos utópicos isolados de influências políticas, culturais e sociais como um todo, é que se conseguiria perceber as rupturas pontuais, que evoluem com a ciência. Neste caso, Trigger (2004) aponta o “antiquarismo científico” como meio termo técnico entre o antiquarismo, enquanto colecionismo puro em primeira instância, e a Arqueologia, por fim, enquanto estudo acadêmico empírico das fontes materiais. Neste último, há a criação do sistema das três idades, passo técnico fundamental para desenvolvimentos de novas formas “não religiosas” de olhar para o passado pré-histórico. Além disso, Schnapp (1996) mostra outras abordagens que teriam progredido muito desde Camden. Segundo ele, teria existido uma linha cronológica crescente entre o início das escavações e o posterior uso do objeto como texto, o antiquarismo comparativo, a anatomia da paisagem e finalmente, a descrição sistemática do contexto. Há, no entanto, um paradoxo sólido: como dito, para que a transição do antiquarismo para a Arqueologia ocorresse, muitos eventos externos foram agentes de mudanças. Ainda que se possam observar práticas nacionalistas desde a Modernidade e os primeiros antiquários (DÍAZ-ANDREU, 2007), Eric Hobsbawm aponta o fim do século XVIII (última data de um dos antiquários aqui analisados por nós – Stukeley) e início do XIX como *Era das Revoluções* (2016), as quais, em um espaço de poucas décadas, mudaram os comportamentos mundiais. Todavia, pensar em ruptura sempre exige cautela. Uma ruptura nunca é sentida da mesma forma, ao mesmo tempo, na mesma velocidade, em todos os lugares do país, quem dirá do

mundo. Hobsbawm, logo na introdução da obra em questão, aponta a falta ou demora de comunicação com partes da própria Europa.

Sobretudo, mesmo que existam muitas continuidades, como exposto acima, (como as constantes questões de uso da cultura material como forma de legitimação dos poderes de cada época e a lentidão na transmissão das ideias para cantos mais isolados), a forma de projeção desse uso da cultura material se modifica. E, de modo direto, transformam-se também os interesses da disciplina. Por fim, o nacionalismo como ideologia política, que se consolida especificamente nesta curta Era de revoluções, tem total influência na *institucionalização* da Arqueologia – logo, influência seu estabelecimento enquanto ciência acadêmica da forma como concebemos hoje e que contrasta com o até então antiquarismo (DÍAZ-ANDREU, 2007). Em resumo, o berço do estudo de Stonehenge é o mesmo de tais rupturas e revoluções: europeu ocidental, gerando a rápida absorção e transmissão da história externa para as aplicações da prática.

Mas com tudo isso em diálogo, há divergências sobre a extensão dessa transição. Richard Atkinson (1956), nossa própria fonte primária, por exemplo, enquanto bibliografia de Stonehenge, propõe um término antiquário mais posterior que nós, colocando Petrie (assim como Philibert [1994]), Evans e Gowland como antiquários. Apenas Hawley, em 1920, seria o primeiro arqueólogo moderno. Observando o espaço entre William Stukeley e Petrie, ou seja, de 1740 a 1880, vemos nascer a transição de um modelo para o outro. Gabinetes de curiosidade seriam substituídos por museus; o imperialismo europeu e conseqüente acúmulo de registros e cultura material das colônias teriam levado à necessidade de criação de narrativas históricas para reforço de autoridade; a Revolução Francesa, com sua perspectiva liberal e progressista, e a Revolução Industrial, teriam criado o nacionalismo enquanto ideologia política, precisando ser legitimada com base na história, e, logo, Arqueologia. O Iluminismo teria trazido à tona a ciência moderna, com suas práticas empíricas e racionais, formas de institucionalização da Arqueologia e transformação dela em ciência acadêmica por meio de museus, sociedades e ministérios do Governo (DÍAZ-ANDREU, 2007). Porém, não se pode apontar exatamente um ano específico, ou uma obra em específico da época, que teriam em cem por cento revolucionado e mudado de uma hora para outra o que antes era uma prática erudita geral para uma posterior disciplina científica. Concluímos, pois, que usando uma duração mais ampla facilita definir que a Arqueologia com todos os parâmetros mencionados iniciara em algum momento do século XIX – carregando embriões disso desde três séculos antes. O estudo dos personagens em si, como faremos a partir do próximo capítulo, é mais frutífero para a

compreensão de cada sujeito histórico e suas contribuições particulares, indo além da imersão no período histórico de modo determinista.

PARTE II

CAPÍTULO 3

Flinders Petrie: o início de uma Arqueologia da fonte

Como proposto até agora, há uma tênue linha de divisão entre as diferentes eras analíticas de Stonehenge – de maneira principal quando pensamos em manutenção dos poderes sociais, e não apenas em evoluções de método na disciplina. Então, com a questão das continuidades e rupturas entre modelos medievais e modernos parcialmente apresentadas segundo movimentos nacionais e internacionais, bem como a passagem do antiquarismo para a Arqueologia, resta outra margem de problematizações consequentes para complementação, não menos importante. A partir da leitura da fonte que tivéramos elegido como primordial, isto é, ícone da temporalidade de 1880-1960 de pesquisas em Stonehenge, bem como a leitura das fontes que chamamos de fontes auxiliares, fomos movidos à seguinte questão: “Como afirmar um trabalho como sendo base para outros?”; ou, “O que caracteriza uma ruptura em rumos da erudição para que tal obra em específico seja considerada, e usada, como chave de mudanças internas da disciplina?”.

Muitas das bibliografias atuais acerca de Stonehenge trazem Petrie como base para estudo científico do monumento. Contudo, raríssimas referências e discussões diretas a ele foram encontradas nas fontes imediatamente posteriores. Por isso, dissertamos, neste capítulo, sobre os resultados conseguidos também pela leitura de fontes secundárias que, ademais das fontes de Evans, Gowland e Hawley, oferecem alguma compreensão não apenas da história da arqueologia de Petrie, mas também de sua inserção nos rumos daquela sociedade influenciadora. Mais do que isso, expomos também a individualidade de dos pesquisadores em seu tempo. Cada um deles, com suas obras, oferece panoramas de áreas e preocupações diferentes quanto ao monumento. Preservação monumental, mapeamento geológico, análise historiográfica e teórica são algumas das abordagens que se retroalimentam e permitem a gama de pesquisas plurais e dialogantes.

Stonehenge: Plans, Descriptions and Theories

Composta por 14 capítulos distribuídos em duas grandes partes (Fatos e Teorias), a obra de Petrie é uma metrologia indutiva acerca da estrutura de Stonehenge. Bem reconhecido como egiptólogo, William Matthew Flinders Petrie (1853-1942) é considerado um dos pais da que hoje é nomeada Arqueologia histórico-cultural (FUNARI, 2003), e fundador da Escola Britânica de Arqueologia no Egito (*British School of Archaeology in Egypt* [SMITH, 1945:07]). Isto é, sua contribuição na academia em fins do século XIX e inícios do XX, através de estudos em diversos sítios arqueológicos (Inglaterra, Palestina, Egito), foi, de modo denso, acerca de cronologias⁴¹, medições (metrologias) e mapeamentos empíricos. Em 1904, publica sua compilação mais famosa de conhecimentos práticos e qualificações: *Methods and Aims in Archaeology*. No terreno de Stonehenge, teria realizado, com *Stonehenge: Plans, Descriptions and Theories*, o plano mais acurado de correspondência entre o monumento físico e o papel – como ele mesmo e demais pesquisadores posteriores reconhecem. Mas, além disso, teria apresentado no Museu Britânico 40 outros planos de terraplanagens e monumentos de pedra (DROWER,1985:23), o que implica em uma preocupação do mesmo de catalogação de paralelismos. Preocupação tanta, que resulta em outra grande compilação de métodos de campo: *Inductive Metrology Or, The Recovery of Ancient Measures from the Monuments* (1877).

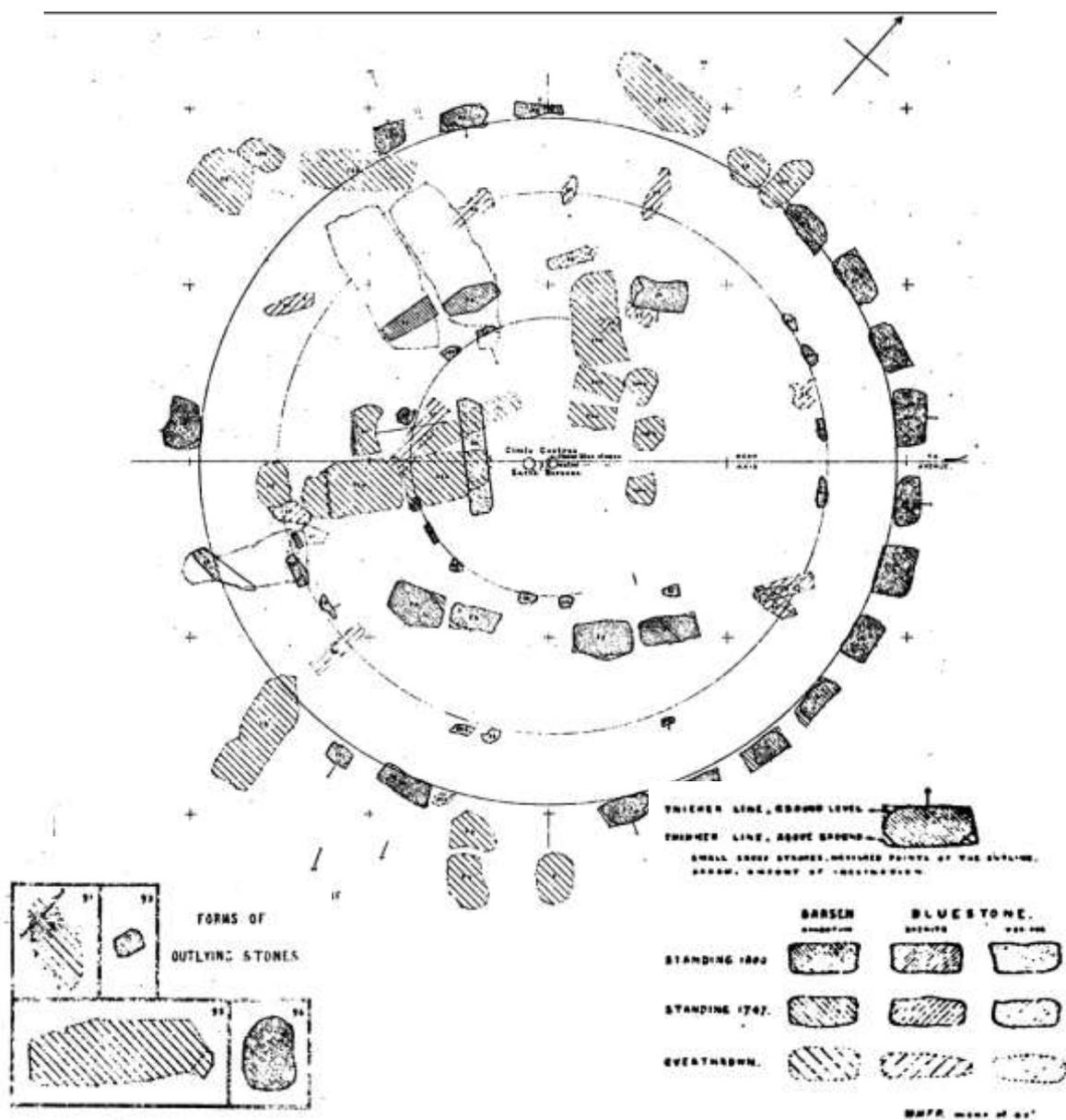
Assim, a partir de sua vontade⁴² de atualizar os planos físicos de Stonehenge e contexto, Petrie inicia suas pesquisas em 1874, e as termina em 1880. Buscando linguagem mais imparcial possível, o arqueólogo menciona todas as considerações importantes de cada lado dos argumentos que propõe, expondo o máximo de locuções precedentes, as quais foram responsáveis pela estruturação, ou melhoramento, de seu estudo (PETRIE, 1880:04). Ou seja, retoma John Wood (1747), Smith (1771), Colt Hoare (1812,1821), Sir Henry James (1867) e Sir John Hawkshaw (1875), para apresentar seus erros de medida, em comparação com a nova sondagem. Na introdução, ressalta que sua pesquisa havia sido interrompida em 1874 justamente por equívocos dos levantamentos antiquários que estavam sendo utilizados por ele e seu pai. Então, em 1877, sozinho, retorna ao sítio para que ele mesmo fizesse seu plano, para dar continuidade à investigação, desta vez, o mais empírica possível. Seu principal cuidado é o de apresentar os dados mais corretos possíveis acerca das medições – as quais ele realiza por

⁴¹ Ou também “*Sequences dates*”.

⁴² Em suas palavras, “a falta de qualquer pesquisa apurada sobre Stonehenge já é suficiente razão para a produção deste presente documento, em adição aos já publicados” (PETRIE, 1880: 02).

compensações e triangulação⁴³. De modo sintético, o que faz nesta obra, pois, é estipular um plano cartográfico de correspondência em escala proporcional exata do megalítico com o papel. E, a partir deste novo trabalho, reúne e apresenta na segunda parte, as principais locuções passadas sobre a história de Stonehenge, baseadas ainda nos objetos encontrados por ele nas breves escavações de medição dos monólitos.

Figura 11: Plano de Petrie



Fonte: Stonehenge, Plans Descriptions and Theories⁴⁴

⁴³ Uso de informações cruzadas para a dedução das posições. Tais informações forneceram o *eixo médio* de Stonehenge, determinado por: (1) meio da entrada, que é quase o meio em todas as alturas das pedras; (2) centro do círculo maior; (3) local original estimado das pedras n. 55 e n. 56 do grande trilito mediano – e a estimada distância entre elas; e (4) metade do espaçamento médio entre as pedras laterais (PETRIE, 1880:07).

⁴⁴ PETRIE, 1880:74.

Com este esboço, o arqueólogo oferece, ademais, uma sequência de numeração para identificação individual das pedras, usada até os dias de hoje de modo oficial (PEARSON, 2013b), e que contrasta com a de Colt Hoare (1812), projetista anterior. Cada monólito, partindo da entrada principal a nordeste, em ordem horária (rotação positiva), recebera um número crescente. E, ainda, suas partes adjacentes, fragmentadas dos monólitos originais, recebem os mesmos números seguidos por letras⁴⁵. Contudo, além da planta de Stonehenge em si (desenhada) Flinders Petrie faz exaustivo trabalho para identificar, e discorrer, sobre cada uma das estruturas. Após a detalhada apresentação das disposições (círculos, terraplanagem, etc.), descreve os monólitos de forma individual, prestando atenção aos mínimos detalhes que possam trazer informações, quase que em um paradigma indiciário.

Os dados apresentados até aqui, se concentram na primeira parte: “Fatos”. Nela, o egiptólogo deixa claro que suas conclusões se dão com base na análise de algumas pedras, que poderiam formar um padrão, e, possivelmente, indicar hipóteses e teorias. Entretanto, Petrie demonstra que seu trabalho não é voltado às teorias em si – oferecendo-se, no lugar, como base para estudos posteriores. Nesta linha, é interessante notar o senso de pertencimento do arqueólogo a um corpo científico sempre em movimento. Da mesma forma em que declara que

minha melhor esperança é que os argumentos aqui apresentados e recolhidos sejam em breve tornados obsoletos por uma investigação minuciosa; embora provavelmente o plano nunca seja substituído por um plano de maior precisão geral, ainda que talvez sejam feitas pequenas correções nele, assim como em todos os trabalhos falíveis (PETRIE, 1880: 34);

em um trabalho de historiador, utiliza-se dos planos passados a ele para comparar a movimentação de alguns dos monólitos caídos. E, partindo para a segunda parte que denomina “Teorias”, aborda alguns pontos sobre história e pré-história enquanto praticadas por migrações. Contudo, ao escavar Stonehenge, não é ainda um profissional especializado. Isto é, ainda que reconhecido como arqueólogo acadêmico (mesmo que sem formação na área), não tem consciência de especialidade do estudo de caso. Tanto Petrie, quando Evans, Gowland e Hawley são eruditos que trabalharam em vastas áreas, e que fizeram apenas uma temporada de estudos no megalítico. Conclui-se que, naquela época, primeira temporalidade que dividimos, qualquer um poderia observar Stonehenge segundo modelos universais de escavação. Ou seja, o acúmulo de conhecimentos se deu primeiro por antiquários e eruditos, depois por arqueólogos

⁴⁵ 1-30: sarsens exteriores (com números para espaços vazios correspondentes à posição decimal do círculo); 31-49: doleritos exteriores; 51-60: thilithon; 61-72: doleritos interiores; 80: Altar Stone; 91-96: pedras e Montículos exteriores; lintéis: numerados 100 a mais que o número mais alto de seus apoiantes (PETRIE, 1880).

amadores universais, para somente depois por profissionais especialistas. Por exemplo, William Gowland, ao fazer sua pesquisa em Stonehenge (1902) já era experiente em Japão pré-histórico. O mais importante era, então, a *abundância* e o *agrupamento* de conhecimentos e mapeamentos sobre uma pré-história, ainda que de modo não perito. Stonehenge era só mais um pertencente à uma compreensão geral de pré-história que começava a entrar em tona.

Continuando em *Stonehenge, Plans, Descriptions and Theories*, notamos outra principal contribuição de Petrie para o estudioso de Stonehenge: sua didática. Além de ser o primeiro trabalho nesta época pós antiquária, o egiptólogo ilustra de forma detalhada aquilo que muitas vezes não é mencionado por outros estudiosos especialistas, por ser, talvez, deveras óbvio para eles: a significação dos nomes (trílito, lintél, sarsen, *impost*, *emergence*, e demais nomenclaturas técnicas). Petrie é, pois, o primeiro e único a ter esta preocupação de explicar para o leitor – já que a numeração que ele propõe no seu plano, bem como os nomes, são os oficiais até hoje. Junto a isso, descreve, ainda, pedra por pedra. Isto é, organiza em uma tabela uma descrição física de cada um dos monólitos que desenha em seu plano – e ainda a configuração de uns com os outros. Muito antes do cientificismo e estruturalismo das décadas de 1960-1980, Petrie mostra a importância do estudo de história teórica aplicada no estudo de caso. E, a partir disto, consegue fazer hipóteses sobre o método de construção do monumento, como, por exemplo, a análise de pedras específicas para conclusão de que

os monólitos têm lados inclinados, como se tivessem sido feitos por ferramentas irregulares [...]. O método de cortar uma face era para traçar grandes ranhuras rasas pela pedra, provavelmente, cortando cristas intermediárias ao fazer a próxima série de ranhuras; essas ranhuras largas eram, então, aparentemente removidas traçando-se outras, mais estreitas, por elas (PETRIE, 1880: 13-14).

Ademais destas considerações já colocadas, há que se prestar atenção em outra passagem específica: “se os orifícios de encaixe (mortagens) foram cortados para caber na distância dos encaixes, após erguer as pedras, ou se o trabalho foi primeiro planejado e as pedras erguidas para encaixar nos pinos (cavilhas) não está claro no círculo externo” (PETRIE, 1880: 14). Nela, Petrie pincela um pensamento já voltado para questões externas à descrição em si – e até mesmo externas ao monumento. Desta forma, ainda que não ciente do que seria essa pré-história em sua totalidade, ele traça o que mais tarde seria uma Arqueologia pós-processual, no qual o processo em si deve ser entendido pelo contexto, pelas vontades, pelo conjunto maior de acontecimentos – o que implica mapear não só o local de origem das pedras, mas quem as fazia, e se já se existia essa cognição de preparar as peças antes do lugar em si, o que culmina, por fim, em estudar um planejamento, a longo prazo, de Stonehenge. Na sequência, cada vez mais

desta visão em larga escala é feita. Observando o posicionamento das pedras, utiliza pela primeira vez comparação com demais círculos de pedras semelhantes em disposição – e ele nota a frequência com que essa organização cíclica se dá (circunferência organizada em casas decimais, nas quais cada posição corresponde a um lugar de pedra).

Outra parte que merece destaque, desta vez, um capítulo inteiro, é “Midsummer Sunrise”. Como já mencionado mais cedo neste texto, o solstício é uma característica, talvez a mais icônica, de Stonehenge. E Petrie, há mais de um século atrás, já o colocara em dúvida. Por mais ciente que estivesse da popularidade da atribuição do fenômeno no monumento, o arqueólogo mede exatamente os ângulos de incidência da luz solar. Tal como o cientificismo emergente no tracejado do plano, a estrutura exata da incidência é colocada à tona. Então, mesmo que inserido em seio histórico-cultural, podemos dizê-lo realmente como expoente máximo do momento? Ainda que remetendo a uma tradição, característica da história cultural, como nos aponta Pedro Paulo Funari⁴⁶, Petrie só faz uso dela. Muito se define em períodos temporais – para dizer que o recente, que o desconstruído, é sempre pois melhor. Mas que estaria fazendo Petrie então, em 1880, décadas antes de um cientificismo, já calculando os 27 ângulos de incidência do sol? Em suas palavras: “o grande número de pessoas que mantêm o costume de ver o solstício de verão com muita energia, sugere que é uma velha tradição; e, portanto, tem algum peso independente da mera coincidência” (PETRIE, 1880: 20). Aqui, além de fazer esse trabalho cientificista, outra perspectiva o torna a frente de seu tempo⁴⁷: como toda a primeira geração dos *Annales* cita, a mentira também deve ser investigada. Mas, em épocas positivistas, por que Petrie, até no campo da História, e fora da Arqueologia em si, pergunta sobre a coincidência, e não só a descarta? Seria válido, então, classificar um autor segundo seu tempo e, ainda, como expoente da significação do período? Olhando mais para frente no texto, percebe-se que, Petrie, dito pai da Arqueologia histórico-cultural, na verdade quase não usa História *nem* cultura⁴⁸. A maioria das perspectivas que tem é com base no que a estrutura e o contexto dão a ele. Com efeito, aborda pontos genéricos sobre historicidade. A principal questão que é apontada em seu texto é sobre Stonehenge ser pertencente à uma época pós-romana ou pré-romana. Para isso, coloca quase que em um fichamento os pontos prós e contras para o monumento ser considerado ou não pós-romano. E, aqui, nesta perspectiva, nascem outros dois

⁴⁶ Segundo Funari, a definição da Arqueologia histórico-cultural “parte do pressuposto de que as pessoas compartilham, de forma homogênea, os traços culturais e de que as tradições passam de geração a geração” (FUNARI, 2003: 49).

⁴⁷ Usando aqui tal expressão com valor retórico: ao mesmo tempo em que ele fez o que estava disponível para fazer, ressalta-se o pioneirismo dele, características que apontam para semelhanças com autores de seu futuro.

⁴⁸ Richard Atkinson, inclusive, faz uma crítica ao trabalho histórico britânico dele, ao dizer que foi completamente ofuscado e esquecido pelas pesquisas no Egito (ATKINSON, 1979).

panoramas que se fincariam para a posterioridade: uma análise da sequência de construção, e os quatro propósitos de Stonehenge.

No oitavo e no nono capítulos (“Sequence shown by Construction”, e “Sequence shown by Measures”), o egiptólogo deduz, pois, novamente segundo suas análises físicas que resultariam no plano, a diferença das épocas de construção. Em acordo com sua observação, os círculos (de terra e pedras), ainda que intrínsecos uns aos outros, teriam centros levemente não-coincidentes – o que indicaria diferentes momentos de construção – e não um plano em específico com começo-meio-fim. Vendo essa diferente temporalidade – inclusive entre os círculos de sarsen e dolerito (que mais tarde vão resultar nos 5 estágios de construção diferentes⁴⁹), Petrie faz hipóteses sobre o uso de duas *unidades de medida*. E, aqui, entra na seara das argumentações do monumento ser pós ou pré-romano, já que a unidade dos sarsen seria semelhante aos fenícios, ou, ainda, aos etruscos – que teriam chegado em solo britânico antes dos romanos; mas a parte da preocupação do solstício – logo, do sol, poderia indicar divindades romanas. Em resumo, duas principais evidências apontavam, para ele, o pertencimento para ser Pré-Romano ou Pós-romano, uma para cada. Em dois dos capítulos finais (“Summary Evidences on pre-Roman Age” e “Summary Evidences on Post Roman Age”) disserta primeiro sobre o contexto de montículos e Idades pré-históricas, e depois sobre os cronistas medievais e narrativas Clássicas.

Ambas discussões deixaram Petrie em um paradoxo. Sem datações específicas, ele faz uso dos materiais para sintetizar a probabilidade de o monumento ter sido feito antes ou depois – assim como, a partir dos mesmos materiais, considera as quatro finalidades possíveis: astronômico, monumental, religioso, sepulcral. Em seu lugar e época, o contexto de montículos já era conhecido, uma vez que era muito mapeado pelos antiquários. Junto às três Idades pré-históricas (elaboradas por Thomsen e Worsaae no começo do século, mas só adaptadas pela Inglaterra em meados de 1850 [TRIGGER, 2004]) feitas com base nos artefatos encontrados muitas vezes sepultados juntos aos corpos, Petrie percebe Stonehenge como um campo cheio de cemitérios. Segundo ele “um ponto incidental é que Stonehenge, pelos seus encaixes, é evidentemente uma imitação de arquitetura de madeira; e, assim como, é mais tendencioso a ser pré-romano, quando a madeira era provavelmente mais usada”. (PETRIE, 1880: 27).

Já a partir da leitura dos cronistas, também anteriormente aqui desenvolvidos, Petrie pensa muito numa perduração da memória, que, segundo ele, só seria possível em épocas pós romanas, com a escrita. Em concordância com seu antepenúltimo capítulo: “o ponto mais

⁴⁹ Vide apêndice.

importante destas evidências é a atenção que elas mostram que foram concebidas nos vestígios megalíticos em tempos pós-romanos, o que torna provável sua edificação ou ampliação neste período”. E, em continuação, “a evidência negativa de que nenhuma menção de Stonehenge ou outros monumentos semelhantes é encontrada em escritos romanos, vale muito pouco, considerando as notáveis omissões que ocorreram nos mais cuidadosos dos antigos topógrafos e historiadores” (PETRIE, 1880: 30). Observamos que, por mais que Petrie não tenha achado ainda os escritos de Diodoro Sículo, por exemplo, ele já demonstra uma preocupação e atenção aos *silêncios* históricos, por trás dos escritos.

Todavia, porque é tão importante a discussão do monumento ser pré ou pós-romano? Duas hipóteses se fundam: seria o nacionalismo político instalado na mente de Petrie que, mesmo substituindo os monumentos Clássicos por locais, ainda buscava uma esperança do passado legitimamente romano; ou porque, na falta de datações específicas, e recente tracejado das três idades e pré-história, não se conhecia em profundidade o que era pré-história, e a definição de história se pautava, segundo tradição, pelo advento da escrita e civilização dos “bárbaros” – como melhor compreendido a partir de Childe (1925)⁵⁰. Hoje, por fim, sabemos que Stonehenge é *muito* pré-romano. E Petrie aproximara-se disso quando fala dos montículos. Sem sistema de datação por radiocarbono, nem conhecendo a dimensão de documentos escritos que temos hoje, e também ainda na aurora das ideias de pré-história e Arqueologia, o egiptólogo construiu pontes com o objeto, que perduram e permitem a travessia do presente ao longínquo passado. Ressalta-se, aqui, de novo a importância do contexto. O contexto antes, e agora, numa análise quantitativa, é a maior solução.

Efeito Petrie: historiografias derivadas do primeiro esforço

Antes da conclusão da exposição de Petrie e seu posicionamento quanto ao período histórico e ao período historiográfico, faz-se necessário apresentar demais estudos que, ligados intrinsecamente a ele, contribuíram para o desenvolvimento das noções de pré-história, patrimonialização e historicização – sempre pautadas por Stonehenge. Como já pincelado por nós, Flinders Petrie foi seguido de perto por Arthur Evans (1889), William Gowland (1902) e William Hawley (1921-28). Uma das perspectivas é observar que outras formas de olhar

⁵⁰ Para melhor esclarecimentos desta discussão, vide **cap. 4**.

tiveram iniciativa a partir de Petrie. Ou seja, as seguintes propostas teóricas tiveram a leitura de Petrie e sua obra, mas, ao mesmo tempo, colocaram ênfases e olhares em outras vias. Cada qual tem sua especificidade que não pode ser resumida como evoluções em um mesmo campo já que Petrie, por exemplo, fez sim evoluções no campo da metrologia, mas Evans, por outro lado, estava mais preocupado em evoluções da noção de história e pré-história, bem como de método científico. Veremos a seguir, de maneira particular, cada um daqueles mesmos nomes, já dentro da Arqueologia definida como disciplina – mas nem todos arqueólogos de formação – que caracterizaram a temporalidade 1.

Arthur Evans

Professor orientador de Gordon Childe, Arthur Evans (1851-1941), nove anos depois da publicação de *Stonehenge, Plans, Descriptions and Theories*, escreve *Stonehenge*. Diferente de Petrie, o qual dá maior ênfase para aspectos físicos do monumento, insere Stonehenge numa significação geral da pré-história, propondo teorias num campo subjetivo. Não tão citado pelas historiografias descendentes hoje, ele faz um trabalho peculiar quanto ao monumento, já que sua área de reconhecimento e especialidade era Creta. Filho de pai arqueólogo, iniciara sua vida acadêmica, assim com Petrie, por parte familiar. Ideias de selvagem e barbarismos já apareceriam em um contraste com seu povo civilizado. Por isso, em uma ótica historiadora, Evans se aproxima mais de ser o clássico “fruto de seu tempo”. Segundo Funari (2003), esta própria vertente evolucionista de Arqueologia dita histórico-cultural, até Childe, era muito pautada por pressupostos desse racismo científico em ascensão no século XIX. Arthur Evans, no campo de Stonehenge, é o maior expoente *direto* disso. E, para tal constatação, nada mais justo do que abordar brevemente o modo com que ele, não apenas arqueólogo, mas desta vez sujeito social que replica uma estrutura e um construto social amplo, aborda seus temas.

O primeiro ponto, nesse aspecto, é a sua autoafirmação de que se encontra em tempos pós-científicos. Evans já tem noção de sua estada num período de ruptura pós Iluminismo que perduraria: o do método científico moderno. E, nesta via, não descarta tudo aquilo que os antepassados já teriam feito, mas considera como essencial chegar a esses resultados pelo método científico empírico. Ele se posiciona de forma ativa no tempo de curta duração daquela ruptura de que antes falávamos. De modo direto trazendo a referência ao método científico

como grande progresso, e indiretamente fazendo uso de ideários nacionalistas e eurocêntricos, ele é fruto dessa ruptura e deste momento da história externa. O frequente uso literal da palavra *analogia*, pelo próprio Evans, já nos mostra o caminho pelo qual ele insere seu eixo de análise. Sua principal metodologia, é, portanto, o uso de analogias de Stonehenge pré-histórico com povos que considerava primitivos de seu próprio – localizados em áreas periféricas de seu centro europeu.

Evans resume Stonehenge como sendo um lugar sepulcral. Porém, tal afirmação pura em si já não nos é mais interessante do que a compreensão de como que ele chegara nesta conclusão. Em seu texto, pouquíssimas referências bibliográficas e historiográficas são dadas. Grande parte das sínteses se dão com base em sua própria análise e discussão de teorias sem fonte exposta, caracterizando uma lacuna de compreensão entre o que ele lia, e o que seu público leitor lia para absorver o que ele narrava. Quem o lia e como o faziam? Apenas arqueólogos e acadêmicos afins que o liam? O grande público já o lia? Nós, em nosso lugar de pesquisadores da terceira temporalidade, mais de um século afastados de Evans, encontramos dificuldades para captar as entrelinhas – que só nos ficam mais claras, com o passar do tempo, com uma densa contextualização do período – o que exige leituras específicas da disciplina, da História (que nos dá as mentalidades e eixos de pontos de vista) e da historiografia para compreensão dos eventos factuais. Evans disserta sobre o contexto e sobre a ciência arqueológica, informações que têm seu mérito e preenchem nossos objetivos. Entretanto, é o seu *silêncio*, o dito não dito, ou seja, a maneira como é interpretada por seus contemporâneos, que nos permite entender a mentalidade de todo um período. Em síntese, isso só é possível a partir de grande leitura de fontes secundárias e teorias. Estudar um sujeito histórico nunca é estudar apenas suas produções, mas sim a inserção e recepção delas.

Como já apresentado por nós, Evans faz interessante estudo de estruturas semelhantes a Stonehenge. Em seu contexto, mapeia com muita precisão a evolução das construções no tempo – que partem de cistas e dólmens (em suas palavras, “protótipos mais rudes” [1889:317]), e chegam nos grandes megalíticos (notamos, inclusive, que Evans é a primeira de nossas fontes a usar a palavra megalítico). E, graças aos corpos sepultados nestes anteriores, Evans fala sobre a sepulcralidade como finalidade original – que depois se transformaria em ideários de cultos aos mortos, e, mais tarde, religião. Por conseguinte, nessa linha do evolucionismo, que é uma das características mais marcantes da consolidação da Arqueologia histórico-cultural, podemos ver o meio que Evans estava inserido. Além de ele fazer essa evolução contextual do monumento (com montículos e *tumulus* de mesmo âmbito geográfico), faz uma teoria de

evolucionismo com povos de seu próprio presente, que seriam “menos” evoluídos. Deste ponto, o estudo deles pela Antropologia, segundo sua ótica, daria ótimas pistas para estudar a construção de Stonehenge, pois ambos os objetos estariam em pés de igualdade primitiva - através do que ele chama, ainda, de *princípios gerais*. E é por esses princípios gerais que definiu Stonehenge como sepulcral.

Agora, por mais que demais estudiosos já haviam tido brilhantes resultados na análise do contexto, Evans é o primeiro a *notar* o contexto como ponto chave. Segundo ele, “um estudo comparativo entre Stonehenge e os outros monumentos, e mesmo aos usos existentes de visões sobre povos primitivos, é uma preliminar necessária para nossa investigação, e é por meio dessas comparações que espero levar a algo conclusivo” (EVANS, 1889:313). Seguindo tal linha de pensamento, ele levanta a questão: que outras analogias se podem encontrar em Planície de Salisbury? (EVANS, 1889: 313). Com a divisão da construção em estágios já pincelada por Petrie (1880), Evans tem como fim a compreensão da evolução das fases de construção – que partiriam de *tumulus* simples, e chegariam até um “alto estágio de religião”. A cremação, dentro de um evolucionismo cognitivo, e não estrutural, seria um fator de evolução do intelecto. Arthur Evans em específico, assim como Childe, seu discípulo, utiliza em peso a ideia das três idades. Porém de igual forma ao reconhecido mais tarde na sexta edição de *The Dawn of European Civilization* (CHILDE, 1973), a datação, sem radiocarbono, contém erros severos de comparação cronológica de diferentes regiões do globo.

Porém, por outro lado, de modo distinto a Petrie, Evans não se retém na “chegada dos romanos” como ponto chave de esclarecimento. Suas perspectivas não partem da colonização europeia, de Petrie, e nem das ondas de migração que veremos em Childe. Ele teoriza um evolucionismo local, em *períodos*, ao invés de um difusionismo. E, por fim, além da cremação como evolucionismo social local, Stonehenge também representaria outro tipo de evolução – a transformação do culto dos espíritos falecidos para o culto de deuses maiores. Caracterizando mais uma vez a vertente evolucionista da Arqueologia histórico-cultural que estava em ascensão, Arthur Evans é adepto de grandes separações em períodos. No seguinte trecho, pode-se ver, justamente, como o arqueólogo posiciona a análise do monumento enquanto objeto físico dentro de uma lógica de pré-história pautada pela distinção de períodos específicos, e não culturas:

Se [...] pudermos referir aproximadamente a fundação de Stonehenge ao final do século IV ou início do III antes da nossa era, e prosseguirmos a sua construção gradual até ao século seguinte, encontramos-nos bem dentro dos limites de uma época marcada em grande parte do Norte da Europa por uma grande revolução nos usos sepulcrais - uma revolução, em todas as relações, com o Mundo Espiritual. No nosso próprio país

há pelo menos uma ruptura parcial na continuidade sepulcral entre o fim do período dos montículos redondos e o aparecimento da última classe de túmulos pertencentes à Idade Celta tardia que precedeu imediatamente a Conquista Romana. Esta lacuna arqueológica parece se conectar com uma prática, cujas tradições, pelo menos entre os escandinavos, só se extinguiu em uma data muito posterior: a de os homens depositarem em vida as coisas que consideravam necessárias para o seu bem-estar no próximo mundo. E estreitamente aliada a esta ideia, estava a prática de fazer depósitos votivos em benefício dos próprios deuses. Neste caso, como no outro, os próprios objetos eram quebrados ou destruídos, de modo a libertar sua alma para uso espiritual. A prevalência destas formas de devoção reagiu naturalmente à prática sepulcral diminuindo os objetos colocados na sepultura, e assim, perto do fim da Idade do Bronze na Europa do Norte e Noroeste, encontramos o uso em voga de substituir os verdadeiros objetos colocados na sepultura por cópias em miniatura que só tinham valor votivo ou simbólico. Foi pelo menos uma emancipação parcial do culto sepulcral dos tempos anteriores, e é indicativo de uma visão mais espiritual da religião (EVANS, 1889:325).

Tal excerto, além de sintetizar a metodologia de raciocínio indutivo de culturas a partir da materialidade encontrada nos montículos, é importante para desconstruir, ou, pelo menos, colocar em dúvida, a significação da própria divisão escolar dos períodos da Arqueologia. Em um olhar teleológico, ainda que fazendo mapeamentos dentro do evolucionismo característico da primeira vertente da Arqueologia, vemos que ele aborda pontos de uma Arqueologia muito recente – na qual a história das mentalidades é posta em voga. Qual seria, pois, a grande novidade da Arqueologia pós-processual, que teria rompido com os aspectos objetivos e partido para estudo da cognição, mentalidades e subjetivo das relações humanas, sendo que Evans, bem ou mal, já tivera feito isso? Seria ela também uma releitura do evolucionismo, sem a carga racial? Parece-nos que Petrie dizendo que seu plano é mais apurado, e Evans dizendo muitas vezes que está em tempos pós científicos, foi o que realmente definiu eles como tal. O autorreconhecimento deles como diferentes, não o sendo em necessário, é que pode ser a resposta que procuramos sobre a ruptura das temporalidades.

William Gowland

William Gowland (1842–1922), assim como usualmente acontecia com os seus antepassados antiquários, mantinha como profissão principal outra, que não a Arqueologia. Metalúrgico industrial, muito análogo à William Stukeley, condicionava suas atividades de *hobbies* às férias.

Ou seja, a arqueologia e a escavação eram práticas apenas de tempo livre, e, a princípio, de modo não profissional. Ademais, sua fonte de escavação primordial, enquanto engenheiro fabril, era no Japão. Através de um imperialismo britânico informal, escavando túmulos pré-históricos japoneses, Gowland, aprendera técnicas fundamentais para escavação, mais tarde, de Stonehenge. Reconhecido no Japão como arqueólogo amador, quando voltara para a Inglaterra, seu país de origem, fora indicado pelo próprio Petrie como arqueólogo de Stonehenge, passando a colaborar com o Museu Britânico.

Nesta época, o monumento estava privatizado, e a iniciativa governamental de Gowland por escavação – e também preservação – fora um dos primeiros pontos de preocupação que mais tarde originaria iniciativas como a inscrição para reconhecimento como Patrimônio da Humanidade, da UNESCO. Em seu trabalho, feito em 1901 e publicado em 1902, preza um fato inovador: a restauração dos monólitos. Gowland e sua equipe enumeram 5 etapas de escavação, as quais, além de concertar a inclinação das pedras (principalmente a do monólito 22), permitiram a retirada breve do monólito e possibilidade pioneira de escavação do solo embaixo, a qual resultou em mais de cem objetos (lascas, ossos de animais e implementos), mais tarde classificados segundo sua profundidade e suas coordenadas que ofereceram hipóteses sobre as etapas de construção, bem como idade aproximada e técnicas utilizadas. Gowland usa o plano de Petrie, tão recente, como pré-requisito. Ou seja, não ocupa espaço em seu texto por explicar e justificar as medições, já as adota como padrão, e dá a entender que seriam, agora, as únicas e insubstituíveis – não tendo porquê dizê-las como inovadoras (ao contrário de Petrie, que sempre afirma a legitimidade e correção de seu plano).

Maior do que o texto de Petrie em páginas, *Recent Excavation at Stonehenge* (1902) conta, ainda, com outro recurso inovador: é a primeira bibliografia a fazer uso de fotos, em abundância, como apresentação de conteúdo. Devido a sua especialização em química metalúrgica – já que lidara em abundância, no Japão, com diferentes moldagens de moedas (inclusive de metais diferentes)⁵¹, William Gowland faz um dos trabalhos inovadores na época, a calcular a idade das pedras. Com isso, é o primeiro a colocar Stonehenge como pré-metal, isto é, monumento neolítico⁵², e não da Idade do Bronze, como até então Petrie afirmava ser o retrocesso máximo para tamanha tecnologia empregada na edificação.

⁵¹ HUDSON, Mark. “Resenhas de livros: William Gowland: O Pai da Arqueologia Japonesa por Victor Harris Kazuo Goto”. In: *Asian Perspectives*, Vol. 45, No. 1 (2006) *apud* fonte disponível em: https://stringfixer.com/pt/William_Gowland. Acesso em 27 de dez de 2021.

⁵²Fonte disponível em: <https://www.english-heritage.org.uk/visit/places/stonehenge/history-and-stories/archaeologists-of-stonehenge/#section3>. Acesso em: 16 de dez de 2021. Também, segundo Atkinson (1979: 193), “Gowland muito cautelosamente concluiu que as pedras foram provavelmente erguidas no Neolítico Tardio, quando o metal estava apenas começando a ser manipulado”.

Ainda que não ciente da temporalidade real, divergindo por vários séculos do que se tem hoje como melhor aproximação (datações por radiocarbono), Gowland propôs muitos aspectos cognitivos da população – mais difíceis de serem alcançados, ainda, do que dados factuais mais simples. O metalúrgico se assemelha mais a Petrie e Gordon Childe, interessando-se em sua maioria pelos instrumentos de moldagem das pedras, indústrias, etc. do que o evolucionismo de Evans. Porém, ainda que use “raças”, talvez como forma de manifestação do racismo científico emergente no século XIX, Gowland busca a origem individual dos monólitos.

Além destes aspectos de situação histórica e da narrativa técnica das escavações, William Gowland teoriza sobre as técnicas de ereção das pedras (se o círculo teria sido erguido do centro do henge, ou de fora). Esse pensamento faz com que ele conclua que não teria havido uma grande diferenciação em estágios de construção do monumento – à contramão de Petrie e das observações mais atuais. Segundo ele,

que ambos os monólitos dolerito e sarsen são contemporâneos, temos amplas provas, como já foi demonstrado pela ocorrência de suas lascas e das próprias pedras. Ainda mais evidências, neste sentido, se necessário, são fornecidas pela maneira pela qual os sarsen foram erguidos. Que as pedras do centro trilito foram erguidas de dentro do círculo foi demonstrado de forma conclusiva pelas escavações, portanto, os doleritos na frente não poderiam ter sido erguidas antes delas [...]. Se os sarsen externos foram configurados de dentro do círculo, ou de fora, é um ponto que só pode ser resolvido no futuro das escavações. Se de dentro, sua edificação deve ter precedido a dos trilitos e, portanto, a dos doleritos. Por outro lado, se os sarsen externos foram levantados de fora, não seria possível que os doleritos tivessem sido colocadas em posição antes, pois elas teriam interferido seriamente, senão totalmente impedido, as operações de edificação. Nenhum longo intervalo separou a construção dos monólitos sarsen e doleritos, embora o trabalho deve ter ocupado um período considerável. O monumento como um todo é um encontro. Suas partes não pertencem a idades diferentes (GOWLAND, 1902: 83-84).

Paralelo ao texto dos astrônomos Sir Norman Lockyer e Sir Penrose (1901), estipula data de construção em 1800 a.C. com variação de cerca pouco mais de um século entre o começo e o fim das obras, enquanto Petrie dera início 1000 a.C. e Evans 1400 a.C. (GOWLAND, 1902: 87). Enquanto pode-se dizer um progresso em noção de distância temporal (com o passar do tempo mais no passado Stonehenge é colocado), Gowland desvia da linha crescente linear de divisão em estágios. Mesmo que não falado de modo explícito, nota-se ainda uma preferência de Gowland pela teoria astronômica, em contraste com a sepulcral de Evans. Desse modo, podemos ver que Petrie sintetiza as discussões anteriores a ele, mas, mesmo depois, elas se mantêm. O próprio uso das referências específicas demonstra isso. Gowland, longe da historiografia em si, usa fontes de astrônomos. Se ele, reconhecido por um dos maiores arqueólogos de Stonehenge concorda com astrônomos e legitima a visão deles de história,

porque não também mais para frente Gerald Hawkins, com *Stonehenge Decoded* e demais astrônomos? Qual a propriedade que estes astrônomos terão para cravar a história de Stonehenge? Qual propriedade um metalúrgico não-arqueólogo de formação teve? Nesta temporalidade 1, pois, não há necessidade de formação de um corpo acadêmico especializado e formado em um único campo do conhecimento. Porém, ao invés de ser uma interdisciplinaridade, são profissionais desconexos em si, não algo que se completa de modo proposital e preparado para ser plural em matérias.

Por fim, Gowland também faz uso de analogias. Mas, por sua vez, de maneira diferente à Evans, ele não compara seu presente. Neste relatório, Gowland faz analogias no esquema passado-passado, e não presente-passado, com Evans:

Todas as evidências que temos [...] me levam à conclusão de que não era um sepulcro, mas um lugar de santidade dedicado à observação ou adoração do sol [...]. Que o sol era reverenciado por muitas raças no período primitivo, existem provas abundantes. Na Grã-Bretanha nosso conhecimento do culto religioso dos homens do período de transição de pedra para o bronze, ou do início da Idade do Bronze, é de evidência extremamente limitada, mas muito forte em favor de algum tipo de adoração ou reverência do sol[...]. Nos últimos dias, quando Stonehenge deixou de ser um templo do sol, e seu caráter sagrado tinha partido, poderia ter sido usado como um sepulcro, mas disto não temos nenhuma evidência, e sua atribuição a tal propósito parece não ter outra base senão as atribuições fantasiosas das lendas antigas. (GOWLAND, 1902:87-88).

Hoje, muitas vertentes de preocupações e análises são dadas a Stonehenge. O que se vê como cúmulo de inquietações atuais, desde turismo à preservação (que teria se originado com a demasiada industrialização do local), e história cognitiva e ancestralidade, já aparecem em Gowland. Além de dedicar bastante de seu texto descrevendo as escavações, em um relatório técnico, faz trabalho interessante ao classificar os machados encontrados, junto com tentativas de expressão quanto ao cognitivo. Então, enquanto Petrie se preocupa com a metrologia e Evans na inserção da ótica pré-história, Gowland faz um estudo a partir das peças encontradas, buscando estabelecer relações comerciais e sociais entre os sujeitos daquela mesma sociedade organizada. Em comparação, Gowland é o trabalho, até aqui, mais ambicioso e denso, pois, de igual forma à promoção dos resultados advindos da escavação, ele expressa sentidos e significados.

William Hawley

Por sua vez, Coronel William Hawley (1851-1941), ao contrário dos três anteriores pesquisadores, passou sete anos a publicar sobre Stonehenge. Em sequência, cada um dos textos se refere a uma escavação feita sob seções diferentes do henge. É o primeiro a trabalhar com constância no terreno do megalítico, se aproximando, aos poucos, do que seria uma área específica de zelo e pesquisas contínuas de Stonehenge. Assim como Gowland (não sendo arqueólogo por formação) o militar foi o encarregado de promover as mais novas escavações públicas em Stonehenge – pós falecimento de Edmund Antrobus em 1915, antigo proprietário do terreno – a mando do Ministério de Obras (*Office of Works* [HAWLEY, 1921]).

Dentro deste ministério, a repartição ligada de modo direto à conservação do monumento era a Sociedade dos Antiquários. Formada por diversos homens que mantinham entre si discussões constantes sobre os achados de Hawley, seu representante maior em campo, tal sociedade, todavia, não publicara trabalhos de síntese, como outrora foram feitas por Petrie, Evans e Gowland. Junto aos relatórios, eram realizadas apenas rodadas de opiniões, desconexas entre si, já que tais homens tinham suas formações particulares que não Arqueologia ou história simultâneas⁵³. Desta forma, a preocupação não era a compreensão da veracidade de uma daquelas teorias de Petrie, mas sim em promover a busca e classificação.

Há, em Hawley, assim como em Gowland, mesmo que menos evidente, uma intersecção entre a preocupação agora governamental de preservação com a pesquisa arqueológica. Bastante técnico, o coronel faz questão de citar Gowland como suporte teórico no quesito de administração de objetos escavados. Em suas palavras, “nosso quadro de medição, embora maior, teve exatamente o mesmo princípio de Gowland (...). Também usamos a mesma linha de referência que ele, para que o trabalho passado e presente possam ser uniformes” (HAWLEY, 1921: 22). Contudo, nota-se vaga ligação entre a base teórica existente (que encaixa inclusive Stonehenge nos movimentos já conhecidos de pré-história), e os achados em campos. Hawley, diferente das outras fontes primárias aqui abordadas, não sintetiza seus achados como evidências da finalidade de Stonehenge – ou analogias sociais. É o maior produtor de conteúdos, mas não os interliga com Petrie ou os demais. Hawley é o pesquisador que mais encontrou estruturas e objetos “novos” do monumento, mas que, sem aprofundamento e a devida investigação por parte do coronel, se tornaram nada mais do que aspectos factuais

⁵³ Vide apêndice de “discussões”, presentes na maioria dos relatórios de Hawley (1921, 1922, 1923, 1924, 1925 e 1926).

nas mãos da Sociedade. Apenas com Atkinson, vinte e cinco anos à frente, tomam forma e corpo de teoria.

No primeiro dos sete relatórios (1921), retoma pela primeira vez, depois de três séculos, uma descoberta fundamental: os 56 buracos escavados ao redor da circunferência do henge. Dando a eles o famoso nome: Fossos de Aubrey. Relembrando John Aubrey (1666) e a menção do mesmo à buracos escavados no lado interno da circunferência, Hawley e Sociedade homenageiam o antiquário, reforçando a importância e validade dos estudos seculares. Graças à meticulosa escavação e retomada de objetos, traça sua principal função teórica: de cremação de corpos.

Além de pequenas escavações corretivas em monólitos envergados pela ação do tempo, nada mais é concluído neste primeiro relatório. Todavia, pela primeira vez em nossas fontes, conseguimos ter dimensão do contato inter-pesquisadores, órgãos institucionais e universidades. Nomes como H. H. Thomas, Arthur Evans e Petrie são citados nos breves parágrafos de “discussão” como construtores de hipótese sobre a *inteligência* dos construtores do monumento, bem como teóricos da origem geológica das pedras.

Já o segundo relatório (1922), constitui-se basicamente de menção dos objetos achados na escavação de um dos Montículos e da vala. Nele, Hawley, excepcionalmente, faz conclusões com base naquilo que observara durante a temporada (não mencionando se estas conclusões teriam fundamento em leituras e estudos que teria feito):

As escavações até agora parecem indicar dois períodos distintos e que a vala e o banco foram feitos numa época bastante anterior a Stonehenge, pois o assoreamento teria demorado a acumular-se [...]. Quando Stonehenge foi erguido, o movimento de muitas pessoas e grandes pedras, e perturbações gerais do solo misturaram esses sedimentos. Objetos desse período se misturaram a ele e foram depositados como os encontramos. Mais tarde, em uma época mais tranquila, formaram-se húmus e turfa, e objetos de períodos subsequentes passaram pela superfície como a vemos atualmente (HAWLEY, 1922: 50-51).

Entretanto, no mesmo relatório, no apêndice de discussão, o Coronel já é uma vez mais, freado. Rev. George. H. Engleheart, pároco de St. Georges, Wiltshire, incentiva a cautela para soluções precipitadas devido às condições apontadas pelo próprio Hawley, como acima. Mr. Dale, nesta linha, diz que apenas as cerâmicas encontradas no conteúdo do solo também não são definitivas para sínteses. Mas, por outro lado, percebe-se uma crescente pressão, advinda dos membros da Sociedade dos Antiquários, por resultados. Os produtos originários das duas temporadas de pesquisa até então, eram insatisfatórios.

O terceiro relatório (1923), mesmo que rudimentar perante os membros da discussão (fato apontado, inclusive, diretamente⁵⁴), é o que apresenta a mais inovadora descoberta: Buracos Y e Z. Ainda que os Fossos de Aubrey já fossem uma descoberta extraordinária, eles teriam sido notados por Aubrey, em 1666. Contudo, aqui, é a primeira vez em séculos que uma composição inteira é revelada desde sua época de concepção. Os Buracos Y e Z eram, pois, negativos de pedras anteriormente fixadas e que, em época de construção teriam mudado de posição. Em consequência, tais cavidades estavam localizadas em uma camada subterrânea. O ato de cavar e revirar o solo até chegar a elas resulta em argumento para críticas posteriores, que até hoje são feitas: as escavações conduzidas por Hawley, de modo geral, eram demasiadas destrutivas. Além de ferirem o solo e misturar sedimentos e objetos sem muita preocupação, o escavador ignorara muitas partes frutíferas do solo, que poderiam servir de fonte para interpretações mais plurais. Por vezes, pela pressa na escavação, Hawley acabava pesquisando os conteúdos dos Buracos Y e Z muito brevemente. Levava apenas um dia (segundo datas contidas no próprio relatório [HAWLEY, 1925]) para escavar cada um deles – análise que levaria pelo menos uma semana para cada, feita em métodos mais detalhados. Grande parte do quarto (1925) e quinto (1926) relatórios são relatos de tais trincheiras feitas no chão, e revisão do conteúdo e profundidade deles. Ainda que a Sociedade quisesse dar o nome dos mais novos buracos encontrados de H e N, para homenagear Hawley e Newell – parceiro de trabalho do coronel –, faz-se transparente um desgosto e pressão por parte dela. O presidente agradece os trabalhos realizados durante as temporadas, mas o comitê clama por resultados concretos além do paradigma antiquário de acúmulo de objetos, os quais Hawley nunca pôde oferecer. Todavia, eles também não. Nenhum dos membros da banca se adaptou dos relatórios para publicar obras extensas de divulgação e teoria. Apenas Atkinson (1956), fora deste tempo, é que o faz.

O restante dos relatórios (seis [1926] e sete [1928]) ocupa-se de escavações feitas ao redor da vala. No sexto relatório, inclusive, Hawley admite a falta de substâncias que permitiriam datação ou inclusão do monumento na ideia de pré-história já conhecida. Entretanto, ao assumir a posição de pesquisador acumulador, demonstra um não pertencimento aos campos metodológicos da Arqueologia. Em suma, nos parece que não houve, de início, nem mesmo um plano de trabalho. Conforme as poucas evidências foram sendo encontradas, Hawley e a equipe iam prosseguindo e lançando bases para a próxima temporada. Não foi definido desde o princípio o que era provável de ser encontrado, o que se pretendia encontrar, nem o que se sabia que a Arqueologia podia encontrar. Se anteriormente, Petrie e Gowland já

⁵⁴ Vide apêndice “discussões” de (HAWLEY, 1923); (HAWLEY, 1924); (HAWLEY, 1925).

tinham obtido alguns resultados comparando observação de campo e pesquisa – os quais tinham mais afinidade com a Disciplina –, por que a Sociedade escolhera um militar para ser o representante máximo?

No caso desta última fonte primária, conclui-se que avanço temporal não significa necessariamente avanço metodológico. Em síntese, “Rev. G. H. Engleheart disse que a Sociedade passou a ver Col. Hawley como exclusivamente um escavador e registrador de fatos, e, ao considerar seus relatórios anuais, todos decidiram seguir seu exemplo, se abstendo de formar teorias sobre idade e origem do monumento” (HAWLEY, 1924: 38). Por fim, no último parágrafo do último relatório – este sem discussão – Hawley dá breves pistas de estar ciente de uma proposição geral, por parte de seus anteriores pesquisadores, que Stonehenge tinha por finalidade o sepulcro. De última hora, expõe conceitos como templo, reunião e feira pré-históricos, que em nenhum momento foram abordados ou relacionados por ele com os artefatos encontrados. Não cita nomes, nem referências, nem compreensões quanto a uma linha contínua da Arqueologia pós-científica:

As escavações não mostraram que Stonehenge era um local sepulcral, mas acredito que foi erguido para ser uma memória de algo desta natureza que havia ali anteriormente. Era sem dúvida, antes de tudo, um templo e, em segundo lugar, um local de reunião onde sacerdotes e nobres militares faziam justiça e promulgavam leis. Seria um marco conhecido, um centro de comércio e um ponto nodal. Duas das atuais estradas altas a oeste bifurcam-se ali e podem ter sido trilhas bem utilizadas na época. A vaga tradição de uma feira realizada ali pode ter sobrevivido de uma época em que o comércio ali se fazia, mas tão pouco se sabe ao certo sobre o lugar que o que digo é principalmente conjectura, e é de se esperar que futuros escavadores serão capazes de lançar mais luz do que eu (HAWLEY, 1928: 176).

Petrie: Uma ruptura nele mesmo

Como exposto, mesmo durante épocas anteriores – que não na nossa primeira temporalidade, vimos que é mais difícil do que parece enxergar rupturas entre as diferentes formas de estudo. Porém, igualmente difícil por vezes é enxergar continuidades. Checar o diálogo interpessoal entre os pesquisadores, ou até mesmo saber se um leu o outro, ou o cita nas entrelinhas, é enigmático. Se voltarmos no balanço sucinto e resumido que fizemos no último capítulo, há dois aspectos de ruptura e um de continuidade aqui abordados (ciência pura e novas práticas de colonialismo e nacionalismo *versus* manutenção do poder) para transição do antiquarismo para a temporalidade 1 proposta. Porém, assim como concluímos, pode-se notar a importância dos

progressos particulares quando olhando a Arqueologia como ciência “pura”. E Petrie, mais do que nunca, contribuiu para esse desenvolvimento no campo quando inócuo de valores sociais externos. Hawley, de mesma maneira, também tem contribuição particular – já que preparou e deixou prontas fontes primárias antes nunca mapeadas. Estando na época que Evans determinaria como tempos pós-científicos, percebemos a apuração do plano de Petrie em comparação com os outros. Mas até este ponto, qualquer outro pesquisador temporalmente posterior faria o mesmo, com o acúmulo de conhecimento herdado e constante progresso da ciência. Por que Petrie pode ser visto como novidade e importância singular até os dias de hoje então?

Após sua morte, em um obituário publicado, Sidney Smith reconhece, fora do âmbito da teoria arqueológica, o profissionalismo de Petrie: “O veredito sobre o esquema de Petrie, tal como funcionou entre 1883 e 1926, deve certamente ser que foi justificado pelos resultados, pois tornou a escavação científica possível e introduziu condições muito mais saudáveis para o trabalho arqueológico” (SMITH, 1945:06). Mas o que seria essa escavação científica, portanto? Sabemos que Petrie não era graduado, apenas seguiu os passos de seu avô e pai. Também, segundo o mesmo obituário, não teria aceitado salário pelas atividades de escavação. Ainda que ele estivesse dentro da Arqueologia enquanto campo de profissão e esta tenha sido uma escolha de vida desde muito cedo, em contraste com Gowland e Hawley, que viram na arqueologia uma especialidade tardia às suas profissões de formação, Petrie não teria se graduado nem se especializado no campo de Stonehenge e mais tarde Egito. Além disso, Petrie não teria escrito muito sobre a historicidade do monumento, fazendo uma historiografia.

Porém, décadas a frente, com seu trabalho no Egito, Petrie se considerava um historiador, sendo a arqueologia apenas um meio para esse fim. Teria desenvolvido, nesta linha, teorias sobre uma “natureza cíclica” das civilizações – não tão desenvolvidas como as contribuições egípcias. Nesta área, ele teria dado muita atenção não apenas à identificação do ocupante de uma tumba, por exemplo, mas à tecnologia revelada em seu conteúdo: tecelagem, carpintaria, talha e tudo o mais (DROWER, 1995). Já em sua vida profissional privada, segundo Margaret Drower, ele era sistemático com seu trabalho, pois não tinha telefone em casa (evitando interrupções), desaprovava o fumo e o álcool, atraído um fluxo constante de alunos e assistentes entusiasmados que gostavam de sua companhia, apreciavam sua dedicação ao trabalho e continuavam seus métodos de registro meticuloso, medição e preservação (DROWER, 1995:24).

Talvez a resposta do por que ele ser visto com tanta importância, seja que a diferença dele para os antiquários é justamente esse viés cientificista, ou seja, estudar com métodos estabelecidos. Sobre a academicidade e educação, percebemos em Petrie outra diferença, pois ele ensinava *aos outros* seus métodos, tanto na academia, pois se tornara mais tarde pesquisador da *University College London*, quanto para o grande público. Isto é, além de praticar a escavação de maneira isolada, Petrie integrara tanto a prática escavatória, quanto seus resultados, com discípulos, acadêmicos em geral, e, ainda, pessoas comuns da sociedade que se interessavam em escutá-lo. Seus trabalhos de difusão são, em conclusão, pioneiros. Entretanto, pensando no campo institucional, Margarita Díaz-Andreu (2019: 23), arqueóloga e teórica da história da Arqueologia, mostra que a principal diferença entre as tradições arqueológicas anteriores e a arqueologia institucionalizada é o financiamento de atividades relacionadas à arqueologia por órgãos do estado ou por grupos organizados. Mas, tal Arqueologia institucionalizada é um percurso longo. Por mais que Petrie fosse o início de uma Arqueologia não antiquária, só em Hawley, pelo menos, é que a mesma seria patrocinada por órgãos do estado (como vimos em Hawley o apoio do Ministério das Obras). Outras variáveis simultâneas também devem ser levadas em conta, como o fomento de Museus Nacionais e Museus coloniais, os quais dividiam espaço entre artefatos originalmente britânicos, e os mais novos produtos das colônias e impérios ultramarinos.

Conclui-se, neste período, uma grande sobreposição entre modelos evolucionistas e difusionistas, que foram muito moldados pelas transformações globais, externas ao campo epistemológico da disciplina. Petrie e Childe, separados por décadas, mas ainda assim difusionistas, têm Evans evolucionista em seu meio. Todos esses, então, são conhecimentos que se completam e que podem ser comparados com as diferentes fases de Schnapp (1996), porém todas agora concomitantes: linha cronológica crescente entre início das escavações; depois o uso do objeto como texto; depois antiquarismo comparativo; anatomia da paisagem; e descrição sistemática. Mas, por outro lado, não são característicos fundamentais das Escolas com as quais são identificados. Ainda que haja relutâncias quanto à divisão do objeto em períodos (de modo principal em discussões sobre pré-história), também deve-se ter relutâncias quanto às fontes. Cada qual, mesmo que dentro de uma Escola específica e contexto específico semelhante, tem ideias próprias – e, principalmente, formadas por mentalidades próprias externas, pois, como vimos, não era necessária uma formação específica para ser arqueólogo do estudo de caso. As formações individuais – por exemplo Gowland e seu conhecimento de metalurgia do Japão – auxiliaram o pensamento do campo.

Petrie é, pois, uma ruptura em si mesmo porque culmina e relê todo o histórico do antiquarismo bem como os transfere para Evans, Gowland e Hawley. Com sua metrologia, Petrie dera campo factual para que teorias subjetivas crescessem. Evans e Gowland, futuros a este primeiro impulso factual renovado, se alocam em um campo mais hipotético, no qual se trabalha muito sobre a cultura e extrapolação do simples culto ao objeto. Hawley por sua vez, ao tomar por base relatórios de Gowland, também realiza relatórios sobre as escavações em si, o que os torna pioneiros em um novo tipo de nacionalismo: a patrimonialização do megalítico. Em suma, Petrie pode ter sido o mentor de todos os outros, mas Gowland foi fundamental para Hawley, e Hawley, ainda mais, para Atkinson, em outra temporalidade! Como indicado nos próximos capítulos, Hawley é – muito mais do que Petrie – reconhecido como catalizador de mudanças no terreno da academia em torno do monumento. Porém, Flinders Petrie, ao propor a inserção de modelos matemáticos e metrológicos para o campo de Stonehenge, permitiu a pluralização de olhares, abrindo alas para: Gowland e seus conhecimentos de engenharia e metalurgia; para Evans, com suas teorias que formaram olhares sobre a pré-história, inclusive do mais famoso nome da Disciplina; para Gordon Childe; para Hawley e sua escavação sem precedentes; e para muitos outros pensadores do seu futuro, até hoje.

Capítulo 4

Tempo intermediário: composição multifacetada do tempo das produções arqueológicas de Stonehenge

Embora pontuais em comparação com as ininterruptas pesquisas feitas nos dias de hoje, com grupos crescentes e contínuos de estudo, percebemos, nas historiografias do início do século XX, linhas progressivas e mútuas de referências comuns. Como já vem sendo dito ao longo deste texto, as produções de quaisquer das temporalidades de historiografia de Stonehenge estão imersas em configurações e circunstâncias específicas, que moldam seus pontos de vista, e, de modo respectivo, suas preocupações. Porém, muitas são as lacunas para identificação disto nas fontes primárias analisadas. Nomes como *Office of Works*, *Ministry of Works*, *Society of Antiquaries*, etc., aparecem nelas, mas não são referidos, identificados e explicados. Com a leitura, percebem-se informações omitidas que seriam de fundamental importância para mapeamento deste período “político” nos quais as obras estão imersas. Não são explícitas em nossas fontes, as ações do *Office of Works*, depois transformado em *Ministry of Works*: nem suas decorrentes esferas de influência quanto ao monumento; o desenrolar do processo de privatização e depois estatização do mesmo; o surgimento dos Museus e Galerias que hoje são associadas à Arqueologia de Stonehenge (Arqueologia monumental *versus* Arqueologia não monumental); as demais iniciativas de escavações pós Petrie, pois os apêndices de Hawley mostram um grupo mais ou menos coeso de pensadores, mas que não são citados como referências importantes pelas bibliografias posteriores; nem as preocupações externas e como elas influenciaram no estudo, como imperialismo, colonialismo, Guerras e política governamental. Desta forma, este capítulo preza dissertar aspectos de tais problemáticas, que aparecem nas fontes primárias, mas que têm a explicação encontrada em demais fontes secundárias que, por vezes, não são ligadas diretamente ao megalítico. Como exposto nos próximos subcapítulos, pode-se dividir a composição multifacetada das influências das produções de Stonehenge em três estratos crescentes: movimentos epistemológicos; organizações e estratégias governamentais; e movimentos e ideologias internacionais e globais.

Revoluções epistemológicas na Arqueologia

No presente texto, muito discutiu-se sobre os aspectos de continuidade e ruptura quanto ao campo epistemológico do Antiquarismo e da Arqueologia. Margarita Díaz-Andreu (2007) resume aquilo que viemos trabalhando ao longo dos capítulos anteriores em três tipos de institucionalização que levaram à Arqueologia de forma geral: Museus, Universidades e Ministérios do Governo para zelo e apresentação ao público. No entanto, tais instituições presumem uma base: pesquisa e estudo dos objetos para posterior elaboração de narrativas para discussão e apresentação. Ainda que tendenciosas quanto à história nacional e política como um todo, tais narrativas exigiram uma preparação de campo e de pesquisas factuais. Para isso, junto com aquela consolidação da Arqueologia enquanto ciência empírica pós-iluminista, nascem também correntes e Escolas de estudo, as quais aplicam às metodologias modelos funcionais e conclusões universais. Dentro disso, duas principais vertentes se interpõem naquela que mais tarde vai ser chamada como a primeira linha de pensamento da Arqueologia histórico-cultural: o evolucionismo e o difusionismo. Coexistentes, e por vezes intercaladas, foram modelos de pensamento criados no âmbito acadêmico, mas que estavam sempre espelhando o mundo. Diretamente relacionadas com o, cada vez mais em ascensão, nacionalismo, tais vertentes explicavam, pela primeira vez afundo, a pré-história neolítica.

Resumindo, o evolucionismo, primeira das vertentes arqueológicas que bebem do racionalismo advindo do Iluminismo, e dentro da instituição pensada por Díaz-Andreu (2007) é fruto do racismo científico emergente no século XIX. Pautando-se com base na análise das civilizações em um prisma progressista, elaborava explicações sobre as sociedades sempre de um ponto de origem primitivo a um presente complexo e mais desenvolvido – fato que se mostra oposto ao pensamento de William Stukeley (1740)⁵⁵, por exemplo, o qual tinha um panorama de degeneração religiosa. Nesta via, coloca diferentes graus de evolução para as sociedades, classificando os europeus do momento como nível máximo de sapiência e complexidade, e os de fora como selvagens, permanentes, ainda naquele estado inicial no qual a Europa teria sido primitiva a milênios antes. Em outras palavras, a pré-história europeia equivaleria ao estado primitivo *atual* dos nativos do resto do mundo. Tal Escola tem como herança, a teoria da evolução e seleção natural desenvolvida por Charles Darwin. Porém, a principal diferença, neste caso, reside na *concepção social* de evolucionismo, e não entre espécies (TRIGGER, 2004). O evolucionismo adapta-se da ideia de evolução e progressão das espécies animais, e a aplica na espécie humana, dividindo-a em raças mais ou menos evoluídas. Impute o status de desenvolvido para os europeus, e, em consequência, não-desenvolvido para outras partes do

⁵⁵ (cap. 2).

mundo. Além das analogias e problemáticas conceituais de aplicação em campo, de igual forma ao relatado de Arthur Evans (1889)⁵⁶, há também, por consequência, uma justificativa de hegemonia e domínio europeu que busca levar a civilização para os Outros.

Entretanto, ainda que popular entre intelectuais e eruditos pelo fato empírico e de sua análise, usando medidas, dados e comparações das diferentes “raças”, os quais justificariam os graus de evolução do intelecto social, foi, em poucas décadas, desbancado pela advinda do difusionismo. Mesmo sendo problemático devido às suas simplificações e generalizações, é visto com menos gravidade quanto às ideias de imperialismo racial, -sendo usado até hoje, seja por pensadores conservadores adeptos de Gordon Childe, principal expoente de tal pensamento, ou, ainda, em releituras, por exemplo, marxistas e pós-modernas. A origem comum de todos os objetos, invenções e culturas, seria a pedra fundamental de tal vertente de pensamento, cujo principal e mais acessível tema na temporalidade remota era o estudo da religião.

Devido à extensa duração temporal deste novo movimento, o difusionismo em si encontrara rupturas de pensamentos e metodologias. Muitas vezes negando a possibilidade de uma inovação surgir ao mesmo tempo em dois lugares, encontrara, inicialmente, barreiras na compreensão da pré-história – tão longa e heterogênea. Porém, com o passar do tempo, foi sendo consolidado de modo genérico na Arqueologia histórico-cultural, na qual o difusionismo era apenas um dos componentes e não o definidor. O foco, então, passou-se a ser a *cultura*. Arqueologia histórico-cultural significou, pois, o estudo de grupos étnicos a partir de seus vestígios materiais, e a palavra cultura era usada para designar os costumes das sociedades⁵⁷. Em suma, a Arqueologia histórico-cultural resultou, também, num aperfeiçoamento dos métodos arqueológicos. Petrie é considerado um dos pais da arqueologia histórico-cultural justamente por isso, por resgatar tal seriação e preocupação com o contexto físico da escavação que nascera no antiquarismo, mas que fora abandonada pelos evolucionistas. As questões históricas pediam tal resgate e renovação, indo além do que o evolucionismo propunha como simples divisão de “raças” e de etapas de diferentes graus de evolução. Tal Escola, foi, por fim, um aperfeiçoamento necessário à Arqueologia, antes definida apenas como evolucionista ou difusionista. Ainda que refutada, atualizada ou relida até os dias de hoje, foi fundamental não por ser corrente de pensamento, mas por estabelecer paradigmas sólidos do que é a disciplina.

⁵⁶ (cap. 3).

⁵⁷ E. B. Tylor definiu a palavra cultura, em 1871, neste emprego, como “aquele conjunto complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costumes e outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade (TYLOR, 2016: 01).

Desta maneira, começara-se a pesquisar o interior das sociedades. Isto é, inicia-se também uma preocupação sobre a sociedade composta por indivíduos humanos – tão humanos quanto o observador – o que mais tarde resultará, em uma preocupação com os sujeitos, os cognitivos e seus subjetivos. Percebe-se, então, uma lenta transformação no escopo de estudo – que o campo de Stonehenge acompanha. São dados a ele, além do contexto de monumentos semelhantes, conjunturas de habitações e demais estruturas que poderiam integrar uma sociedade, ou civilização, neolítica britânica. A década de 1940 entra, assim, como sintetizadora de tais aspectos, e ponte para os primórdios da Arqueologia Processual, a qual também pauta o estudo de nosso megalítico.

Em uma breve retrospectiva, além dos pensadores analisados enquanto fontes primárias, mais voltados para um campo fechado e exclusivo da Sociedade dos Antiquários, temos Vere Gordon Childe (1892-1957), que entrara em contato com eles, mas ao mesmo tempo fazia pontes com o grande público – assim como Petrie – e com uma Arqueologia universal. Em seus livros, além de abordar narrativas prontas de nacionalismo, que poderiam ser verificadas nos museus nacionais, também mostrava debates teóricos e métodos da disciplina, fazendo uma difusão da ciência, e não só do objeto, já que naquela época, como dito, não havia um corpo de especialidade em um objeto só – eram arqueólogos que estudavam vários campos ao longo da vida. Gordon Childe, o qual pincela brevemente Stonehenge enquanto um dos produtos da Idade da Pedra Polida na Europa, é entendido, agora sim, como o maior representante da Arqueologia histórico-cultural, em uma narrativa universalizante, construída ao longo de vários livros⁵⁸. Mas, assim como vimos nos perguntando, será que é mesmo? Na ativa enquanto pesquisador e escritor ao longo de pelo menos três décadas, margeou muitas mudanças dos fluxos externos, os quais interferiram em sua ótica: Marxismo e Arqueologia marxista; ascensão do nazismo e do modelo ariano; a advinda de datação por radiocarbono; e até mesmo a vida pessoal (depressão e aparente suicídio) interferiram nos rumos das publicações ao longo do tempo. Tal como William Stukeley, quem mudou muito a abordagem ao longo dos anos (1724; 1740), Childe também o faz, mas no seu caso reconhecendo tais mudanças em sua própria obra.

Sendo pupilo de Arthur Evans, tomou as ideias deste e transformou-as, perpassando-as e eternizando-as. Ele adotara, a princípio, a ideia de cultura arqueológica, mas sem o racismo científico, enfatizando a atividade dos europeus pré-históricos:

[Para ele] cada cultura deve ser descrita de modo a ver-se individualizada em termos dos artefatos que a constituem, e também que culturas não podem ser definidas tão-

⁵⁸ Por exemplo *The Dawn of European Civilization* (1973); *A pré-história da sociedade europeia* (1974); *Man Makes Himself* (2003); *The Bronze Age* (1930) e demais.

somente pela subdivisão, em bases espaciais ou temporais, das idades e épocas dos arqueólogos evolucionistas. Em vez disso, os limites geográficos e a duração de cada cultura devem ser estabelecidos empiricamente, e as culturas particulares alinhadas cronologicamente por meio de estratigrafia, seriações e sincronismos. Dessa forma, Childe interpretou a pré-história de toda a Europa como um complexo mosaico de culturas. (TRIGGER, 2004: 167, grifo nosso).

Outro nome, complementar à compreensão de Childe, é Oscar Montelius (1843-1921). Arqueólogo suíço, subdividira a pré-história em períodos de centenas de anos, e fora o primeiro a pensar numa pré-história continental – com as variações de data dependendo do lugar, antes mesmo de Childe. Depois dele, em todos os lugares do mundo, o período neolítico não era visto como estágio de desenvolvimento, mas sim como um mosaico de grupos culturais claramente delineados (TRIGGER, 2004: 169). Childe e demais discípulos, não queriam ver os estágios de desenvolvimento de uma certa cultura, como por exemplo Arthur Evans tinha feito com os dólmenes e Stonehenge, mas sim identificar os povos pré-históricos, nomeá-los, reconhecer a existência deles até então em silêncio, e rastrear a interação deles.

Contudo, o próprio Childe, no fim da vida, denotava problemas com a metodologia do novo campo histórico-cultural. Neil Faulkner (2007), arqueólogo propriamente marxista, diz que Childe, muito mais do que marxista, ou, também, histórico-cultural, foi um precursor da Arqueologia Processual. Peter Ucko (1990), mais radical ainda, afirma Childe enquanto precursor da Arqueologia pós-processual! Mais uma vez, assim como tínhamos proposto para os pensadores da primeira temporalidade, faz-se mais necessário avaliar a trajetória particular de cada indivíduo, e suas relações com o mundo a sua volta (seja ele político, intelectual ou pessoal), do que simplesmente atribuir Escolas de pensamento a ele. Apenas a partir daí, nomear por fim, as separações (cientes do pertencimento plausível de um mesmo nome a mais de uma delas).

Nesta via, nasce a partir daquele descontentamento de Childe e seus sucessores, a Nova Arqueologia, que buscava objetividade e neutralidade num campo antes dominado pela tendenciosidade do nacionalismo e, por vezes, regimes totalitários. Entra em voga, a partir deste ponto, a busca por uma estrutura das sociedades, abrindo caminho para a nossa segunda temporalidade. Também chamada de Arqueologia Processual, reconhece agora “a relação entre *procedimento*, ou método, e os tipos de perguntas que buscamos obter respostas para. Nela, também é dada prioridade ao teste de proposições gerais, a fim de ser capaz de fazer afirmações sobre o passado” (BINFORD, 1972: 175). Ou seja, são priorizados sistemas universais e estruturais coercitivos à humanidade, em detrimento das culturas em separado. Em específico, no campo da pré-história britânica, uma nova espécie de evolucionismo pode ser vista como

resgatada, de modo contraditório. Colin Renfrew (1937-), um dos principais inauguradores desta corrente, trabalha com campos parecidos ao de Childe, mas dando espaço para cada vez mais estruturalismos surgirem, – que culminarão, por fim, numa saída da disciplina de Arqueologia (ainda que amadora), para demais ciências estruturalistas, exatas⁵⁹. Assim, como veremos cada vez mais,

Houve também o ressurgimento do interesse pelo rico conjunto de círculos e alinhamentos megalíticos da Grã-Bretanha, tidos como evidências de que peritos engenheiros e “sacerdotes astrônomos” lá viveram em tempos pré-históricos. Em consequência da nova “cronologia longa” de Renfrew, a origem do conhecimento científico codificado nesses monumentos passou a ser interpretada como indígena e não mais exótica. Com base nisso, alguns arqueólogos afirmam que a Britânia fora um centro científico desde o período neolítico (...). Parece, pois, que o declínio da Grã-Bretanha como uma potência mundial produziu pelo menos uma reação nacionalista mitigada. (TRIGGER, 2004: 182).

Porém, como nos afirma Henry Cleere (1989), o fato da Nova Arqueologia almejar ser uma ciência isenta de política, apenas transferiu tal responsabilidade, componente obrigatório da feitura arqueológica, para outros campos: administrativos e museológicos. Logo, tais outras instituições também devem ser abordadas para a compreensão das multifaces da inserção da Arqueologia e sua prática no rumo das sociedades contemporâneas – em especial entre aquelas que denominamos temporalidade 1 e 2.

Inserção de Stonehenge em uma lógica de mundo contemporâneo

O presente capítulo busca expor uma análise interior que se direciona para uma exterior, discutindo, cada vez mais, parâmetros que estavam em ocorrência na primeira temporalidade que observamos. Cada subcapítulo deste trabalho, está tratando brevemente de uma das camadas de parâmetros. De epistemologia do conhecimento, parte-se para uma das organizações sociais europeias mais permanentes: o nacionalismo e suas facetas. Tema que é explorado, com suas ideologias políticas e manipuladoras, de forma mais explícita, no próximo subcapítulo. Neste, aplicamos as lógicas epistemológicas numa etapa intermediária para destacar as *ferramentas* que possibilitam que as investigações ocorram: patrocínios, grupos de

⁵⁹ Como será investigado, no campo de Stonehenge, no **cap. 5**.

discussão, redes de influência e, principalmente, abertura de museus que consolidam a Arqueologia monumental e não monumental – os quais existem e mantêm funções até hoje.

Na potência britânica, o que antes era a maior expressão de nacionalismo – a associação druídica dos sítios neolíticos – passara agora ao domínio do folclore e história popular, não mais sendo averiguados pela historiografia (TRIGGER, 2004: 146). A exploração do passado partira, então, ao longo do século XIX e XX, para os ministérios do governo, cada vez mais ‘limpos’ de religião, mais empíricos e ilustrados – pautados, brevemente, pela provocação de Bruce Trigger que encerrara o subcapítulo anterior: na qual a retomada cientificista do passado seria um esforço diferente de nacionalismo frente ao declínio enquanto potência. Porém, para isso, uma grande permanência das instituições modernas de controle e administração fez-se necessária. O hoje chamado Ministério das Obras Públicas, Reconstrução e Habitação (*Ministry of Public Works, Reconstruction and Housing*), é um dos “braços do Governo responsáveis por todos os assuntos de obras públicas [...], que tem a função de gestão de projetos com relação a todos os projetos de desenvolvimento governamental e patrocinados pelo governo em todo o país [...]”⁶⁰. Entretanto, o mesmo encontra raízes longínquas que tangenciaram nosso objeto de análise. Hoje responsável pela infraestrutura e coordenação de atividades sociais, entre outras coisas, foi, até fins do século XX, responsável direto pela Comissão de Monumentos e Edifícios Históricos da Inglaterra. Todavia, tem origens remotas no século XIV, onde fora criado para zelo às obras do monarca – que mais tarde incluiria o serviço antiquário, como já explicado (**cap. 2**), com o nome de *Office of Works*. Passara séculos com esse mesmo molde, até a contemporaneidade. Porém, no século XIX, junto com toda a imersão que o estudo de Stonehenge vivenciava – mudando de antiquarismo para Arqueologia – o *Office of Works* passara, também, por remanejamentos. Ao longo dos anos, foram acrescentadas, gradualmente, funções a ele, além das “obras” de construção civil do governo – sendo o antiquarismo um exemplo. Desta forma, em 1852, veio a ser composto por um secretariado, que incluía ramos de contratos, arquitetos e agrimensores, engenheiros, suprimentos, parques, finanças, e finalmente, Monumentos Antigos⁶¹. Após mais alguns anos de remanejamento, consolidara-se na década de 1940, com a Segunda Guerra Mundial, como *Ministry of Works*. Alguns anos à frente, viria a ser conhecido como o Ministério de Construções e Obras Públicas (*Ministry of Public Building and Works*).

⁶⁰ Fonte disponível em: <https://mpwr.gov.so/en/the-ministry/>. Acesso em: 25 de ago de 2022.

⁶¹ Fonte disponível em: https://www.gracesguide.co.uk/Office_of_Works. Acesso em: 21 de jul de 2022.

Desta forma, toda uma conjuntura de transformações em estruturas já existentes, encaixa Stonehenge, e seu respectivo estudo, nas lógicas e fluxos contemporâneos. Tal mudança gerada para o zelo de monumentos antigos, ao ser institucionalizada, junto com a criação de uma Sociedade específica – a dos Antiquários – é uma evidência desse fluxo externo aplicado ao monumento. Composta por eruditos e pensadores, tal Sociedade era filiada ao Ministério das Obras e responsável pelos estudos quanto aos monumentos antigos do território – de modo mais local, Stonehenge e demais monumentos. Na repartição de Stonehenge, inclusive, um periódico foi feito, desta vez com início em 1854, para publicação das ideias – de muitos homens que ainda se chamavam antiquários – sobre o monumento, para o grande público leitor. Porém, aqui, a palavra arqueólogo ainda não era usada. O *The Wiltshire Archaeological and natural history Magazine* – existente até os dias de hoje, tinha por prioridade

ser aberto não só aos artigos originais e acabados, como a história de uma Paróquia ou Feudo inteiro, uma série de documentos históricos ou um relato da Geologia e Botânica, etc., do Condado em geral; mas também às comunicações de caráter menos original e elaborado: como por exemplo, extratos de, ou resumos de, livros caros e raros já publicados em Wiltshire; avisos e descrições casuais, por mais breves que sejam, de Antiguidades ou objetos de história; relatos de costumes locais, etimologias de nomes ou outros avisos diversos sobre qualquer um dos vários assuntos abrangidos dentro do título da Sociedade: mesmo para perguntas sobre pontos obscuros, tal como pode suscitar uma resposta em algum número seguinte. Atenção é particularmente solicitada à regra que proíbe a introdução de discussões políticas ou religiosas. Espera-se que tal trabalho possa ser não apenas um meio de proporcionar diversão popular e instrução, mas também que possa servir como um valioso auxiliar para aqueles que podem, doravante, assumir a tarefa mais séria de terminar a História do Condado (BULL; STREET, 1854: iv).

Além de tudo isso, e das conseqüentes mudanças epistemológicas que o próprio periódico veio a enfrentar, após mais de um século de publicações lineares, haveria também a consolidação dos museus como uma das principais ferramentas de inserção de Stonehenge, e do passado de modo geral, aos fluxos e cotidianos do presente. O mais famoso Museu Britânico, já surgira muitas décadas antes – graças ao movimento do nacionalismo e do imperialismo para trocar os gabinetes de curiosidade por lugares de narrativas históricas do passado nacional. No mesmo movimento de institucionalização do passado, apontado como um dos pilares da consolidação da Arqueologia enquanto disciplina (DÍAZ-ANDREU, 2007), o Museu, antes formado por coleções particulares, tornou-se Museu Nacional. Como forma de expor narrativas autóctones e narrativas exóticas das colônias conquistadas, o Museu Britânico usava os monumentos antigos, como Stonehenge, para divulgação de uma legitimidade nacional – que tinha traços, ainda, do Renascimento, e embasamento Clássico⁶². Pela primeira vez,

⁶² Conforme visto no **cap. 2**.

Arqueologia Monumental e Não monumental entram em diálogo na construção de uma narrativa histórica mais densificada – ainda que tendenciosa quanto aos poderes do momento. Nesse momento, há inclusive a associação desta cultura material com documentos escritos por parte da investigação e difusão científica acadêmica.

Porém, para o nosso estudo de caso em si, além das exposições itinerantes do Museu Nacional, houve movimentos mais tardios para a criação de galerias e museus permanentes nas remediações do sítio. Já em um quesito mais local, com menos peças coloniais, em meados do décimo nono século, foi fundado o Museu de Salisbury, na antiga propriedade do Rei James I. Nele, narrativas do passado remoto pré-histórico se interceptavam ao prédio físico e sua grandiosidade monárquica. Por fim, nesta mesma linha, funda-se o Museu de Wiltshire, em sede vitoriana, que se tornara a maior exposição de peças da Idade do Bronze inglesa. Ambos os museus, em contraste com o Museu Britânico, não traziam narrativas imperialistas, mas sim trabalhavam, e trabalham, para “educar o público promovendo, fomentando o interesse, exploração, pesquisa e publicação sobre a arqueologia, arte, história e história natural de Wiltshire”⁶³.

Retornando, portanto, para o nosso local, há que se pensar a estatização de Stonehenge em particular, pois somente esta é que permitira, em última instância, os trabalhos governamentais que possibilitaram a consolidação da Arqueologia no monumento. Edmundus Antrobus, último dos proprietários da área que incluía Stonehenge, era membro do parlamento inglês, numa linhagem que descendia de épocas modernas – sendo o 3º barão de Wiltshire. Nesta via, ele não queria, de modo algum, ações governamentais em sua propriedade privada, o que pautava, diretamente, iniciativas de preservação do monumento (GOWLAND, 1902). Deste modo, enquanto a pré-história e a Idade do Bronze britânicas eram cada vez mais exploradas, graças aos movimentos epistemológicos, bem como ao fomento geral por parte das instituições, Stonehenge ficara, até 1902, fechado para isso. Apenas com a morte de Antrobus, e após um processo de cerca de 15 anos, o megalítico, fora, por fim, estatizado. Coronel Hawley (1921), como dito, foi o primeiro pesquisador encarregado dos órgãos do governo (Ministério das obras e Sociedade dos Antiquários) a escavar o lugar.

Com o passar do século XX, fatores como as duas Guerras Mundiais e demais políticas externas interferiram e, por vezes, interromperam as atividades aqui expostas: tal como pesquisas *in loco*, propriamente ditas, mas também nas prioridades de exposição dos museus. Assim como Gordon Childe se viu na necessidade de censurar ideias e regimes totalitários,

⁶³ Fonte disponível em: <https://www.wiltshiremuseum.org.uk/society/>. Acesso em: 29 de ago de 2022.

colocando a Arqueologia para justificar esse propósito – por exemplo, na obra *The Aryans: A study of Indo-European origins* (1926) –, a Arqueologia buscaria, por fim, ficar isenta de narrativas (como na Nova Arqueologia). É o período pós-Segunda Guerra que vem a marcar a consolidação de um papel particular para a Arqueologia: a Arqueologia pública e o aumento do turismo. Quanto a isto, “seus agentes promotores são exitosos em difundir um discurso público em que se credita à atividade uma lista pretensiosa de benefícios sociais, econômicos e ambientais, legando ao turismo um papel tutelar em relação ao patrimônio natural e cultural” (CARVALHO; MENEGELLO, 2020: 97).

Hoje, nesta linha contínua, os ministérios não são mais os que tomam conta de Stonehenge e obras antigas afins, mas sim a instituição English Heritage⁶⁴. Mas, de modo a adentrar a terceira temporalidade exposta por nós (a partir de 1980), com uma acentuação do turismo monumental econômico, e a patrimonialização pela UNESCO, todos os fatores mencionados na complexidade do aparato das fontes primárias ainda são influências visíveis. Nessa ocasião, já havendo um progresso quanto às ideias epistemológicas anteriores, os mesmos museus mudariam, talvez, um pouco sua finalidade, ficando cada vez mais plurais e dinâmicos entre si – uns mantendo ideários nacionalistas, outros mais dinâmicos, e até decoloniais. Zita Possamai (2010), neste argumento, diz que apenas depois de 1960 é que um primeiro indício de museu verdadeiramente educativo ao público surgiria. Ao longo do século XX percebe-se, portanto, eventos quase que simultâneos, e uma aceleração das mudanças. Porém, os fluxos contemporâneos influenciadores continuam constantes, gerando resultados semelhantes, apenas atualizados temporalmente – por exemplo, a recente criação da Galeria de Wessex, em 2012, e a exposição *The World of Stonehenge*, em cartaz em 2022 no Museu Britânico.

Inserção de Stonehenge em uma lógica de Pré-história: política?

A defesa de Flinders Petrie que fizemos no capítulo anterior, enquanto pesquisador e metodologista voluntário, não significa uma trajetória isenta de críticas e verificação de condutas. Assim como Gowland (1902), Hawley (1921-28), e em particular Arthur Evans (1889), estavam inseridos na lógica imperialista, por isso, o estudo deles enquanto fonte deve

⁶⁴ Vide **cap. 6**.

levar em conta que suas ideias surgiram durante a corrida imperialista e colonialista. Antes mesmo da tomada das investigações por parte estatal, com o Ministério das Obras e a Sociedade dos Antiquários, financiando os movimentos a partir de Hawley, Petrie trabalha pela Arqueologia consolidada (que hoje podemos chamar de amadora). Ainda que não aceitasse financiamento nem salário, seu patriotismo⁶⁵ produz mudanças no campo epistemológico. O seu bom estudo metrológico de Stonehenge não significa a falta de hegemonia – principalmente quando pensamos em sua atuação em campos egípcios. A partir deste ponto inicial, muito além de um embasamento Clássico para justificar a legitimidade nacional e a retomada ao passado por causa do Renascimento e do Romantismo, começará um novo movimento: a justificativa do poder imperial por parte do sangue intitulado “ariano”. No século XIX, talvez como forma de substituição daquele passado clássico para o passado local (revisitando os túmulos neolíticos e demais)⁶⁶, os estudiosos – em particular da Arqueologia e da Filologia– construíram não só uma nova narrativa de passado, mas também uma nova narrativa *racial*, ligando passado e presente.

De modo sintético, assim como Gordon Childe descreve em *The Aryans: A study of Indo-european origins* (1926), os arianos seriam um hipotético grupo indo-europeu que dominara a Europa a partir do terceiro milênio a.C. Trabalhados, naquela época oitocentista, não por sua cultura nos termos que definimos no subcapítulo anterior, mas sim por seu poder de invasão e conquista, que seriam de fato, a definição de “nata” dos povos de até então. Isto é, seriam a miscigenação ao longo de anos de povos pré-históricos vencedores, invasores e permanentes. Assim, com o passar do tempo, tal grupo neolítico teria se *misturado* aos outros grupos invasores que tocaram a Grã-Bretanha, como os romanos e, mais tarde, anglo-saxões, trazendo para o presente, uma herança racial mais forte. John Cook, nesta linha, disserta que

o caso britânico facilitou uma mudança mais ampla de paradigma na erudição histórica, de tal forma que um modelo filológico anterior de migração e assentamento popular foi substituído por um novo modelo de invasão e conquista racial. Como veremos, no final do século esse novo paradigma não apenas gerou novos relatos da pré-história da Grã-Bretanha, Grécia e Índia, mas também sugeriu um relato revisado da conquista anglo-saxônica (COOK, 2014: 630).

Ao contrário daquela ideia de difusão e conseqüente degradação conforme afastamento do núcleo catalizador da cultura, os britânicos tomaram a narrativa de difusão como um ótimo evento: construtor de sua política de hoje, trazendo a mistura local como forma de concentração da melhor parcela racial de cada lugar, sendo o sangue vencedor permanente, e o vencido

⁶⁵ Componente da ideologia do séc. XIX do nacionalismo, segundo Díaz-Andreu (2007).

⁶⁶ Visto no **cap. 2**.

lentamente diluído em meio aos demais. Se retornarmos, ainda mais, ao início do segundo capítulo do presente texto, recordaremos que, na Idade Média, os cronistas apresentavam Stonehenge como uma homenagem feita por Merlin para honrar os bretões assassinados e violentados pelos anglo-saxões. Entretanto, a partir deste remanejamento de relatos, os anglo-saxões tiveram uma mudança vertiginosa de significado: agora seriam correspondentes à verdadeira, e vencedora, raça inglesa⁶⁷. Arthur Evans (1889), nossa própria fonte, defenderia algo semelhante em suas páginas. Sua contextualização neste período se torna ainda mais importante quando pensamos que ele é o único de nossas fontes da primeira temporalidade catedrático da Disciplina. Os demais, ainda que na metodologia arqueológica, não tinham ligação direta com aquela que *tinha por objetivo* fornecer provas para tal novo relato do passado político-nacional. Segundo Cook, inclusive, houve nesta época, uma separação dos interesses da própria História e Arqueologia britânicas. Segundo ele,

Depois de 1900, ideias de raça continuaram a ser cultivadas por filólogos, arqueólogos, antropólogos e classicistas, mas não por historiadores britânicos, os quais agora mantiveram seu objeto longe dos vários estudos do passado mais distante. A história das ideias de raça no século XIX tardio pela academia é também a história da fragmentação do ideal vitoriano de história universal (COOK, 2014: 631-632).

Todavia, nota-se nesse movimento de narrativa do *status racial* britânico uma ultrapassagem até da justificativa do imperialismo. Para um leitor ciente dos movimentos catastróficos da terceira década do século XX, podemos citar, inclusive, uma caracterização de modelos eugenistas. O debate entre nacionalismo celta, tradicional, e o novo nacionalismo ariano, de “raça forte”, mestiça, com o sangue dos melhores vencedores, dá também algumas bases para ascensões de regimes totalitários, tais como o fascismo e o nazismo da Europa continental. Em consequência, outros dois movimentos contemporâneos que pautaram essa primeira temporalidade, e transição da primeira para a segunda, foram as duas Guerras Mundiais. A primeira até mesmo de modo mais direto, quando pensando Stonehenge *in loco*, do que a segunda (ainda que esta culminara no cerne dos movimentos raciais eugenistas e Usos do passado imperial).

Na Primeira das Guerras, Stonehenge passa por problemáticas de inserção na política contemporânea de uma forma mais física do que comumente poderia se imaginar: ao invés da proteção pensada daquela pré-história que estava se delineando cada vez mais, Planície de Salisbury torna-se um aeródromo de treinamento de voos de pilotos que iriam para o *front*. Assim, junto com construções militares que perturbariam o solo da paisagem, o intenso

⁶⁷ Cook diz, ainda, que a conquista anglo-saxônica foi transformada de uma migração genocida para uma invasão de suserania.

treinamento aéreo teria interferido no processo de patrimonialização e preservação dele enquanto remanescente inócuo do passado (CHIPPINDALE *et al.*, 2014: 649). De mesma forma, em um campo não monumental, ao mesmo tempo em que a iminência da Segunda Guerra Mundial impedira levantamentos físicos e escavações no terreno, bombardeios nos centros universitários teriam destruído artefatos encontrados e analisados do local (PEARSON, 2013a). Em consequência, enquanto teorias estavam a todo vapor ao longo das duas GMs, mudando paradigmas do campo teórico e intelectual (como já explicito por nós), os objetos propriamente ditos corriam certo perigo.

Afinal em segurança, tendo sobrevivido (de modo físico e no campo dos interesses dos debates teóricos) ao contexto turbulento geral dos conflitos, Stonehenge torna-se, de uma vez por todas, participante do contemporâneo. Tendo migrado de uma esfera onde a cultura popular pagã sobrevivia muito fracamente⁶⁸, e onde o estudo e investigação permanecia em esfera erudita, muito restrita e pontual, é com as iniciativas de institucionalização, apresentadas acima, que o nosso megalítico retorna à esfera pública, e do grande público. Desta vez, por meio de turistas *in loco*; visitantes dos museus; leitores; ou até mesmo – como exposto nos próximos capítulos – telespectadores, o monumento, e a pré-história na qual está inserido, tornam-se participantes de imaginários e curiosidades das pessoas atuais. A história teórica por trás dele torna-se preferível ao local inócuo propriamente dito, exposto de modo factual ou em gabinetes de curiosidade. Faz-se, pois, difícil trabalhar com as revoluções epistemológicas em si, por meio das ciências puras. Sempre haverá um contexto externo influenciador, mas que seja, ao mesmo tempo, receptivo e absorva as vontades científicas. Escolas de pensamento, iniciativas governamentais e contexto global são esferas que se cruzam – tanto na formulação das pesquisas acadêmicas, quanto no interesse da sociedade. Em suma, muitos foram os movimentos de compreensão, apropriação e manipulação do ideário total de Stonehenge. Tomando emprestada uma expressão de Michel Foucault, a nossa História da historiografia, ou a História da Ciência, exige uma *Arqueologia do saber*.

Por fim, alguns pontos positivos nascem do declínio da Inglaterra enquanto potência, e crescimento da globalização enquanto preferência de manutenção do poder estatal – não tanto mais pautando ideários imperialistas. A partir do marxismo de Childe e subsequentes, a ideia do nacionalismo europeu consegue ser transformada para enquadrar-se nos modelos dos países colonizados, sendo um ponto de afirmação da política nacional e da legitimidade dos mesmos:

⁶⁸ Pretendemos analisar, em uma iniciativa posterior de pesquisa, para o mestrado, a prática, por parte do clero Médio e Moderno, de dissipar cultos folclóricos pagãos que utilizavam o monumento como local de ritos.

impondo que nada se submete à narrativa europeia, ainda que usando os métodos destes e suas instituições, tais como museus e academias ocidentalizadas. Fugindo da ingenuidade de dizer que os interesses de poder ainda não existem, pode-se dizer que, pelo menos, outras variáveis nascem para pluralizar o eixo de análise pelas academias, e, mais tarde, do grande público.

PARTE III

Capítulo 5

Novos olhares, Nova Arqueologia

Stonehenge enquanto objeto, não teve, até os tempos recentes, algum autor que se auto identificasse como pertencente a algum dos tipos de Arqueologia mencionados no capítulo anterior: a Arqueologia específica de Stonehenge nasce durante a temporalidade atual, pós anos 1980. Contudo, a segunda temporalidade, intermediária, traz problemáticas e divergências antes nunca vistas, implícitas nas vertentes que regiam a Academia, mas também grande parte da sociedade. Dois dos maiores nomes dessas vertentes no terreno de Stonehenge são Richard Atkinson e Gerald Hawkins. Com interposições interessantes, tendo muitas rodas de conversas e citações mútuas, diferem totalmente no estilo de escrita, ainda que contemporâneos e frequentadores de meios sociais acadêmicos. Ambos construíram conhecimentos significativos sobre o megalítico – seja para a academia, ou para o grande público. Richard Atkinson e Gerald Hawkins foram, sem dúvida, dois grandes nomes não só desta segunda temporalidade, mas de toda a história da historiografia do megalítico, apoiados de perto por Alexander Thom e Fred Hoyle. Tal temporalidade em particular, foi muito menor do que a primeira, mas, em contrapartida, muito importante para a popularização das informações e sua velocidade de transmissão – intrínsecas tanto ao mundo interno da Arqueologia, como as primeiras datações de radiocarbono, quanto e aos movimentos externos da ciência, como o estruturalismo e o cientificismo, e, mais externo, aos movimentos da sociedade, tais como o pós-Guerra, ascensão das mídias televisivas, e até mesmo de práticas da famigerada pseudociência.

Richard Atkinson: Stonehenge

Richard John Copland Atkinson (1920-1994) foi um pré-historiador britânico. Representante da vez do Ministério das Obras, tinha especialidade no estudo de caso mais próxima que Petrie, arqueólogo “geral”: sua carreira, de modo exclusivo, fora pautada pela pré-história britânica – em particular pelos sítios megalíticos. Notório pela sua tecnicidade, sendo

hoje o autor de mais produções expostas nos museus da região⁶⁹, tem importância fundamental e pioneira para um novo grupo alheio à academia do megalítico: o grande público. Ainda que Petrie já pincelasse tal preocupação, oferecendo gratuitamente cursos de arqueologia para a sociedade britânica, Atkinson é o primeiro a usar mídias televisivas como forma de extravasar o conteúdo apreendido e acumulado. Por mais que tal grande público, e a cultura popular de forma geral, já tocasse o monumento e seu contexto desde sempre, é nessa época que a academia e a população dialogaram sobre um eixo temático em comum⁷⁰. Logo, produtor do intitulado *Buried Treasure* (1954), Richard Atkinson demonstra, por documentário, os primórdios da Arqueologia experimental e pública. Nele, de modo muito gráfico, aborda questões da construção estrutural do monumento, tais como: caminho de levada das rochas; quantidade de mão de obra por tipo de pedra; tempo de edificação; condições de transporte, etc. Quase não são abordadas questões subjetivas de finalidades, causas e sujeitos – é dado mais enfoque em dados factuais, que facilmente poderiam ser verificados.

Cada autor pode ser analisado, além de seu conteúdo, por próprias perguntas que fazem e respondem em seus textos. Atkinson, deste modo, tem um caráter interrogativo muito mais pragmático do que todos os autores até aqui abordados. Suas preocupações são muito voltadas à estrutura do monumento, aspectos práticos e métricos. Tal característica o fez publicar, em 1953, seu *Field Archaeology*, no qual sempre justifica suas observações pela ciência, como uma metodologia, uma instituição, em oposição total ao subjetivo das culturas. Todavia, como Parker Pearson (2013a) já apontara, ele é obscuro em seus métodos. Pretendendo ser mais claro e detalhista que Hawley, Atkinson acaba aposentando-se forçadamente por doença, sem completar e publicar relatórios de campo. Desta forma, publicara apenas o resultado final (o livro *Stonehenge*), mas sem identificar o percurso escavatório e mesmo metodológico – de maneira inversa à Hawley, o qual publicara os relatórios, mas não os resultados finais.

Assim como em *Stonehenge: Plans, Descriptions and Theories* (PETRIE, 1880), conseguimos identificar duas divisões no trabalho de *Stonehenge*, ainda que não evidenciadas da forma direta que Petrie faz. A primeira parte se pauta por descrições e conclusões com base nos produtos da escavação de Atkinson – porém que demonstra déficits de métodos detalhados, como apontado por Pearson (2013a). Na segunda parte, pelo contrário, oferece-nos um

⁶⁹ A instituição English Heritage, hoje, abriga uma coleção de mais de dois mil registros fotográficos feitos por Atkinson. Além disso, a Galeria de Wessex de Arqueologia tem coleções de artefatos da Idade do Bronze descobertos pelas escavações do arqueólogo em meados do século XX. Vide: <https://www.english-heritage.org.uk/visit/places/stonehenge/history-and-stories/history/sources/>. Acesso em: 11 de mar de 2022.

⁷⁰ Por exemplo, antes disso, diferença de significados entre antiquários eruditos e populares, ou cronistas e populares.

panorama mais completo de pré-história. Adentra, por muitas vezes, aquelas ideias de culturas megalíticas, culturas difusionistas e etc., que em peso foram propostas por Gordon Childe, no começo do século. Porém, pode-se ousar dizer que Richard Atkinson é mais didático nesta parte do que Childe. Para isso, em seu prefácio, *Stonehenge* nos mostra que foi escrito com a contribuição de dois outros estudiosos: Dr. J. F. S. Stone e Stuart Piggott. O primeiro, também arqueólogo britânico, aparece sempre por tais abreviaturas, dificultando seu processo de rastreio bibliográfico, já que Stone é um sobrenome comum. Contudo, Piggott, no outro extremo, é um dos teóricos britânicos mais famosos. Com inúmeros trabalhos de campo, estudara também, de maneira inovadora, o histórico de pesquisa e vida de Stonehenge. Segundo Bruce Trigger (2006: 506, grifo nosso), teria sido o primeiro a dar “uma ênfase crescente em biografias como instrumento de estudo do desenvolvimento da interpretação arqueológica. Essa técnica foi inaugurada por [seu livro] *William Stukeley: 18th century antiquary* (1950)”. Contribuíra, assim, para grande parte das citações teóricas do livro, em contraste com as citações descritivas e de campo de Atkinson.

Entretanto, parece que a consolidação do texto em si se deu apenas por este último, referindo-se e consultando aos demais autores vez ou outra. Isso faz com que o estilo varie um pouco nas partes que Atkinson não domina, isto é, naquelas que não foram fruto de sua própria observação (ainda que até estas mesmas sejam problemáticas por falta de explicações, como já dito). Piggott aponta muitos caminhos teóricos sobre arqueologia e história da historiografia. Para seus leitores, fica fácil perceber qual é sua contribuição na obra aqui referida. Inclusive, o lemos com profundidade para explicações dos capítulos anteriores como fonte secundária. Então, para quem já conhece Piggott, Atkinson é feliz quando o cita para embasamento de opiniões. Mas, além da descrição dos aspectos factuais da primeira parte, fruto de suas observações, e dos fatos históricos trabalhados por Piggott, Atkinson ousa dar sua própria opinião, usando o pronome “eu” várias vezes. Nessas ocasiões, percebemos a falta de alicerce de argumentação científica. Não é possível, por fim, identificar a contribuição exata de Stone, ao contrário de Piggott, que Atkinson cita diretamente várias vezes.

No livro, são classificadas três fases de pesquisa de Stonehenge a partir do estudo antiquário de Piggott: Petrie e Gowland são colocados ainda como antiquários, diferente de nosso panorama aqui defendido. O antiquarismo de Stonehenge teria morrido, para ele, apenas em William Hawley, grande fonte de referência da obra de 1956. Então, por mais que o livro tenha sido feito com base nas percepções de três pesquisadores da mais nova temporalidade de pesquisas, o grande nome do livro é o Coronel Hawley. É com base nos resultados e relatórios

de sua escavação dos anos 20 (de maior magnitude do que a do próprio Atkinson) que *Stonehenge* é embasado.

Dividido em sete capítulos mais apêndices, *Stonehenge* (1979) é a segunda edição, com revisões, da obra que fora publicada pela primeira vez em 1956. Muitas das contribuições presentes no livro foram feitas de modo voluntário por Stone e Piggott, mas involuntariamente pelo Coronel Hawley, do qual Atkinson usa em peso anotações e resultados das escavações de trinta anos antes. Nosso intuito, com esta pesquisa, tem sido avaliar as mudanças e locuções quanto Stonehenge ao passar do tempo das temporalidades propostas. Porém, Atkinson ao mesmo tempo em que se localiza em fluxos de pensamentos já diferentes, é um ponto chave importante de ligação. Além de usar sem refutações e grandes críticas Hawley, de nossa primeira temporalidade, publica 15 anos depois uma reedição de sua obra sem modificações. As únicas diferenças, como evidenciado abaixo, foram de datações advindas de radiocarbono, que, ainda assim, são posicionadas no final do livro, como um acréscimo. Portanto, percebemos uma linha ininterrupta de sentidos parecidos desde Hawley, em 1920, até a reedição de *Stonehenge*, de 1979.

Os primeiros capítulos são, assim como os de Petrie, de descrição das estruturas. Segundo o autor, “para entender a história de Stonehenge, a primeira coisa a se fazer é conhecer as várias estruturas que o compõem”. Somente por elas que se poderia chegar, em algum grau, à narrativa de criação e uso do monumento (ATKINSON, 1979: 21). Descreve, pois, a vala (*vala*) e banco (*banco*), pedras, Fossos de Aubrey, Buracos Y e Z, Avenida, Eixos e, por fim, alguns montículos e cemitérios do contexto – de maneira muito semelhante ao que Petrie e Hawley já haviam descrito. Nesta parte da descrição, somado a alguns comentários de suposições, como a de que a vala só existe porque a intenção era fazer o banco, e significados astronômicos das Pedras de Estação, Atkinson é o primeiro a identificar um novo componente, até então nunca percebido: entalhes, isto é, gravuras. Além de todo o “vandalismo” moderno e contemporâneo, com diversas iniciais de nomes e palavras grafadas, são identificadas por ele alguns tipos de gravuras pré-históricas: todas em formato de “martelos”. Seriam evidência, não só do trabalho de modelagem, mas também das manifestações de novas técnicas da Idade do Bronze. Porém, de igual maneira ao pouco estudo desdobrado dos Buracos Y e Z, descobertos por Hawley, tais entalhes não foram analisados e teorizados por Atkinson. Só aparecem como menção – seja da complexidade cada vez maior do megalítico, ou do olhar cada vez mais aguçado dos pesquisadores. Isto é, em questões de componentes do megalítico, estas foram as penúltimas a ser notadas pela historiografia. Com exceção dos Buracos Q e R, abaixo

apresentados, todas as estruturas que hoje se estudam já estavam descritas. Após isso, apenas foram integrados mais objetos do contexto e teorias subjetivas.

Figura 12: Entalhes de Stonehenge



Fonte: ©Professor Atkinson⁷¹.

Seguindo o mesmo percurso de Petrie, o próximo capítulo é “The Sequence of Construction”. Talvez com um caráter cultural menor em comparação ao primeiro capítulo, Atkinson reforça a ideia de que os estágios teriam sido construídos por *religiões* diferentes (ao invés de culturas), ainda que em um curto espaço de tempo – segundo ele o monumento todo teria sido construído por cerca de 500 anos⁷². Deduz isso da mesma maneira que o egiptólogo faz: por meio da posição das pedras. Sabemos que Atkinson teria tido contato com ideias de Petrie, pois em alguns casos menciona o plano acurado do mesmo. Contudo, com base nestas discussões de idades, eixos e demais, não se sabe se ele propositalmente as atualiza, ou se apenas tem conhecimento que Petrie produzira conteúdos, sem realmente ter se adentrado nos seus escritos.

Mesmo que chamando de Stonehenge I, II e III, como Petrie, Atkinson divide o último estágio em a, b e c, caracterizando assim, os cinco estágios de construções que temos hoje. Contudo, as datas ainda são diferentes das atuais, bem como as etapas de construção entendidas como pertencentes a cada um deles. Entre a primeira e a segunda edição, que distam cerca de 20 anos entre si, a datação de radiocarbono teria se popularizado e aprimorado. Porém, Atkinson preferira manter as informações no texto da segunda edição, e apresentar apenas um apêndice corretivo com a variação das estimativas.

⁷¹Disponível em: https://www.themodernantiquarian.com/site/609/stonehenge_graffiti_dagger_stone.html. Acesso em: 16 de mar de 2022.

⁷² Hoje são presumidos pelo menos dois milênios de construção.

Assim, as únicas críticas de *Stonehenge* à Hawley não são quanto aos métodos ultrapassados, mas sim direcionadas a ele enquanto selecionador de fontes: descartes de cerâmicas, escavações destrutivas e falta de regularidade na escavação seriam dificuldades notadas. Deste modo, a continuidade e a não segurança em se colocar no lugar transitório de uma ciência evolutiva (como Petrie primeiro assume) são marcas claras da obra aqui referida. Percebe-se uma semelhança até mesmo com Gowland, pois Atkinson faz renascer as analogias com o Japão pré-histórico, que haviam saído de cena desde 1902⁷³.

Por outro lado, quando se compara Richard Atkinson com Gerald Hawkins, próximo pesquisador que iremos referir, percebe-se uma cientificidade emergente, bem como uma preparação para teorias matemáticas que até então não existiam. Além de focar de modo mais veemente nas técnicas e números de construção (quarto capítulo: “The techniques of Construction”), ele apresenta uma última estrutura original: os Buracos Q e R. Sobre eles, na evidência de pedras que não estão mais lá, comenta:

Esta conclusão é de grande importância para a questão da orientação de Stonehenge. Deve ser observado que a entrada destes dois círculos de doleritos, marcados pelas pedras adicionais na horizontal, correspondem muito proximamente com os eixos da posterior estrutura de sarsen. Logo, se segue que a orientação de Stonehenge para o nascer do sol no solstício de verão foi um fato consumado antes mesmo que os monumentos de sarsen sequer existissem (ATKINSON, 1979: 61).

Portanto, na verdade, o conteúdo do livro pode ser dividido em três partes, de teores diferentes: capítulos de relatórios de escavação (dele e de Hawley); capítulos de tentativa de compreensão de como a construção foi feita; e, por fim, capítulos de tentativa de compreensão do significado de tudo isso – campo de maior subjetividade e imaterialidade visto até então. Em outras palavras, ainda que obscuro quanto aos métodos da primeira parte, e gerando opinião por vezes polêmicas quando analisadas hoje, a obra de Atkinson é a primeira a quebrar totalmente a barreira do objeto enquanto factual, e enquanto fonte de narrativas sem rigor historiográfico, ou, em particular, com rigor derivado de racismos científicos e analogias do século XIX. Isto é, até Atkinson, as bibliografias selecionavam, talvez de forma involuntária, uma abordagem para ser feita, de acordo com as vontades do período: seria estudada a estrutura por meios de medição, ou seria feita uma escavação acumulativa, ou seriam aplicados significados sem embasamento experimental. Como já citado por nós, ainda que não se possa definir

⁷³ Em suas palavras: “as únicas estruturas de madeira identificadas são quatro buracos de postes localizados perto da Pedra do Talão e as linhas destes mesmos na Avenida. Os primeiros devem talvez ter ajudado a ereção de um portão triplo, sob lintéis de madeira, como por exemplo os portões dos templos familiares a nós nas imagens japonesas” (ATKINSON, 1979: 71).

rigorosamente uma vertente de estudo, como a Arqueologia histórico-cultural, por encontrarmos inúmeros desvios à regra, e a própria regra ficar obsoleta, os pesquisadores faziam uma opção por estudar uma das três esferas: ou escavação ou medição e teorização, ou teorização crua.

Ainda que a base experimental para tal pensamento tenha sido, majoritariamente, de Hawley, Atkinson é o primeiro a interpretá-lo, e, o ato de interpretar um material físico era o que Stonehenge estava precisando desde a ausência de publicações finais, criticada por nós em Hawley e seu grupo de discussão – Sociedade dos Antiquários. Do quinto capítulo, intitulado de “The builders of Stonehenge” ao sexto, “The meaning of Stonehenge”, há duas características inovadoras apresentando-se: uma capacidade de síntese, mesmo que o conteúdo já seja de longa data, relacionando visão de pré-história geral com o estudo de caso apontado *pelos escavações in loco*; e uma ênfase crescente na estrutura e números matemáticos do contexto (mão de obra, peso, quilometragem, etc.) pedras em detrimento da *finalidade*.

Por fim, o derradeiro capítulo é de retomada antiquária. Nele, Atkinson aponta que *Stonehenge* nada mais é do que o mais recente de muitos estudos que datam desde antes de 1600. E, ainda, faz uma divisão tripartida do teor destes: o período das lendas, onde Geoffrey de Monmouth continuaria sendo expoente chave; o período do antiquarismo, no qual Atkinson aponta como característica máxima as especulações e registros antiquários, que, diferente do que propomos, adentraria até 1920; e o período da pesquisa moderna. inaugurado por Hawley, ainda que Arthur Evans já reconheceria-se da mesma forma. Então, Richard Atkinson, em comparação aos pesquisadores da primeira temporalidade como um todo, coloca-se em uma gestão de informações mais conservadora, onde os avanços científicos seriam pautados pela grande continuidade do histórico de pesquisa.

Em conclusão, de modo constante, afirma que o grande público continua fazendo certa pressão para receber informações sobre a finalidade e subjetividade. Ainda que tenha se debruçado na estrutura e dados teóricos sobre migrações, culturas e sistemas econômicos, Atkinson sabe que as pessoas estão mais interessadas no pensamento por de trás – mesmo que a vertente acadêmica universal que ele esteja inserido seja a Nova Arqueologia. Então, nesta fase, por mais que a Nova Arqueologia estava em prumo, há Novos Olhares vindos da sociedade, que ele mesmo incentivara, com as entrevistas e documentário: a contracultura e os ritos neopagãos nas pedras que introduzem novos olhares ao centro do foco na década de 1980. A partir dela, temos esforços em pesquisar a colocação de sujeitos, História dos sujeitos, e preocupação para com eles, para além de dados universais de determinismos do ambiente em

situações estruturais. Porém, no meio tempo, outro nome oferece o que o grande público quer – teorias: Gerald Hawkins. Entretanto, será visto suas problemáticas quanto ao oferecimento gratuito de teoria, assim como foi visto problemáticas quanto ao estado factual e antiquário do monumento até então. Mas, antes dele, Alexander Thom, protagonista na ideia de *arqueoastronomia*, também deve ser brevemente exposto, como base fundamental de Hawkins.

Alexander Thom

Ainda que não tão corrente e popular como Atkinson e Hawkins, Alexander Thom (1894-1985) participara da mesma temporalidade de discussões, sendo, inclusive, quem tivera inaugurado as problemáticas astronômicas dentro do cientificismo da década de 1960. Mesmo que investigações quanto ao alinhamento do monumento com os astros (em particular, com o Sol, no dia do solstício) já existissem dentro do pensamento erudito desde meados do século XVIII, é com Thom que o leque de possibilidades amplia. Além de serem pensados alinhamentos com mais astros do que a estrela solar, ele trabalhou com a ideia de um quintal megalítico astronômico – isto é, toda aquela seara de construções neolíticas pensadas para diversos alinhamentos astronômicos.

Nesta via, muito referido hoje como o criador da *arqueoastronomia*, Thom deu o nome de jarda megalítica (*megalithic yard*) a um número hipotético que seria precursor do conjunto de monumentos megalíticos pré-históricos britânicos, os quais seriam todos *computadores* do passado remoto. Em outras palavras, a jarda megalítica seria, para ele, uma unidade de medida padrão de resposta por trás da pergunta fundamental sobre a origem de Stonehenge e demais monumentos do contexto britânico, equivalente a 0,83 metro. Porém, mesmo que autor da mescla de Astronomia com Arqueologia, ele era engenheiro de formação, ficando longe de teorias que teriam alguma propriedade sobre a compreensão do passado do megalítico. Assim, faz-se necessário entender sua trajetória de pesquisa, ainda que de forma breve, para analisar o porquê de suas teorias serem tão impactantes nesta temporalidade, apesar de logo ser refutado, de certos modos até hostilmente, por profissionais pós 1980⁷⁴.

⁷⁴ Aubrey Burl, autor teórico já mencionado nos capítulos anteriores, inclusive, chama o arquétipo das jardas megalíticas de um equívoco estatístico grotesco, uma *quimera* (BURL, 1980). Percebemos, pois, que Thom, muito

De maneira diferente à dos outros autores analisados desta temporalidade, Thom não tem um livro denso específico sobre Stonehenge. Seu pensamento inaugura uma forma nova de verificar o contexto da Planície de Salisbury e da Grã-Bretanha como um todo, e não apenas o do megalítico. Seu compilado disto, está reunido na obra *Megalithic Sites in Britain* (1967), a qual data pesquisas iniciadas em meados da década de 50– como pode ser verificado no artigo *A Statistical Examination of the Megalithic Sites in Britain* (1955). Refutado anos depois, por erros de medida, dera o ponta pé inicial para os tipos de estudo sobre Stonehenge característicos daquela que definimos como segunda temporalidade, que abarca os anos de 1960 até 1980. Paralelo à Richard Atkinson, o qual também inicia certo cientificismo e estruturalismo na busca de significados de Stonehenge, como dissertado no subcapítulo anterior, Thom participa, no final da década, de reuniões de um grupo de discussões. Por mais que o mesmo se apresentasse de modo não tão coeso, participara, pela primeira vez, num esforço de união de pesquisadores para discussão de temáticas quanto a produção de conhecimento geral sobre o monumento. No artigo *Hoyle on Stonehenge* (1967), por exemplo, notam-se atritos dos quatro autores entrevistados. Thom, ao discorrer sobre os equívocos de Hoyle, também produtor de teorias arqueoastronômicas, diz que evitara focar apenas em Stonehenge devido ao fato de que há centenas de outros círculos importantes na Grã-Bretanha. Em suas palavras,

Esta abordagem, sendo complementar a um estudo de Stonehenge, é necessária para a compreensão do conhecimento possuído pelos construtores. Também tem a vantagem de que, quando o trabalho é feito honestamente e honestamente relatado, fornece material sobre qual a análise estatística pode ser baseada para produzir os valores pretendidos ou fornecer um nível de probabilidade para a aceitação de qualquer hipótese específica apresentada (ATKINSON *et al.*, 1967: 95).

Usando os levantamentos físicos conseguidos por Atkinson⁷⁵, Alexander Thom ignora de modo total qualquer outra questão que não a dos alinhamentos. Caracterizado pela publicação de vários artigos curtos sobre o tema, não vê necessidade de abordar aspectos culturais ou subjetivos, como os demais pesquisadores anteriores faziam. Cada vez mais, usando a estrutura, constrói uma metrologia pseudocientífica, que o acompanha até sua morte, com 90 anos de idade. De acordo com Myriam Philibert (1994: 92), o interesse de pesquisa e debate dele se projetava em duas direções: geometria e astronomia. Assim, através da análise de mais de 600 sítios pré-históricos ao longo da ilha britânica, propõe modelos gerais de “desvendamento” da geometria dos círculos de pedra, em particular aqui, Stonehenge.

mais do que os outros nomes, tais como Hawkins e Hoyle, os quais também propuseram teorias audaciosas e imprudentes, foi mais rudemente exposto e negado.

⁷⁵ Como por exemplo em *Stonehenge* (1974).

Entretanto, como ele mesmo diz, foram pequenos círculos inexpressivos e degradados na Escócia e País de Gales que forneceram as pistas fundamentais para a condensação de suas teorias.

Em síntese, Thom, ainda que com os referidos erros numéricos, contribui de uma nova forma na investigação do homem neolítico. Ele traz a preocupação que pensadores posteriores a ele não terão: a de compreender o sistema algébrico hipotético da sociedade ao redor do monumento, e não só números que o jogo de pedras pode oferecer de modo aleatório. Hawkins e Hoyle, como será visto, propõem um olhar muito mais anacrônico neste tema. Assim, não cabe aqui dissertar em detalhes cada um de seus artigos, pois, além de serem pautados na maioria das páginas por fórmulas e equações, não estão em nosso domínio de avaliação metodológica. De modo diferente aos demais autores, os quais mesclaram teorias empíricas com alguma historicidade, Thom verdadeiramente coloca o eixo de sua ciência de origem, trazendo o nome *Arqueologia*, em arqueoastronomia, apenas por se referir a um objeto do passado, ou seja, da cultura material arqueológica por definição. A ideia de um estudo da possibilidade de uma geometria, de uma compreensão matemática, é muito melhor do que o trabalho que Hawkins e Hoyle farão a frente, apenas adotando uma ideia já formada, sem investigar e questionar as bases herdadas.

Gerald Hawkins: Stonehenge Decoded

Radio-astrônomo Ph.D., Gerald Stanley Hawkins (1928-2003) é o mais famoso não-arqueólogo propagador de teorias de Stonehenge. Fora fundamental, além dos modelos que propôs em *Stonehenge Decoded* (1965), na atuação daquela *arqueoastronomia*. Com nenhuma outra publicação anterior no tema, Hawkins possibilitou a entrada e popularização de um outro campo de estudo nesta linha, por vezes problemático, à Stonehenge: a “pseudociência”, onde interpretações pessoais, do observador, são validadas tanto quanto as do método científico.

Segundo sua bibliografia,

o livro de Hawkins foi um sucesso comercial. Foi especialmente popular entre os membros da contracultura dos anos 1960, que descobriram que seguia uma linha similar de ‘sabedoria dos antigos’ explorada por Alexander Thom, um engenheiro escocês mais famoso por sua teoria da jarda megalítica, categorização de círculos de pedra e seus estudos de Stonehenge e outros sítios arqueológicos. As teorias de

Hawkins ainda informam a opinião popular sobre Stonehenge, embora os arqueólogos sejam cautelosos em aceitá-las⁷⁶.

Com um caráter informal, usando por muitas vezes o pronome “eu” (mais ainda do que Atkinson), ele opta por fazer um texto sem notas de rodapé; e referências apenas no final (1965:02). Isto dificulta compreender ou determinar qual seria a fonte de cada uma das informações que expõe no decorrer do livro, mas, é justamente essa falta de notas e referências acadêmicas que tornam a leitura de seu texto fácil e fluida. Suas expectativas eram de abranger um grande público muito além da academia científica (quer seja ela de astronomia ou arqueologia do tema). No próprio conteúdo do livro, em caráter autobiográfico, conta o percurso de escrita e publicação de um artigo em 1963: único, até então, a ter popularidade. *Stonehenge Decoded* (1963), artigo da *Nature*, dá-lhe feedbacks e fama – e se torna precursor do livro aprimorado, aqui avaliado. Assim, escreve mais dois artigos no mesmo ano sobre o tema, para, então, produzir sua obra prima de mesmo nome do primeiro artigo: *Stonehenge Decoded* (1965). “Aproveitando a deixa” do espaço popular conseguido pelo artigo, Hawkins também publica documentários, semelhante à Atkinson.

Produto não de escavações, mas sim de testes computadorizados que utilizam um novo método, *Stonehenge Decoded* é fruto de análise de softwares interpretados por Hawkins. Neles, o astrônomo e seu enxuto grupo de pesquisa colocam coordenadas de vários pontos chaves do monumento, e sintetiza em diversas teorias de construção e finalidade. Sem ser requisitado pelo Ministério das Obras ou órgão semelhante, Hawkins retoma a ideia de pesquisador autônomo – que remete as pesquisas antiquárias anteriores ao século XIX. Ele, afiliado por profissão ao Observatório Astrofísico Smithsonian, toma Stonehenge como mais um dos seus objetos de pesquisa astronômicos, por vezes ignorando a carga arqueológica e historiográfica. Mas, ainda no prefácio, reconhece e agradece a contribuição das teorias de Piggott, Atkinson e Alexander Thom – alguns deles arqueólogos do caso. John White, outro nome apresentado por ele, é tido como colaborador desta obra. Todavia, o mesmo diz, em seu prefácio particular, que não é historiador nem astrônomo, e estava ali apenas para revisar e dar palpites. Em suas palavras: “não sendo nem astrônomo nem arqueólogo, estou capacitado para contribuir com esse livro apenas pelo meu intenso interesse amador em Stonehenge, e por algumas pesquisas que fiz sobre sua história – real e imaginária” (WHITE *apud* HAWKINS, 1965: ix).

⁷⁶ Fonte disponível em: <https://ui.adsabs.harvard.edu/abs/2003BAAS...35.1466K/abstract>. Acesso em: 08 de mai de 2022.

O intuito deste capítulo, contudo, não é apenas criticar tais locuções, nem as demais colocações que por vezes fizeram desserviços na academicidade do monumento. Isto se dispensa porque já foi feito, e muito, pelas vertentes de Arqueologia Pós Processual que finalmente aplicaram áreas de estudo específico em Stonehenge pós década de 1980 (vide por exemplo [CHIPPINDALE, 1986] e [ESTEBAN, 2004]). Nosso objetivo é, pois, analisar como que, após séculos de desenvolvimento de metodologias e união de interesses, surgiram tais pontos alheios, que conseguiram em muito inserir o olhar populacional, mas que, por outro lado, colocaram em xeque a argumentação sólida dos historiadores e arqueólogos acadêmicos de renome, e que, ainda, foram lançados pela *Nature*, revista científica de prestígio. Neste momento, ainda não há uma interdisciplinaridade estimada do monumento, mas sim um movimento paralelo que não estabelece eixos e não é desenvolvido em conjunto com o que Atkinson tanto apoiara-se com conservadorismo.

Hawkins apoia sua verdade na baixíssima margem de erro do software, concluindo que Stonehenge realmente era um computador fabuloso de quatro mil anos atrás. Porém, sua metodologia de análise para essa conclusão é a de que: “se eu consigo ver qualquer alinhamento, relações gerais ou uso das várias partes de Stonehenge, então esses fatos também eram sabidos pelos construtores” (HAWKINS, 1965: vii). Ao mesmo tempo, durante toda sua argumentação “historicizante” – isto é, na parte que traduz os resultados da máquina para a finalidade e pensamento dos sujeitos pré-históricos – ele se refere aos *stonehengers* (em suas palavras) como primitivos.

Além dos trechos soltos e com cortes de possíveis referências bibliográficas (mal apresentadas), ele inicia a obra dissertando sobre a história que tem como imaginária do monumento, isto é, a narrativa que os cronistas e antiquários construíram (capítulo 1 [“The Legends”] e 2 [“The people”]). É interessante ver como são mesclados comentários válidos – ou seja, aquelas percepções que são encontradas nas outras fontes também – com perspectivas já problemáticas. Por exemplo, ao mesmo tempo em que Hawkins afirma que o ideário celta tão talhado por William Stukeley provém de óticas cristãs tendenciosas, mais para a frente, no texto, ele trabalha com a ideia de “The Numbers Game”, onde ele admite que elabora uma conexão de números no monumento simplesmente porque parecem fazer sentido (dentro de seu olhar também tendencioso).

De igual forma à Atkinson, propõe a construção de Stonehenge nos estágios I, II IIIa, IIIb e IIIc, com mais ou menos a mesma sequência proposta pelos pesquisadores anteriores, todavia, que seria feita de modo mais acelerado do que os atuais 2000 anos de construções

pensados, em cerca de 300 ou 500 anos. Para o astrônomo, diferente da ideia de diversas culturas ou religiões construtoras, apenas a inteligência de um homem e seus descendentes, desde o começo, já teria concebido a ideia de Stonehenge em íntegra.

Porém, tudo isso até aqui é passado de forma breve. Percebe-se que não é o foco do texto de Hawkins, ao contrário dos relatórios de Hawley ou Atkinson, apresentar a estrutura da forma física. Tampouco é se desdobrar sobre uma lógica de Pré-história – seja ela histórico-cultural ou processual. Ainda que referente aos produtores de conteúdo específicos do tema como “autoridades”, o foco de Hawkins é muito pessoal, sobre *seu* próprio conteúdo: a proposição de que Stonehenge é uma máquina. Mas, ainda que, em conclusão, ele não esteja inserido propriamente na Arqueologia Processual, ele está num estruturalismo emergente. Em seu quarto capítulo, intitulado “The Method”, Hawkins especifica mais ainda aquilo que Atkinson tinha elaborado no documentário: ele fala sobre medidas dos suportes para as pedras, sobre o número de homens, faz mapas sobre o percurso dos sarsen e dos doleritos e, inclusive, o número exato de dias que a construção teria levado!

“The Machine”, próximo capítulo da sequência, é o capítulo mais denso e o mais icônico das fontes até aqui. Uma das características que torna a fonte de Gerald Hawkins tão específica é seu caráter autobiográfico mesclado à proposição de teorias “científicas”. Ele não divide seu trabalho como Petrie ou Atkinson haviam feito: isto é, a primeira apresentação isenta de opiniões, para depois comentários pessoais. Ele, em *Stonehenge Decoded*, apresenta suas perceptivas junto da narrativa, o que leva a um convencimento do leitor, ainda mais devido ao caráter um tanto quanto sensacionalista:

Para a máquina, eu precisava de algo concreto; um problema bem definido, os melhores dados disponíveis sobre Stonehenge, e uma clara pergunta. Somente com tal *input* poderia haver *output* efetivo, e respostas à pergunta.

Minha pergunta foi bem definida: ‘Alinhamentos significativos em Stonehenge apontam para posições celestiais significativas?’ O requerimento de significado, no chão e no céu, era óbvio. Existem tantos alinhamentos de Stonehenge possíveis - 27.060 entre 165 posições - que poderia ser encontrado para apontar para praticamente qualquer coisa no céu e, vice-versa, há tantos objetos no céu – talvez literalmente um número infinito - que quase nenhuma linha se estendia da terra poderia falhar em acertar pelo menos um.

Para responder a essa pergunta, a máquina precisava de informações pertinentes sobre Stonehenge e o céu.

Passamos a dar-lhe essa informação (HAWKINS, 1965: 104).

Na época de escrita de tal referida obra, já era mais do que consolidada uma astronomia de Stonehenge – que remete à William Stukeley (1740) com o descobrimento do alinhamento do solstício, e à Norman Lockyer (1901) com demais teorias astronômicas. Porém, Hawkins

propõe uma série de novos alinhamentos, pautados pela correspondência da posição das pedras com estrelas no céu, calculados pelo sistema de software apresentado – situação, chamada por Chippindale, de “simples plausibilidade”, e que não demonstra a mínima consistência com outros sítios do contexto. Assim, algumas perguntas devem ser colocadas: Hawkins afirma-se como cientista, e de fato o é, sendo Ph.D. Mas, qual sua concepção de ciência e método científico? Por que ao mesmo tempo em que ele trabalhara com dita cientificidade, dera espaço para pseudociências surgirem no monumento⁷⁷? Sua narrativa, apresentada acima, pode ser vista como experimental? Ainda que todas essas perguntas sejam respondidas de modo afirmativo e condizente com a cientificidade, seria, então, a melhor saída aplicar esta lógica científica usual no estudo e conclusões sobre a pré-história?

E. P. Thompson nos mostra que a História é sim uma ciência com lógica, mas com seus métodos a parte. Segundo ele, “a evidência histórica tem determinadas propriedades. [...] Nesse sentido é certo [...] que embora o conhecimento histórico deva ficar sempre aquém da confirmação positiva (do tipo adequado à ciência experimental), o falso conhecimento histórico está, em geral, sujeito à desconfirmação” (THOMPSON, 1978: 50). A pré-história, ou, no caso, o estudo dela, nesta seara, também o seria, à parte? A partir de afirmações como a de Hawkins, de que se ele consegue ver é porque os povos também viam, percebe-se, além do anacronismo evidente, vontade de facilitação e contato com a “verdade absoluta”. Mas, voltando à Thompson, por mais que o objeto do conhecimento histórico seja a história real, “cujas evidências devem ser necessariamente incompletas e imperfeitas, supor que um ‘presente’, por se transformar em ‘passado’, modifica com isto seu *status* ontológico, é compreender mal tanto o passado como o presente” (THOMPSON, 1978: 51).

Hawkins conclui o capítulo dizendo, pelo menos, que se deve tomar cuidado com toda a forma de alinhamento, já que o céu não era mais o mesmo entre a época pré-histórica e o seu período. Também aponta que poderiam haver erros de cálculo na própria pré-história, e o

⁷⁷ Aplicamos para o trabalho de Gerald Hawkins o nome de *pseudociência* por alguns fatores, ainda que nenhuma bibliografia referente a ele chame de tal modo diretamente. Em primeiro lugar, ele foi refutado como teoria científica a partir da constatação de seus erros de cálculos e aproximações descabidas para o caso (vide, por exemplo, [CHIPPINDALE, 1986] ou [ATKINSON *et al.*, 1967]). Em segundo lugar, ele é caracterizado como o pai da *arqueoastronomia*, área multidisciplinar, que não é nem uma disciplina acadêmica, nem especialização de determinada carreira, segundo César Esteban (2004). Em terceiro, sua argumentação e aspectos interpretativos em muitos casos remete ao “método” aplicado por pseudocientistas: uso de componentes doutrinários, isto é, afirmações de confiança excessiva e sem visar e ou dar abertura para refutações (vide a definição de pseudociência da revista Stanford Encyclopedia of Philosophy – fonte disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/pseudoscience/#LogiPosi>. Acesso em: 18 de mai de 2022). Por fim, Hawkins ainda é citação para outras pseudociências já reconhecidas da atualidade, como programas como *Alienígenas do passado* e afins.

monumento teria sido reconfigurado com o passar do tempo. Entretanto, ainda mantém a conclusão de que além do tradicional solstício, Stonehenge tinha alinhamento com a lua:

Os alinhamentos sol-lua de Stonehenge foram criados e elaborados por dois ou possivelmente três motivos: fizeram um calendário, útil para contar o tempo de plantio; ajudaram a criar e manter o poder sacerdotal, permitindo ao sacerdote chamar a multidão para ver espetaculares nasceres e pôres do sol e da lua, mais especialmente o nascer do sol do meio do verão sobre a Pedra do Talão e pôr do sol do meio do inverno através do grande Trilito, e possivelmente eles serviram como um jogo intelectual. Para ampliar um pouco sobre essas três supostas razões, deixe-me afirmar que é bem conhecido que os métodos para determinar os tempos de plantio eram de interesse vital para os homens primitivos (HAWKINS, 1965: 117).

Após o oitavo capítulo, apenas de narrativa da repercussão de *Stonehenge Decoded* (1963) no grande público, Hawkins propõe, uma vez mais, novos alinhamentos, em “Eclipses”. Nele, não se pode nem dizer que Hawkins trabalha na defesa e argumentação de seus pontos de vista, uma vez que não o considera necessário, apenas apresenta os resultados que, segundo ele, seriam irrefutáveis. Hawkins parte do princípio, neste penúltimo capítulo, de que tudo o apresentado até ali era certo, para, só agora, propor evidências *plausíveis* de Stonehenge enquanto um computador que calculava, também, temporalidade de eclipses lunares. Desta vez, a partir dos Fossos de Aubrey – estruturas anteriores, inclusive, às pedras marcadoras de solstício – desenvolve uma teoria rebuscada de contagem de anos lunares com base em um marcador precívél, condição esta, a única que não permitiu evidência e logo certeza de tal método. Em suma, sua preocupação está nos *números* da estrutura, não no conteúdo e nem desenvoltura da hipótese:

Nunca houve uma solução satisfatória, ou mesmo tentativa, para o problema do número dos Fossos de Aubrey. Sempre foi óbvio que eles eram importantes: eles foram cuidadosamente espaçados e profundamente cavados; eles serviam, esporadicamente para o propósito sagrado dos túmulos (...). Mas eles nunca seguraram pedras, ou postes - e, sendo tão numerosos e tão uniformemente espaçados, eles dificilmente foram úteis como pontos de observação. Qual era o propósito deles?

Acho que encontrei a resposta.

Eu acredito que os 56 Fossos de Aubrey serviam como um computador. Usando-os para contar o ano, os sacerdotes de Stonehenge poderiam acompanhar a lua de modo acurado (...). De fato, o círculo de Aubrey poderia ter sido usado para prever muitos eventos celestiais” (HAWKINS, 1965: 140-141).

Somente no décimo capítulo, intitulado “The Number Games”, Hawkins refere-se, talvez pela primeira vez diretamente, às hipóteses de seu tempo enquanto conhecimento em processo. Cita Alexander Thom e sua jarda megalítica para falar sobre o grande domínio de geometria elementar dos bretões pré-históricos – que construíram, segundo ele, uma centena de monumentos semelhantes e estrategicamente numerados e posicionados. Hawkins o traz para

concluir, além de tudo, que Stonehenge poderia ser um jogo intelectual, para diversão dos sacerdotes e eruditos de sua época.

Nesta via, com as várias proposições acima pouco trabalhadas e pouco desenvolvidas, finaliza seu texto, com a seguinte deixa aos futuros pesquisadores:

Nossa máquina estabeleceu uma extraordinária correlação de sol-lua com a estrutura. A astronomia deu seu melhor. Agora resta aos pré-historiadores, arqueólogos, antropólogos, mitologistas e outras autoridades fazer uso destes novos achados para avançar na compreensão desta magra estrutura, que não deve mais ficar tão solitária na história quanto na grande planície (HAWKINS, 1965: 148).

Gerald Hawkins é revolucionário por ultrapassar as quatro teorias que existiam até então, propostas por Petrie: monumental, astronômica, religiosa e sepulcral. Com a colocação de que Stonehenge era uma calculadora, vai muito além de qualquer união destas – com anacronismos e falta de embasamento teóricos de longo alcaide notáveis. Ainda, abre espaços para mais novas teorias subjetivas de Stonehenge; aquelas que, tempos atrás, foram chamadas de subjetivo-emocionais, por Aubrey Burl (1999). Porém, diferente dos cientistas anteriores do tema, não mostra que está aberto a ser refutado futuramente. Sua metodologia que defende com afinco, é, na verdade, não científica. Todavia, foi o mais *popular* estudioso do monumento, estabelecendo diálogos com o grande público que mantém ideias até hoje, e impacta, de modo indireto, três eventos da próxima temporalidade: turismo do megalítico; cultos e simbologia neopagã esotérica; e reconhecimento como patrimônio mundial.

Fred Hoyle

Como uma resposta direta à *Stonehenge Decoded*, de Gerald Hawkins, *On Stonehenge* (1977), de Fred Hoyle (1915-2001) nasce como última fonte primária do escopo selecionado por nós. Cientista muito controverso no mundo da Astronomia, tendo negado o conceito de *Big Bang*, Hoyle, vê-se convidado a analisar brevemente Stonehenge. No lugar de astrônomo em oposição aos historiadores e pré-historiadores de até então, ele continua o modelo de abordagem ao leitor que Hawkins, também astrônomo, inaugurara: linguagem informal, como se “conversara” com o leitor. No prefácio, inclusive, ele já “ataca”, nas entrelinhas, historiadores e arqueólogos, ao dizer que os construtores de Stonehenge tinham uma capacidade intelectual muito maior do que ambos os tipos de profissionais poderiam acordar. Todavia, em muitas

partes há notas de rodapé que dizem: “fato sugerido por R. Atkinson”. Dessa maneira, ao se apoiar em Atkinson, pré-historiador, e, para nós, com *Stonehenge* (1956), muito mais contundente e histórico que Hoyle, sustenta essa nova vertente de estudos de Stonehenge: cientificista e astronômica.

Ao invés de se referir aos astrônomos Sir Norman Lockyer e Sir Penrose (1901) como início da astronomia empírica em Stonehenge, como William Gowland (1902) já havia lembrado, Hoyle traz William Blake, poeta do século XIX, e sua pintura *Jerusalem* para o mesmo fim. Justifica tal escolha pelo fato de que Blake representara, na figura, Francis Bacon, Newton e John Locke (segundo ele, mestres da ciência e da razão), debaixo dos arcos dos trilitos emoldurando um eclipse da lua. De modo bastante claro, nossa última fonte primária é aquela mais numérica de todas as analisadas até aqui, quase não abordando aspectos que não da *astronomia* e da matemática do monumento. A religião e todo o simbolismo que viria do histórico das quatro proposições prováveis de Stonehenge de Petrie (1880) são quase que, senão totalmente, omitidas e ignoradas. Em seu ponto de vista, o megalítico sempre teve um propósito muito mais astronômico do que religioso, desbancando, e por vezes deslegitimando, a religiosidade e a sepulcralidade – já que também está imerso no cientificismo da década de 70, fato que pode ser uma das variáveis para tal perspectiva. Parece que sua ideia é de *degeneração* quanto à finalidade do monumento com o passar dos estágios de construção – ideia que será retomada no fim de seu texto de modo conclusivo. Afirma que não teriam sido os druidas os construtores (talvez pela imagem dos druidas ser muito associada à religião e ao simbólico), mas sim um povo (para ele, sem nome e sem contexto), muito mais avançado astronomicamente do que hoje se tem registro. Ainda a partir da pintura de Blake, Hoyle deixa claro aquilo que será cada vez mais veemente em seu texto: a finalidade primordial de Stonehenge era calcular eclipses da lua. O solstício, fato mais histórico e até hoje mais sólido de uma possível astronomia de Stonehenge, é deixado de lado, sendo definido, por ele, como uma possível mera *coincidência* – em oposição ao não coincidente alinhamento com os eclipses.

Fred Hoyle é a primeira de nossas fontes que demonstra não ter grande domínio dos antepassados pensadores no campo: cita por vezes Atkinson e Hawkins, de sua mesma temporalidade, mas não menciona sobre os antiquários ou os nomes daquela definida por nós como primeira temporalidade. Ele, inclusive, faz os mesmos apontamentos que Petrie, mas não o menciona. Presume-se que ele o leu, pelo menos, pois o grau de similaridade da construção da sentença é alto, mas não o aponta, desvalorizando-o enquanto arqueólogo produtor de conteúdos sobre astronomia:

As direções calculadas também envolvem o significado do nascer e do pôr do sol. O nascer do sol é o momento em que a primeira ponta do Sol aparece acima do horizonte, ou quando o centro do Sol aparece acima do horizonte, ou quando todo o disco do Sol está no horizonte? (HOYLE, 1977: 70).

Enquanto Petrie afirma que estando no centro do monumento, o único momento que se corresponderia seria o de primeira aparição do sol (“não pode haver dúvidas que a primeira aparição, e não a metade ou o inteiro do nascer do sol, era observado, já que apenas a primeira aparição pode coincidir com a Pedra do Talão à qualquer época possível de construção” [PETRIE, 1880: 19-20]), Hoyle está mais preocupado em dizer que o solstício seria medido por outras pedras, e não se preocupa em discutir a partir do ponto de vista do observador pré-histórico, mas sim a partir do que *ele*, em seu tempo, poderia calcular com as Pedras de Estação. Diante disso, assim como Petrie, mas como se este não tivesse predito, conclui que: “o nascer do sol deve ser o momento quando a ponta do sol aparece. Ele não pode ser o momento no qual todo o disco solar está à mostra no horizonte, nem o momento quando o centro solar está à mostra no horizonte” (HOYLE, 1977: 73).

Em nosso panorama, duas questões que fazem o estudo de Hoyle ser problemático são o anacronismo (que já encontrava origens em Hawkins) e a falta de referências; além dos erros e tendenciosidades de cálculos, verificáveis pelo panorama dos próprios astrônomos. Entendemos que hoje em dia está mais estabelecido que uma graduação na área dá maior poder de fala a um profissional do que a um amador. Porém, assim como existem apaixonados amadores hoje, existiam ainda mais naquela época – momento em que Hoyle já era formado, mas se empenhando e intitulado fatos de outro campo que não o da sua formação. Mesmo que em sua concepção Stonehenge era um objeto da astronomia, ele não poderia ter negado à História seu valor – História enquanto estudo dos homens, e feitos dos homens, no tempo. Anacronismo, falta de referência e contextualização, são, pois, interligados. Hoyle aponta que os construtores teriam calculado vários eixos, contudo, não contextualiza se já existia matemática naquela época. Mais grave do que aquela dita *pseudociência*, na qual narrativas do passado são construídas e interpretadas em um contexto fora dos métodos científicos, Hoyle deixa essa informação em aberto, uma vez que, naquela época, ele julgava desnecessário abordar a simples possibilidade de existência dos modelos matemáticos ao redor. Stonehenge, mais uma vez, volta a ser estéril na paisagem – ainda que dentro da jarda megalítica, de Thom, mas sem conexões com demais aspectos neolíticos (habitações, cemitérios, rotas, etc.).

Hoyle questiona o porquê de não existir nenhum relato documentados dos construtores na história, demonstrando não ter lido e evitado ao máximo o panorama religioso. Além de não

demonstrar ciência dos fluxos básicos da pré-história e história britânica em nível factual e cronológico⁷⁸, é por acaso que ele dá margens para uma discussão que é um dos pilares da História: a falsidade dos documentos. Concluindo que o documento pode sempre ser falso, ele invalida a importância que este pode vir a ter, questão já tão discutida por Bloch (1949), Veyne (1982)⁷⁹, e demais teóricos clássicos da historiografia, dos quais Hoyle aparenta não dominar os debates. Ele diz que nenhum outro documento além do arranjo geométrico pode ser tão forte para conhecer a inteligência dos construtores. Nesta via, afirma que “deve ser difícil para os historiadores aceitarem que um arranjo geométrico pode prover muito mais *evidência* do que documentos” (HOYLE, 1977: 94), atacando, mais uma vez, o ofício do historiador, e tirando a legitimidade de este trabalhar no monumento. As *Pedras de Estação* e os Fossos de Aubrey são, de novo, seu principal foco comprobatório – assim como eram em Hawkins. Hoyle concorda com este dizendo que a posição das Pedras de Estação não é por mero acaso. Porém diz que os cálculos do mesmo estavam incorretos pelos seguintes 6 fatores:

1. Erros de julgamento das próprias posições arqueológicas;
2. Imprecisões no levantamento das posições arqueológicas;
3. Imprecisões do desenho na elaboração do plano do levantamento das posições;
4. Distorções na reprodução do plano;
5. Imprecisão na medição da atribuição das posições na reprodução do plano;
6. Imprecisão no julgamento sobre qual ponto deveria representar algumas das posições – por exemplo a pedra caída em 91 (HOYLE, 1977: 48).

Entre outras discussões estruturais (retomando Atkinson, com os números e medidas de construções) e apresentação da metodologia da datação de carbono 14, Hoyle afirma, por outro lado, que a posição dos astros devia ser de conhecimento comum – e que isso foi-se perdendo ao longo do tempo, por isso a dificuldade dos cálculos. Tanto que os homens da “Idade da Pedra” e estrangeiros que chegaram para construir Stonehenge, já teriam tal conhecimento acumulado por 10 mil anos (conhecimentos que ele sequer busca encontrar explicação, seja aquela advinda da memória de um povo ou de aprendizagem oral) vindo do continente – e que acharam na Planície de Salisbury o lugar perfeito para pôr em prática o conhecimento que já possuiriam de modo muito claro em suas mentes.

No terceiro capítulo, “The Eclipse Interpretation”, Hoyle pincela itens que seriam de grande discussão, mas não se retém neles, voltando logo à numerologia. O primeiro é de que

⁷⁸ Tanto de que não haveria documentação escrita na época de construção, como de que existem os relatos posteriores dos cronistas e antiquários, que nos fornecem pistas valiosas sobre contextualização.

⁷⁹ Vide, por exemplo, sobre a importância da falsidade dos testemunhos voluntários.

“se a religião do povo de Stonehenge era preocupada com a adoração do sol e da lua enquanto divindades, isto é, como deus e deusa, uma representação divina de homem e mulher, eclipses do sol e da lua devem ter sido eventos de grande importância” (HOYLE, 1977:53). Hoyle deixa quase obsoleta, pois, toda a ideia de solstício (tanto de inverno quanto de verão). Ele prefere, única e exclusivamente, a ideia dos eclipses e suas consequentes medidas – trazendo a ideia, ainda, de que quem tinha o conhecimento de previsão de eclipses deveria ter grande poder (talvez em uma analogia com outros povos dos quais se tem essa ideia, como, por exemplo, os maias). Notamos, por fim, uma contradição no argumento do astrônomo: algumas páginas atrás, como dito, Hoyle defende que o céu era de conhecimento básico para o gentio, o que não faria sentido em uma discussão de poder e manipulação do conhecimento de poucos.

Em continuação, para ele, o eclipse da lua *obviamente* seria o mais importante, já que o do sol é de incidência muito mais rara, e, logo, de previsão rara também. Assim, o ciclo da lua, poderia, segundo Hoyle, ser entendido como o ciclo menstrual das mulheres. Hoje, sabe-se que há fortes evidências desta cosmologia feminina, onde o monumento teria sido conjurado justamente como forma de conceber a fertilidade da Mãe Terra. De arqueólogas feministas, como Marija Gimbutas (1989), até arqueólogas de gênero, como Margarita Díaz-Andreu (2019), um papel deste ciclo menstrual e fértil é analisado. Porém, em Hoyle, não há um verdadeiro trabalho disto, somente argumentação para reforço de seu panorama geométrico.

Os demais capítulos (quinto e sexto) trabalham com os cálculos – de forma semelhante à lógica estritamente dedutiva e gráfica de Alexander Thom. Todavia, o mesmo não é citado como o inaugurador de tal perspectiva de estudo no megalítico. Ou seja, Hoyle, ainda que em diálogo nos bastidores da construção do livro (como explícito em *Hoyle on Stonehenge* [ATKINSON *et al.*, 1967]) com os demais pensadores do momento, não coloca sua obra em uma linha de hierarquia de produções – como Richard Atkinson tinha feito com Hawley, por exemplo, ou Gowland e demais com Petrie. Por isso, Fred Hoyle deduz que o intuito primário era a astronomia, e somente depois alcançaria um grau de degeneração por rituais, ao contrário do que se imaginava: em contrapartida, até então, pensava-se as primeiras partes como sepulcrais e ritualísticas, e depois astronômicas, em estágios mais avançados.

Apesar de ser a última fonte primária indicada por nós para a categorização desta segunda temporalidade, Hoyle não fecha tal perspectiva de análises em Stonehenge. Como visível pela data de publicações dos demais astrônomos, há discussões sobre a arqueoastronomia de Stonehenge, fora do diálogo com a arqueologia em si, até meados da década de 1990, e inclusive hoje, de forma amadora e pseudocientífica. A partir de 1980, com

a patrimonialização do monumento, e demais fluxos externos de pensamento, um rigor maior em termos de plausibilidade das teorias tomou vez. Agora que Stonehenge seria um *Patrimônio Mundial*, uma narrativa mais concisa deveria ser publicada. Christopher Chippindale (1986), autor pertencente à dita terceira temporalidade, já a atual, diz que o grande problema destes pensadores – de modo particular Thom, Hawkins e Hoyle – é que eles buscavam uma astronomia dentro de um monumento arqueológico, mas não tinham propriedade em Arqueologia. Assim, em sua concepção, um pensador da arqueoastronomia, tinha que ter propriedade, isto é, *formação*, em ambas as áreas. Porém, como sabido, o monumento alcançou muito sucesso, e, assim, todo tipo de público poderia construir narrativas sobre o monumento. A diferença na questão da propriedade, no caso, é aquela narrativa emitida pelos meios oficiais – os permanentes museus, instituições governamentais, faculdades e, de modo particular, a English Heritage, e não apenas em revistas científicas – o que já é um fato para ser estudado a parte: o porquê de tantas vertentes astronômicas e não tão arqueológicas encontraram espaço principalmente na revista *Antiquity*.

Parcerias: primeiro esforço em Stonehenge de união de pesquisadores

A temporalidade aqui exposta, segunda em termos das três propostas neste texto, é, sem dúvidas, diferente da primeira. Muitos fatores influenciaram os nomes que fizeram história escrevendo volumosas obras em seu âmago. Atualmente, não mais um nacionalismo explícito traça a motivação para estudo da pré-história local. Por outro lado, com o cada vez maior acúmulo de objetos exteriores nos Museus, com destaque para o Museu Britânico, Stonehenge teve que dividir lugar com outras peças do mundo, que a Inglaterra tomara como sua, e que permaneciam em território ultracolônial. Contudo, Stonehenge passara se ser interesse apenas local. Com a popularização do acesso ao monumento e das informações científicas sobre sua origem e permanência no meio social, sua existência foi ressignificada. Assim, passa a não precisar de aporte teórico e narrativo da pré-história, dominado por disciplinas e eruditos do tema, para ser visitado e tido como importante fonte antepassada.

Ademais das circunstâncias de mundo novas em comparação com a temporalidade dos primeiros pensadores pós antiquarismo, um outro movimento torna-se explícito: Atkinson e Hawkins são, junto com Fred Hoyle e Alexander Thom, os primeiros produtores

contemporâneos. Ou seja, atuam em Stonehenge ao mesmo tempo. De modo diferente a uma linha cronológica de pesquisadores da temporalidade 1, que sempre emitiam publicações com anos de diferença entre si e por vezes com lacunas, tais nomes, neste segundo período de pesquisa do século XX, trabalham ao mesmo tempo, muitas vezes se interceptando. Inclusive, percebe-se um campo ativo de discussões e debates mútuos, como indicado em Atkinson (*et al.*, 1967). Pode-se comparar muito os pensadores abordados nesta temporalidade, com os pesquisadores da primeira. Não no sentido dos argumentos, mas da organização. Como vimos, os fluxos externos interferiram em muito na mudança, mas pode-se comparar a atividade das discussões da antiga Sociedade dos Antiquários com esses, os quais não formavam uma sociedade ou grupo reconhecido institucionalizado, mas que, sem dúvida, se uniram para discutir mais do que nunca.

Com interesses renovados, não mais escavadores como Gowland e Hawley, nem preocupando-se com a preservação direta, tais pesquisadores se inserem em campos por vezes paradoxais. Ao mesmo tempo em que Hoyle se opusera às teorias sem fundamento de Hawkins, ele também teria proposto suas próprias hipóteses problemáticas:

O editor da revista britânica líder em Arqueologia, a *Antiquity*, encarregou ao astrônomo Fred Hoyle a análise crítica da obra de Hawkins. Hoyle, um dos astrônomos mais heterodoxos do século XX, não só aceitou, como também propôs inclusive outro mecanismo, aparentemente mais fácil e que preveria mais eclipses que o método de Hawkins. Infelizmente, em sua febre intelectual, Hoyle chegou muito mais longe que seu colega, especulando que os nós (pontos de cruzamento das órbitas aparentes do sol e da lua na abóbada celeste) seriam para o neolítico um deus poderoso, que junto com o sol e a lua formariam a base de uma trindade divina. Após muitos anos de investigações arqueológicas na região e no sítio de Stonehenge, a grande maioria dos pesquisadores atuais não considera viáveis as propostas de Hawkins e Hoyle por vários motivos. (ESTEBAN, 2004:253).

Em suma, tal conjunto de publicações deste escopo de 20 anos, deixa caminhos abertos sem conclusões. Diferente do grupo de pesquisa de Hawley, que o esperava vir com os resultados para então dar início à rodada de opiniões, é criada uma mesa redonda onde cada pensador individual pesquisaria, depois publicaria o livro, e posteriormente seria debatido. Mas nela, há também aspectos de continuidade. Hawley é retomado veementemente por Atkinson – que dá bases para Hawkins. Então, um conhecimento factual de trinta anos atrás é retomado. Mas, Hawley não é visto como fonte secundária foco de debate e de crítica. Isto, os pesquisadores da segunda temporalidade fazem entre si. Ele é retomado, pelo contrário, pelas suas contribuições “imparciais” – resultados de escavações científicas. Conclui-se, por fim, ao analisar o papel dos pesquisadores daqui que, em concordância novamente com Thompson “a ‘história’ em si é o único laboratório possível de experimentação, e nosso único equipamento

experimental é a lógica histórica. Se forçarmos analogias impróprias com as ciências experimentais, verificaremos logo que tudo isto é insatisfatório. A história nunca oferece as condições para experimentos idênticos” (1978: 53).

Capítulo 6

Arqueologia Pós-processual? Turismo, patrimonialização e novos desafios da historiografia

Ainda que trabalhado de modo exaustivo aqui quanto ao seu passado, seja aquele pré-histórico ou histórico até o século XX, Stonehenge, mais do que nunca, pertence ao nosso presente. Após todo o estudo das duas primeiras temporalidades que determinamos quanto ao levantamento propriamente arqueológico dele, e seus antecedentes, a terceira temporalidade entra como resultante destes movimentos, mas também entra como tempo *sui generis*. A consolidação da Arqueologia, e depois do cientificismo exacerbado em Stonehenge são sem dúvida dois dos expoentes determinadores dos dois anteriores períodos. Neste, não diferente, há problemáticas nunca antes vistas. Não é uma temporalidade de fontes primárias, mas sim uma temporalidade de acontecimentos que ainda estão em trâmites. É, pois, uma temporalidade de momento histórico, ou seja, uma temporalidade-fonte. Nela, a UNESCO; a consolidação de ponto turístico mundial; os nomes que atuam neste tempo ainda estando vivos, e sendo pesquisadores acessíveis – inclusive em trocas de e-mails e parcerias conosco – são elementos diferenciais. Mas, mantendo a ordem que buscamos fazer ao longo da cronologia aqui traçada, vertentes pós-processuais da Arqueologia formal e renovação das práticas amadoras e subjetivos-emocionais (BURL, 1999) são as características marcantes de tal temporalidade, a qual exploraremos de modo breve neste capítulo.

O retorno da cultura popular e sua intersecção com a prática arqueológica, agora especializada

“A quem pertence o passado?”. É com essa simples pergunta que Christopher Chippindale, um Arqueólogo britânico, lida em seu artigo (1986:40). Escreve em meados da década de 1980, uma análise antropológica dos eventos que, sem precedentes, perturbariam mais uma vez o descanso pré-histórico de Stonehenge. Movido por aquela que ficou conhecida como “A batalha de Stonehenge”, o arqueólogo narra em seu texto, sobre um retorno da prática da cultura popular em Stonehenge, que entra em conflito com os interesses oficiais de pesquisa e preservação. Dizemos retorno da cultura popular, por entendermos, à justo modo, que Stonehenge sempre fora objeto de práticas de cultos populares, tanto em sua origem pré-

histórica, (tendo em vista o grande número de construtores – os quais nem todos eram detentores de um possível “poder”), quanto nas práticas medievais e modernas, que o utilizavam enquanto lugar sagrado e /ou de um passado comum (como por exemplo a Mais Antiga Ordem de Druidas [*The Most Ancient Order of Druids*]⁸⁰).

Tal ordem, presente desde a época de William Stukeley, grande fomentador do neodruidismo, estava em desenvolvimento no ingressar do século XX, atingindo o ápice com a contracultura dos anos 1970 – momento em que cada vez mais pessoas autointituladas pagãs começaram a *frequentar* Stonehenge (CHIPPINDALE, 1986b). Não para pesquisar, nem com fins turísticos, elas iam ao monumento como um templo de conexão com seus antepassados. Ressignificando a origem do monumento, que para eles era sem dúvida fruto dos celtas históricos de outrora, tal movimento acabou por difundir pela sociedade tal sentido, que passou a ser, atualmente, o mais atribuído como finalidade e origem de Stonehenge pelo grande público. De forma análoga à prática da dita pseudociência, a qual elabora sólidas e completas teorias partindo da existência de uma fonte primária em sua verdade, tais grupos, do século XVIII até hoje, criam suas significações com bases em interpretações de fontes materiais e documentais, porém por vezes errôneas e descontextualizadas. Do mesmo modo que alguns anos antes disso houvera uma popularização das vertentes científicas do megalítico, hoje, na segunda década do século XXI, percebemos o efeito destas vertentes espiritualistas nos públicos externos à academia investigativa⁸¹. Por fim, em 2010, tal organização ganha, na Inglaterra, o *status* de religião oficial⁸².

Entretanto, no terreno de Stonehenge, ainda na década de 1980, esses grupos participaram de uma conjuntura peculiar, que em muito foi necessária, inclusive, para a nova administração pública do monumento: além de o frequentarem cada vez mais, tais grupos druídicos transformaram o evento do dia do solstício em um *festival*, o qual, à modelo de *Woodstock*, recebia milhares de pessoas para passar a noite e comemorar sua espiritualidade com o nascer do sol que inaugura o verão. Mas, tendo isso em vista, com o acúmulo progressivo de pessoas (e em particular tais neodruídas), o órgão público *National Trust* (Fundo Nacional para Locais de Interesse Histórico ou Beleza Natural) e a mais nova instituição de administração, a famosa English Heritage, decidiram por banir o festival, principalmente por causa do risco de dano arqueológico irreparável no terreno, até então sem estrutura para receber

⁸⁰ Apresentada no **cap.2**.

⁸¹ Conforme exposto no apêndice II, percebe-se, em entrevista ao grande público sobre as ideias do senso comum sobre a origem de Stonehenge, uma grande prevalência destas narrativas druídicas.

⁸² Fonte disponível em: <https://pt.frwiki.wiki/wiki/N%C3%A9odruidisme>. Acesso em: 28 de set de 2022.

um fluxo constante e desorganizado de visitantes. Com isso, ficou posta aquela que ficou conhecida, nos meios jornalísticos, como a *Batalha de Stonehenge*, onde milhares de policiais foram mobilizados para rondar o monumento, pois os grupos religiosos, e pessoas do movimento de contracultura como um todo, não aceitaram a imposição governamental de barragem de seus ritos em detrimento da pesquisa e conservação arqueológica. Tal descontentamento chegou ao grau, até mesmo de vandalismo e violência por parte dos manifestantes, que atingira o ápice no dia do solstício de verão de 1985 (vide CHIPPINDALE, 1986b), resultando em dezenas de pessoas presas. Conforme será exposto no último subcapítulo, as proporções de tal “batalha” chegaram tão longe, que uma imprensa de nível internacional correu a notícia – e, até, dos anos consecutivos também.

Em nossas fontes, tanto primárias quanto as bibliografias de apoio, não há dados anteriores sobre problemas desta magnitude envolvendo grande público *versus* academia. Ainda que discussões quanto à origem do monumento fossem, e continuam sendo, correntes, nunca antes tinha-se visto tamanha diferença em termos de propriedade quanto ao passado – muito além de um passado nacional e homogêneo. Pela primeira vez houve uma divergência quanto à pergunta “A quem pertence o passado?”.

Mike Parker Pearson (2013), arqueólogo ativo no campo do nosso estudo de caso hoje, diretor do *Stonehenge Riverside Project*, narra que tais problemáticas não ficaram apenas concentradas na década de 1980. A partir de lá, tornaram-se constantes as interferências *in loco* sobre a propriedade dos objetos e corpos do passado localizados no sítio. Segundo ele, além de protestos sobre a taxa para entrada no sítio por parte destes neodruidas, existem protestos contra a proibição da circulação livre por entre as pedras (resolução tomada pela English Heritage na virada do século para que os visitantes ainda pudessem adentrar o sítio, mas por meio de uma calçada pré-definida, e demarcada). Ademais, há manifestações sobre em que medida os arqueólogos (mesmo que amparado pelas permissões legais legislativas) podem escavar os corpos dos ancestrais que lá repousam em paz. Em suas palavras, ao narrar sobre um dia normal de escavação no sítio:

A equipe de gestão de Stonehenge tem um trabalho difícil: não deve apenas proteger o monumento, e proporcionar uma experiência gratificante e informativa para os visitantes, mas também tentar manter contato com os diversos grupos de interesse. [Nesta via], nosso plano naquela semana era o de recuperar ossos humanos de Stonehenge, e pude ver que algumas pessoas encontraram uma nova queixa contra a qual fazer campanha. Com certeza, não demorou muito antes de um novo cartaz aparecer perto da bilheteria: “Nós, os leais bandos de guerra Arturianos e nossas ordens, *covens* e *bosques*, e o Conselho das ordens druidas britânicas, se opõem à remoção de nossos antigos guardiões: Aubrey Buraco sete.” Seria uma semana interessante (PEARSON, 2013: 180, grifo nosso).

Apresenta-se, então, nada mais que aqueles observadores que Aubrey Burl (1999) chama de subjetivos-emocionais, que partilham tanto da propriedade quanto os arqueólogos ou cientistas no sítio. A partir do momento que Stonehenge torna-se patrimônio da humanidade⁸³, torna-se patrimônio de interesses distintos. Neste presente texto, foram apresentados em demasia os observadores técnicos, como cientistas e astrônomos; e os observadores arqueólogos. Agora, também é posta em voga a importância da memória coletiva desses subjetivos-emocionais, participantes de nosso presente, e plausíveis de serem objetos de uma análise antropológica. Em uma entrevista, Chippindale narra o ponto de vista deles:

Esses vestígios remanescentes das primeiras civilizações não são meras peças de museu ou objetos de curiosidade acadêmica. Eles são muito mais importantes para nós pela cultura e valores que denotam. Esses valores derivavam da observação atenta e da dependência dos ciclos da natureza, que eles celebravam, consideravam preciosos e não tinham impulso para controlar ou destruir. Vendo a humanidade como filhos de uma Natureza materna, eles eram centrados na mulher da maneira mais básica e inevitável. Parece presunçoso, portanto, para qualquer governo ou corpo de homens declarar que “possui” os vestígios de tais civilizações. É absurdo banir essas pessoas que tentam retornar a tal referência para a natureza, por mais imperfeitos que sejam esses esforços (CHIPPINDALE, 1986:50).

Em contrapartida, há uma responsabilidade, conforme Pearson tinha dito, da equipe de gestão hoje zelar pelos interesses diversos, não só os propriamente acadêmicos. Além do direito de ter a crença e o espaço assegurado para tal (desta vez organizando e preservando o sítio), tais grupos druídicos também contribuem, em sua medida, pela própria conservação do passado subjetivo, e também da ecologia, por serem intrinsecamente ligados com a noção de natureza e a Mãe-natureza. Ambas as partes são benéficas para o presente, de modo universal, que ultrapassa as fronteiras do estudo de caso. Assim como a preservação monumental é um tema universal, a preservação da natureza também o é. Chippindale, mais uma vez, traz à luz a conclusão:

Nesta perspectiva, os arqueólogos têm uma reivindicação especial se tiverem conhecimento sobre a importância culturalmente específica perdida; o festival ou público descompromissado, por mais tecnicamente ignorante que seja, tem uma reivindicação de sua importância geral; e os druidas e acadêmicos alternativos se enquadram em um ou outro grupo (ambos são igualmente legítimos), de acordo com a confiança em sua real fidelidade às especificidades culturais (CHIPPINDALE, 1986: 51).

A intensidade cada vez maior destes grupos alheios à academia, mas mais ligados à Stonehenge de modo íntimo do que os turistas casuais, pode ser a resposta dos movimentos que

⁸³ Como será explorado melhor logo em seguida, no próximo subcapítulo.

hoje vemos como pseudocientíficos de Thom, Hoyle e demais. Estes autores popularizaram para as mídias de massa os propósitos de Stonehenge, tornando-os públicos em escalas nunca antes vistas. Também pode ser uma resposta do movimento social de contracultura. De qualquer forma, seja qual for a epifania para tal ruptura, mais uma vez torna-se um movimento maior do que o campo. Assim como o nacionalismo e o imperialismo foram eixos de fluxos gerais de outrora, aqui também são eixos para fluxos gerais, e inserção de Stonehenge nas vertentes de pensamentos e ideologias mundiais e diversas.

Turismo em Stonehenge

O turismo é uma característica da vida econômica moderna, e uma parte muito importante dele se dá pelo turismo histórico e arqueológico (CLEERE, 1989). Seus primórdios remetem-se àquele que ficou conhecido como *Grand Tour* iluminista, ainda no século XVIII (DÍAZ-ANDREU, 2007). Com o aumento da sede por conhecimento empírico e racional, assim como no auge do antiquarismo (discutido em nosso segundo capítulo), onde as universidades começavam a manejar o conhecimento histórico, tornou-se comum a viagem de aprendizes da alta-sociedade para itinerários específicos, que informariam sobre um passado histórico geral, na tentativa de uma compreensão de uma História Universal: como, por exemplo, viagens para Grécia, Roma, Inglaterra, etc.

Hoje, mais acessível, o turismo teve um incremento no número de participantes, não composto somente por membros originários das classes mais eruditas ou ricas, mas também pelas classes populares, graças ao advento de leis trabalhistas, as quais garantiram, por meio de lutas de proletariados afastados desse fim em específico, férias remuneradas, direitos trabalhistas e possibilidade de renda digna que oferecia poder de compra para além dos itens básicos. Ademais de pontos turísticos badalados, em seio hegemônico (como os Ocidentais em geral, e os da Antiguidade Clássica, em particular no caso do turismo histórico apontado acima), outra possibilidade surgiu ao turismo (seja internacional ou nacional): comunidades locais e grupos étnicos minoritários que veem, a partir do turismo econômico, uma possibilidade de manutenção de sua história, por vezes silenciada; renda básica; inclusão social e plural (DÍAZ-ANDREU, 2019). Tudo isso, também, respaldado por legislações próprias, as quais, somente a

partir dos fluxos de outras esferas, como o do estudo da História dos sujeitos, ou de ideologias decoloniais, puderam inferir tal discussão no campo.

Em virtude disso, por causa do maior pertencimento dos monumentos nesta visão de mundo globalizada e intercambista, onde não só as pessoas da região imediatamente próxima frequentam o local para passar o tempo livre – tornando-se por vezes um dos objetivos principais da viagem – foram-se necessárias infraestruturas e modelos de recepção de pessoas. As mesmas variam desde redes de saneamento básico até propostas de intervenção nacionais, como a criação de entidades responsáveis pela conservação ambiental e controle de danos pelo fluxo de pessoas. No caso dos pontos turísticos afastados dos centros urbanos, como é o caso de Stonehenge, também foram necessários a colocação de cordões de isolamento, e a criação de rotas de tráfego.

Porém, da mesma forma que alguns dos monumentos (a exemplo Stonehenge) passam a ser o interesse fundamental de milhões de viagens, eles não se tornam visitados por longos períodos. Henry Cleere (1989), inclusive, traz à tona a expressão de “turistas de 20 minutos”, para indicar, justamente, a rapidez com que as pessoas vão lá apenas para tirar fotos, apressados e sem tempo, não se interessam pelo conhecimento histórico. Nestes casos, os quais são os mais comuns, empresas privadas de turismo e traslado que dominam o mercado de turistas, estabelecem rotas e alocam os visitantes internacionais, a fim de passar por vários locais em um mesmo dia. Assim, Stonehenge passa a ser um lugar para breve tiragem de fotos e mirada, mas não um de aprofundamento em seu intuito principal – o historiográfico. Ele torna-se, por fim, aquele quarto intuito não tão trabalhado por nós, de Petrie (1880): não astronômico, nem sepulcral, nem ritualístico, mas sim monumental, arquitetônico em si.

Na mesma linha, junto com a ascensão do público visitante nos fins do século XX, devido aos fatos mencionados a pouco, e, logo, ascensão das empresas de turismo privadas, outra instituição responsável até hoje pelo destino do nosso megalítico entra em voga: a English Heritage. Após toda a mudança governamental, remanejando e alocando os monumentos antigos perante outras obras nacionais, o ministério deixa de ser o tutor de Stonehenge (como havia sido secularmente o Ministério das Obras)⁸⁴. Em 1983, a Comissão de Monumentos e Edifícios Históricos da Inglaterra, nome completo da English Heritage (CHIPPINDALE, 1986), tomaria as redes da administração pública, e também seria a principal proporcionadora das pesquisas em aliança com as universidades. Tal instituição viria a encaixar Stonehenge num meio de mais de 400 outros monumentos famosos. Ainda que ele seja um dos mais icônicos,

⁸⁴ Vide **cap. 4**.

tem que dividir espaço com breves visitas a castelos medievais e modernos, reforçando a ideia do turista breve.

Retomando uma discussão de Françoise Choay, autora que defende a diferenciação entre concepções de monumento e monumento histórico, percebe-se uma falta do uso histórico, ainda que óbvio, em nosso querido megalítico. Segundo ela, a significação de *monumento* tem se dado por

[...] tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente. Mas esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar” (2001: 18).

Já *monumento histórico*, por outro lado, seria a existência de um objeto histórico que não necessariamente teria sido construído para tal fim, sendo um *testemunho involuntário*.

No caso de Stonehenge, porém, é usado um sentido de monumento sem saber se ele teria sido pensado para tal. Isto é, Stonehenge quase que entra para uma terceira categoria: além de discussão quanto a monumento ou monumento histórico, é dado um valor monumental a ele de origem, pelo presente. Então, na tentativa cada vez maior de ver Stonehenge como esse *monumento histórico*, representante de uma memória da humanidade, a UNESCO, em 1986, consolida-o como Patrimônio Mundial, reafirmando sua excepcionalidade, conforme abordado no próximo subcapítulo. Em suma: “todo objeto do passado pode ser convertido em testemunho histórico sem que para isso tenha tido, na origem, uma destinação memorial” (CHOAY, 2001: 26).

Entretanto, tudo isso ainda não é levado ao grande público, foco, em última instância, de todo o esforço acadêmico arqueológico dos dias de hoje. Uma interseção não medida entre os significados que a academia tem dado, de modo atualizado, e que outras vertentes dão, geram uma confusão de símbolos e significados quanto ao megalítico. Uma pesquisa levantada por nós, exposta logo abaixo, mostra a divergência de resultados na idealização do que seja Stonehenge. Desta forma, questionamos: como é possível um monumento histórico ser patrimônio da humanidade, reivindicar para si um lugar de memória em sua própria nação e até mesmo mundialmente, não saber uma narrativa linear de seu passado? Os turistas de 20 minutos, em extremo, vão visitar e voltam sem sequer pincelar um olhar historiográfico, não estão preocupados, portanto, com a reivindicação desse lugar de memória. Na área de

Stonehenge, a visita casual de pessoas existiu desde o século XVII, mas foi a partir de metade do século XX que começou a se intensificar cada vez mais. Todavia, quantidade não é sinônimo de qualidade.

Patrimonialização e coexistência das plurais esferas de interesse no monumento

Pensar em patrimônio não significa somente pensar em termos eruditos. Segundo verbete do dicionário popular, um patrimônio pode ser definido como:

sm

1 Herança paterna;

2 Bens de família;

3 REL Em tempos passados, bens necessários à ordenação e sustentação de um eclesiástico;

4 Quaisquer bens materiais ou morais, pertencentes a uma pessoa, instituição ou coletividade⁸⁵.

Todavia, na linha desta última significação, a palavra ganha uma densidade e complexidade crescentes, passando a ser um conceito das ciências humanas, no qual a objetividade e a brevidade são abandonadas. Saindo do campo semântico em si, e partindo para uma aplicação como vertente de campo de estudo, patrimônio se encaixa em escalas municipais (locais), estaduais, nacionais e mundiais. Ainda, quando se pensa em patrimônios relacionados não às *posses*, mas sim aos *produtos*, pensa-se em Patrimônio Artístico, Cultural, entre outros – que variam nas mesmas intensidades de locais à mundiais. Este último divide-se ainda em várias subáreas de estudo: Patrimônio Cultural Material, Imaterial, Etnográfico, etc. Especificamente, há o Patrimônio Arqueológico, foco de nossa questão, que não deixa de ser, em primeira instância, cultural.

Segundo o dicionário brasileiro temático de patrimônio, patrimônio arqueológico

designa os objetos ou qualquer tipo de conjunto material capaz de fornecer testemunhos, memórias e histórias acerca de um indivíduo ou coletividade. Em outras palavras, trata-se dos vestígios materiais produzidos pelos seres humanos ou das intervenções realizadas por estes mesmos no meio em que vivem, englobando, assim, paisagens, objetos, monumentos e quaisquer outros vestígios materiais resultantes da ação humana aos quais se denomina cultura material (BACKS, 2020: 35).

⁸⁵Fonte disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/patrim%C3%B4nio/>. Acesso em: 09 de nov de 2021.

A UNESCO, com origens anteriores à Segunda Guerra Mundial, atua num caminho que já estava sendo traçado desde meados do século XIX: a percepção que a ideia de patrimônio cultural transcende fronteiras nacionais. Em 1946, surge, consolidada, como uma das manifestações de proteção e recuperação do mundo pós-guerra. Em 1972, ganha uma forma de patrimonialização mais definida, por parte do Setor de Cultura da UNESCO: a Recomendação de Paris (Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural), na qual a Lista do Patrimônio da Humanidade é preenchida por países que tenham sítios culturais ou naturais que demonstrem integridade e autenticidade tanto em nível nacional quanto mundial – além de estabelecer critérios criados pela própria UNESCO (CASTRIOTA, 2020).

Tais critérios, necessários para a ponderação do patrimônio como possibilidade de pertencer à lista, são⁸⁶:

- (I) Representar uma obra-prima do gênio criativo humano; ou
- (II) mostrar um intercâmbio importante de valores humanos, durante um determinado tempo ou em uma área cultural do mundo, no desenvolvimento da arquitetura ou tecnologia, das artes monumentais, do planejamento urbano ou do desenho de paisagem; ou
- (III) mostrar um testemunho único, ou ao menos excepcional, de uma tradição cultural ou de uma civilização que está viva ou que tenha desaparecido; ou
- (IV) ser um exemplo de um tipo de edifício ou conjunto arquitetônico, tecnológico ou de paisagem, que ilustre significativos estágios da história humana; ou
- (V) ser um exemplo destacado de um estabelecimento humano tradicional ou do uso da terra, que seja representativo de uma cultura (ou várias), especialmente quando se torna(am) vulnerável(veis) sob o impacto de uma mudança irreversível; ou
- (VI) estar diretamente ou tangivelmente associado a eventos ou tradições vivas, com ideias ou crenças, com trabalhos artísticos e literários de destacada importância universal
- (VII) conter fenômenos naturais excepcionais ou áreas de beleza natural e estética de excepcional importância; ou
- (VIII) ser um exemplo excepcional representativo de diferentes estágios da história da Terra, incluindo o registro da vida e dos processos geológicos no desenvolvimento das formas terrestres ou de elementos geomórficos ou fisiográficos importantes; ou
- (IX) ser um exemplo excepcional que represente processos ecológicos e biológicos significativos da evolução e do desenvolvimento de ecossistemas terrestres, costeiros, marítimos ou aquáticos e comunidades de plantas ou animais; ou
- (X) conter os mais importantes e significativos habitats naturais para a conservação *in situ* da diversidade biológica, incluindo aqueles que contenham

⁸⁶Fonte disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Crit%C3%A9rios_de_sele%C3%A7%C3%A3o_de_Patrim%C3%B3nio_Mundial. Acesso em: 12 de nov de 2021.

espécies ameaçadas que possuem um valor universal excepcional do ponto de vista da ciência ou da conservação.

Nesta linha, seu tombamento como Patrimônio Cultural Mundial pela UNESCO nomeia-se como Stonehenge, Avebury e Sítios Associados. Então, desta forma, não só ele *sui generis* foi reconhecido como um objeto, como um fato histórico, mas sim todo seu entorno, o que engloba vários dos poucos aspectos remanescentes da chamada pré-história, e, logo, das ditas “origens” das sociedades dos dias de hoje. Entretanto, como dito acima, para ser integrado na dita Lista, ele deveria obedecer a certos critérios. Segundo o arquivo da UNESCO, sua classificação foi legitimada com base nos seguintes três aspectos⁸⁷:

(I) Os monumentos de Stonehenge, Avebury e sítios associados demonstram notáveis realizações criativas e tecnológicas em tempos pré-históricos;

(II) A propriedade do Patrimônio Mundial fornece uma ilustração notável da evolução da construção de monumentos e do uso e formato contínuos da paisagem ao longo de mais de 2000 anos, desde o início do Neolítico até a Idade do Bronze. Os monumentos e a paisagem tiveram uma influência inabalável sobre arquitetos, artistas, historiadores e arqueólogos e ainda mantêm um enorme potencial para pesquisas futuras;

(III) Os complexos de monumentos em Stonehenge e Avebury fornecem uma visão excepcional das práticas funerárias e cerimoniais na Grã-Bretanha no Neolítico e na Idade do Bronze. Junto com suas configurações e locais associados, eles formam paisagens sem paralelo.

Aqui, há um paradoxo. Por um lado, há problemáticas com esse reconhecimento puramente tecnológico. Essa visão e tecnologia entra naquela Era Cientificista emergente das décadas de 60-80 (que permanece até hoje). Assim, trazemos a problematização para o Brasil: além das ciências estarem sendo muito questionadas nos dias de hoje, as ciências humanas quase não têm mais espaço de atuação e financiamento. Desta forma, a partir do momento em que um monumento que é o *objeto primordial* de estudo das ciências humanas (História, Arqueologia, Antropologia) é visto como pertencente à contemporaneidade por ser um remanescente tecnológico, tira-se a legitimidade destes estudos de base. É muito mais importante, neste caso, estudar primeiro a sociedade que o elaborou com sua cognição, motivos, cosmologia, relações interpessoais etc. do que simplesmente sua manifestação tecnológica.

Por outro lado, positivamente, a partir do momento em que todo o contexto foi reconhecido como Patrimônio, e não só um monumento, têm-se a possibilidade, justamente, de

⁸⁷ Fonte disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/373/>. Acesso em: 14 de nov de 2021.

trabalhar a pluralidade de informações, e a complexidade da(s) sociedade(s) que o construiu. Vilas de habitação, túmulos, rotas comerciais e sítios de fabricação de implementos possibilitam considerações sobre redes de comércio, sobre sistemas familiares, sobre espiritualidade e sobre inúmeros outros aspectos, que não podem ficar obsoletos sobre um véu de tecnologia.

Tido isso, encerra o pensamento de Stonehenge, após passar pela avaliação das possibilidades, e também problemáticas dele ao longo do tempo: como nacionalismo exacerbado, imperialismo, racismo científico e hegemonias. Conforme diz William Mayer-Oakes (CLEERE [org.], 1989: 57), uma Arqueologia popular e responsável, tendo por base pesquisa sólida e minuciosa disseminação dos resultados, é o maior contribuinte para o desenvolvimento de um interesse geral no patrimônio humano, além do interesse por patrimônio nacional ou étnico. Entretanto, o autor fala isso para todos os tipos de patrimônios. Nós, por outro lado, pensamos que os países outrora colônia dos países como a Inglaterra, devem sim assegurar e trabalhar suas bases étnicas. É papel dos administradores de Stonehenge, hoje, se redimir e entender sua posição enquanto patrimônio mundial, não apenas assegurar-se como patrimônio nacional, conforme vimos acontecer nos últimos séculos.. Em outras palavras, a Arqueologia de Stonehenge deve continuar sendo feita, mas com a responsabilidade da compreensão de seus erros passados, tendo, para isso, uma longa formação profissionalizante plural, entendendo que deve abrir espaço para outras pessoas, de outros lugares, com propriedade de fala, falar sobre seus próprios passados. A Arqueologia hoje, deve estudar sim o passado, mas compreender que os fluxos modernos e contemporâneos em muito influenciaram a construção de significados. Para isso, deve-se correr atrás, e revisar, antes mesmo de continuar a construir pensamentos. Só assim cada um poderá ter o espaço de direito para a construção de saberes que possam, finalmente, se complementar, sobre os passados humanos históricos e pré-históricos.

Stonehenge no Brasil

Como última abordagem, a importância de uma pesquisa brasileira sobre temática de primeira instância europeia, ademais de contribuir com o crescimento do conhecimento, é também compreender o impacto de tal estudo de caso no solo nacional. Stonehenge, participante da pré-história, no Brasil, assim como em outras partes do mundo, tem um grande senso comum a respeito. Da mesma maneira que tivéramos trabalhado nos capítulos e subcapítulos anteriores, a popularização dos pensamentos sobre o monumento foi realizada, muitas vezes, por grupos que não tem propriedade sobre o estudo da pré-história e suas fontes

em particular. Assim, não diferente, percebe-se duas problemáticas: seja devido a essa popularização midiática de narrativas alternativas, ou devido à distância do monumento em si. Ficando só no campo da imaginação, tendo filtrado as informações que chegaram até aqui, a imagem muito associada à de pré-história acadêmica, porém hegemônica, é trazida para cá, de forma a cobrir o pensamento pela pré-história nacional e sua especificidade. A seguir são mostradas reportagens ao longo do século XX sobre Stonehenge. Como viés de confirmação, elas abordam, segundo sua temporalidade, o que estava acontecendo no monumento, mas inseridas nos fluxos do mundo – em particular no Brasil, afastado do centro cultural europeu.

A primeira notícia trata-se de um texto grande, o qual ocupa uma página inteira sobre a historicidade de Stonehenge (**figura 13**). Com um aspecto técnico impressionante e atualizado para a época, fora publicada em primeira versão pela revista *Eu Sei Tudo: Magazine Mensal Illustrada*, em 1918, e, logo em seguida, pelo *Jornal pelo Mundo*, em 1923. Já a segunda (**figura 14**) mostra um aspecto interessante e inovador: a presença da história de Stonehenge de modo pedagógico no jornal para crianças *O tico-tico*, em 1932! A partir da terceira notícia (**figura 15**), temos, com certeza, o maior fator popular do monumento: os druidas. Desde a terceira década do século XX, aparecem no noticiário estrangeiro à Inglaterra. Contudo, por meio das notícias cinco (**figura 18**) e seis (**figura 19**), percebemos um incremento após 1980 – de forma a acompanhar nossas temporalidades – em jornais muito populares, como o *A Tribuna*, em 1989. Neste meio tempo, também muito em consonância com o analisado por nós, um aspecto de cientificidade é mostrado pela quarta notícia (**figura 16**), e pela oitava também (**figura 20**). Por fim, ainda se encontram textos de caráter mais pseudocientífico, envolvendo astrologia e teorias da conspiração, como aquelas emitidas pelo *Correio de Notícias*, em 1979 (**figura 17**).

Em suma, encontram-se centenas de outras notícias sobre o monumento, e, em um panorama maior, sobre os druidas, outros megalíticos e demais. A interpretação a fundo de tais imagens leva um estudo aprofundado de meses, os quais não dispomos no presente momento. Contudo são fundamentais para reafirmar nosso panorama de que Stonehenge, além de ser fruto de seu próprio tempo e pensamentos deste, também faz com que seus significados atribuídos influenciem, em um ciclo, outros pensamentos e cosmologias.

Figura 13: O Monumento Mais antigo da Europa

Eu Sei Tudo

O MONUMENTO MAIS ANTIGO DA EUROPA

SSTONEHENGE é talvez o monumento mais antigo que na Europa. Compõe-se de uma série de três pedras ou para bem dizer de três monólitos de aresta toneladas cada um, sendo dois erectos e o terceiro atravessado sobre elles, como se fizesse a moldura de uma porta.

Levantam-se na planície de Salisbury (Inglaterra) e sempre chamaram a atenção dos sábios. Os antigos habitantes das ilhas Britannicas chamavam a elles as pedras grandes; também eram conhecidos pelo nome de *grandes pedras redondas* e, na Idade Média, designavam-se como *cabanos gigantes*, o que significa o *banho de gigantes*, e os bardos do palácio de Gales attribuíam a sua construção ao famoso mago Merlin.

Alguns archeólogos julgaram, até há pouco tempo, que esse conjunto era obra dos Phoenícios e relacionaram-a com o culto de Baal; outros, porém, julgavam que Stonehenge fôra um templo de origem celta ou druidica. O caso é que, durante uma porção de séculos, os sábios levantaram a discussão sem chegar a um accordo, e por completo se ignorava a data exacta em que foram levantados aquelles mysteriosos círculos de monólitos.

Ultimamente esse mysterio está sendo estudado pelo egyptólogo Flinders Petrie, e o tão famoso illustre astrónomo Norman Lockyer.

É natural que indivíduos tão eminentes se occupassem de Stonehenge, porque este é um dos monumentos mais extraordinarios do mundo e rivalisa em interesse com os mais primitivos do antigo Egypto. Figura na historia, desde que esta existe. Quando Julio Cesar desembarcou na G Bretanha, os indígenas adoravam aquellas pedras a que attribuíam a antiguidade mais remota. Nas lendas do rei Arthur apparecem como o lugar onde se deram varios acontecimentos importantes.

Os monólitos não somente são tão grandes que, como já dissemos, pesam, termo médio, setenta toneladas, e são os maiores que ha na Inglaterra, mas também têm de ser feitos

de uma pedra que não se encontra nas ilhas Britannicas; de modo que aquelle monumento deveria ter, nos tempos antigos, uma importancia extraordinaria, pelo trabalho que deve ter custado levar de regiões afastadas as pedras necessarias para o fazer.

Por ultimo, como acontece em todas as construções megalithicas, por exemplo as muralhas cyclopicas de Troia, o problema para foram trans levantados os

Tarragona, é ainda um receber a maneira como portados e, sobre tudo, monólitos lateraes e collocado sobre elles o monólito do corcamento; tanto mais quanto naquelles tempos é de crer que o homem não dispuzesse de meios mechanicos de que nós dispomos hoje.

Quando se fizeram as obras necessarias para levantar um dos monólitos que ameaçava ruina e que desde tempos immemoriaes era conhecido pelo nome de *pedra inclinada*, foram encontradas ao pé d'elle uma porção de ferramentas da idade da pedra, que serviram indubitavelmente para concluir e lavar o monólito. Essas ferramentas revelam que a obra foi feita por uma raça do periodo neolithico.

Outro ponto está também averiguado: — o monumento tinha por objecto o culto do Sol, porquanto forma um círculo, tendo ao centro um altar voltado para o nascente. D'esse mesmo lado ha a distancia mais deus monólitos que determinam com o altar uma linha recta perfeita em direcção ao Sol. De modo que o primeiro raio do Sol, ao nascer do dia na linha do horizonte, tocava as duas pedras e vinha direito ao altar.

O Fagundes metta-se a redeo p'lor do proleto e disse em uma reunião:
 — Tenho uma idea.
 — Tu! E' exquilito. Que idea é?
 — Formar com todos os eperotios que não querem formar associações uma sociedade de resistencia contra as sociedades.



A linha recta, que vai do Sol á grande pedra do altar, marca o caminho que seguiu o primeiro raio do sol nascente quando os homens da epocha neolithica construíram Stonehenge. A linha pontilhada indica o caminho que seguem agora os raios do Sol.



INTERIOR DO MONUMENTO — quasi ao centro do primeiro plano, vê-se a pedra inclinada

Fonte: Hemeroteca Digital

Figura 14: O Sol, revista Tico-Tico



Fonte: Hemeroteca Digital

Figura 15: Os druidas de Stonehenge



Fonte: Hemeroteca Digital



**QUINADO
CONSTANTINO**
o mais nobre

... as grandes atenções graças a uma completa investigação feita pela BBC, com câmaras de televisão, sob a direção do professor **ALISTAIR HAYES**, que muito tempo antes **WILSON** do que **ALISTAIR HAYES** e **JERRY**, **ALISTAIR** ao lado da esposa **LEONOR**, a uma milha de **AREBURY**, constitui um dos maiores mistérios da arqueologia britânica.

É o maior mistério pré-histórico feito pelo homem na Europa, com 130 pés de altura e contido mais de cinco greves em sua base. Que idade terá?

Instituto Psiquiátrico e Psicologia Clínica
Serviço Psiquiátrico e Psicológico
Felipe Renato Pasquarelli

- Doenças psíquicas: adultos e crianças
- Diagnóstico de conduta e de personalidade
- Orientação e tratamento de crianças-problemas
- Psicopatologia individual, grupo e social
- Psicomotricidade - Exames de personalidade
- Testes de inteligência
- Exames psicofísicos e orientação vocacional

ATENDIMENTO COM SOFIA MARCADA
I. P. E. - AV. WASHINGTON LUIZ N. 412 - TELEFONE 4-7718

**INSTITUTO DE ORTOPEDIA
e Traumatologia Ana Costa**

Residência, Fisioterapia, Laboratório, Anatomia, Medicina Ortopédica e Cirurgias, Fraturas, Patologia e Cirurgia

BLA PEDRO AMÉRICO N. 14 - TELEFONES 2-812 e 2-687

Banguá - Dr. João de Azevedo Lago
Lago Verde - Dr. Henrique Lago
Dr. João de Azevedo Lago

Fonte: Hemeroteca Digital

Figura 17: As cinco obras monumentais do Homem

AQUI, SUAS CARTAS

As cinco obras monumentais do Homem
Sr. Redator

Querendo expor uma nova visão dos mais conhecidos monumentos do conhecido pelo homem, venho por meio deste relato que se quer mostrar o porquê dos mesmos existem.

Tomando por base os seguintes monumentos: As pirâmides, o Templo de Stonehenge (em Wiltshire, na Inglaterra), a Ilha de Páscoa (a oeste do Chile), e o Centro do Triângulo das Bermudas. Usando todos esses pontos por linhas retas, surgirá um trapézio. Perguntará o senhor o porquê de ligar justamente estas pontas (monumentos) da Terra. Explico:

- As pirâmides, por tudo o que elas têm de mistério, de suspense no ar. Milhares de perguntas sem respostas, e ainda uma infinidade de fatos sem nenhuma explicação pelo menos satisfatória.
- O Templo de Stonehenge, por nos fazer lembrar em sua estrutura o famoso número "PI" (3,1416), parecendo indicar algo a oeste da Grã-Bretanha, algum ponto de referência. Seria uma explicação dentre muitas outras que veremos a seguir.
- A Ilha de Páscoa, também envolta em um mistério sem solução aparente, donde vieram os pesados blocos de pedras que foram usados para fazer gigantescas esculturas de um mesmo bloco.
- O Centro do Triângulo das Bermudas, por ali talvez existir um poderoso campo magnético. Por ser o último ponto visível da Terra, quando vista do espaço, dentre tantos mistérios que não costei aqui mencionar.

Voltando a mencionar o trapézio citado acima, formado por estes quatro monumentos, teremos o seguinte:

- A primeira grande surpresa vem quando observamos a distância entre a Ilha de Páscoa e o Templo de Stonehenge, que vem a ser aproximadamente 15.000 km. Esta distância multiplicada por dez mil, dará aproximadamente a distância média Terra-Sol, ou seja, 150.000.000 km.
- Somando a distância entre o Centro do Triângulo das Bermudas, até o Templo de Stonehenge, 8.100 km, e também a distância desde ali ao planeta, 4.650 km, teremos a Distância Equatorial, ou seja, aproximadamente 12.750 km.
- A Circunferência Equatorial e a Polar podem ser calculadas usando o Templo de Stonehenge por uma linha reta até formar um ângulo reto com a linha que une a Ilha de Páscoa com as Pirâmides, 4.000 km. Multiplicando esta distância por dez, teremos aproximadamente a Circunferência Polar, ou seja, 40.000 km. Para achar a Circunferência Equatorial, basta unir o Centro do Triângulo das Bermudas com uma linha reta, até formar um ângulo reto com a linha que une a Ilha de Páscoa com as Pirâmides, o que nos dá aproximadamente 4070 km. Esta multiplicada por dez acusará 40.700 km.
- O Raio Médio da Terra pode ser calculado do seguinte modo. Ligando o Templo de Stonehenge com a linha que une o Centro do

Triângulo das Bermudas com as Pirâmides, formando um ângulo reto com a mesma, 3.000 km, adicionar a esta a distância das Pirâmides, 3.400 km, o que nos dá 6.400 km.

a) Também podemos obter mais número astronômico, PARSEC, que equivale 3,26 anos-luz, isto é, 31 trilhões de quilômetros. Para achar este número basta adicionar a distância em Ilha de Páscoa até o Templo Stonehenge, 15.000 km, com a distância entre a mesma Ilha de Páscoa com as Pirâmides, 16.200 km, isto nos dá 31.200 km, que multiplicados por um trilhão, nos aproximadamente 31 trilhões de quilômetros.

f) Para acharmos a Superfície Total do planeta, temos que adicionar o perímetro do trapézio formado pelos quatro monumentos, 36.000 km, com a distância entre a Ilha de Páscoa e o Templo de Stonehenge, 15 km. Isto resultará aproximadamente 51.000 km, que multiplicado por dez mil resultará 510.000.000 km².

g) A conhecida planície de Tílica, situada no Peru, para ser preciso perto da cidade de Cuzco, pode ser localizada traçando algumas linhas naquele trapézio. Temos então:

Utilizando o trapézio formado pela Ilha de Páscoa, Centro do Triângulo das Bermudas e a linha que atinge a retina e a Ilha de Páscoa com as Pirâmides. Quando estas encontram um ângulo reto, teremos o trapézio desejado.

Exatamente no ponto de onde a grade, temos ainda outro mistério. A existência talvez de uma antiga cidade localizada no Estado do Pará, onde atualmente existe um parque nacional, quando a falar de Nazca, para a Ilha basta unir duas retas partindo da Ilha de Páscoa e do Centro do Triângulo das Bermudas. Quando estas encontram um ângulo reto, o caminho que cruza a linha que une a Ilha de Páscoa com as Pirâmides, indicará com certeza a famosa Planície de Nazca, onde talvez fosse usado o campo de pouso por algum tempo que esteve aqui há muito tempo.

Este trapézio está lá para achar seu centro. E o achamos pensando se ali não deve existir um quinto monumento, a Atlântida, a cidade que muitos vêm procurando centenas de anos sem sucesso, pouco tempo ou ruínas, achado vestígios de uma civilização a alguns quilômetros de pouso.

Ficamos pensando se realmente esses monumentos foram feitos aqui e acatá, a grade de ali, e não sob um rigoroso método de linhas e ângulos matemáticos calculados para regular medidas terrestres e suas alterações que ainda nem chegaram a conhecer. Somente o futuro dirá quanto mais se escudriñará detrás destes "Cinco Monumentos".

Jorge Luiz da Rocha Pereira
Fone: 252-2124

Fonte: Hemeroteca Digital

Figura 18: Polícia britânica detém 250 'hippies' e adoradores do Sol



Fonte: Hemeroteca Digital

Figura 19: Police Thwart Stonehenge Solstice Rite



Fonte: Hemeroteca Digital

Figura 20: *Antigos astrônomos*

Antigos astrônomos

Em 1963 Gerald Hawkins propôs que Stonehenge fosse considerado como um tipo de computador rudimentar construído para prever eclipses lunares e solares. A idéia serviu de inspiração a muitas investigações e numerosas publicações, e estendeu-se a outros monumentos do mesmo tipo. Em *Early man and the cosmos* (Walker) Evan Hadingham contesta ponderadamente essa idéia. Livro muito bem apresentado e documentado.

Fonte: Hemeroteca Digital

*

Merlin, Druidas e astrônomos neolíticos, foram algumas das atribuições sobre a origem de Stonehenge que foram narradas no presente texto e que aparecem na mentalidade atual. Desde Jacquetta Hawkes (Stonehenge é fruto de seu tempo), e Chippindale (1986) (estamos numa idade científica então é natural que Stonehenge seja visto como científico), já era sabido que nosso megalítico varia conforme o tempo no qual está inserido. Porém, aqui, tivemos por objetivo analisar fluxos maiores do que apenas a idade científica. Buscamos colocar no papel aqueles movimentos que realmente foram influentes na distribuição de significados. De modo indireto e direto, classificamos e analisamos cada uma das influências que pautaram não só a atribuição genérica de significados, mas sim as que pautaram os autores em individual, isto é, as cabeças pensantes por trás das emissões de publicações. Trabalhando neles como sujeitos produtores de fontes primárias, conseguimos entender, um pouco, de uma história dos sujeitos referente ao contexto de um “simples círculo de pedras”, tocado pelo sol nos dias de solstício.

Considerações Finais

Nosso percurso de pesquisa ofereceu novas perspectivas tanto sobre Stonehenge quanto sobre as suas respectivas historiografias. Descobrimos um campo imenso de caminhos a seguir – até mesmo para futuras iniciativas (mestrado, doutorado e afins) na área. Ao mapearmos brevemente, no momento do projeto, as fontes que usaríamos como primárias, não tínhamos dimensão do tamanho de fontes escritas e materiais existentes a respeito do monumento. Com isso, para uma contextualização mais densa de nosso recorte, nos vimos no desejo, e na necessidade, de fazer dois capítulos introdutórios – o primeiro sobre o próprio megalítico, e o segundo dos momentos de pesquisa e observações anteriores à nossa primeira fonte, que se localiza em finais do século XIX. Cada um desses capítulos, com um campo que resultaria, em, no mínimo, outra iniciação científica, para o correto e justo aprofundamento e entendimento.

Contudo, para mantermos os objetivos, cada vez mais complexos e densos em si, tentamos, ao fazer um paralelo com Peter Burke, combinar duas abordagens opostas, embora complementares: uma delas interna, preocupada em resolver os sucessivos problemas no interior da disciplina; e outra externa, relacionando o que os historiadores fazem ao tempo em que vivem (BURKE, 2004: 07). Desta forma, o estudo de Stonehenge como fonte historiográfica, que passa obrigatoriamente pelas estruturas físicas dele como fontes primárias, se divide em diferentes gamas. São muitas as esferas que tocam o estudo de Stonehenge. As diferentes gerações da arqueologia (histórico-cultural, processual, pós-processual), da História (História Clássica, renascentista, positivista, gerações dos Annales, História Cultural, História dos sujeitos, etc.), bem como vertentes de estudo, como a Etnologia e a Antropologia, são alguns dos panoramas dos quais devemos perceber as diferenças e compreender sua interação.

Além disso, vertentes genéricas de estudo de diferentes temporalidades, como Pré-história, mas também Medievalidade, Modernidade e Contemporaneidade, também cabem ao estudo de Stonehenge. Estudar, pois, um objeto no tempo, é estudar o tempo como um todo, mas, sempre de modo incompleto e arbitrário quando pensado em historiadores solo. Já que todas as novas pesquisas dentro são em parte repetições e revisões daquilo que se é sabido desde os antiquários, nossa pesquisa atua na interposição de fluxos externos e internos que se cruzam no estudo de caso, inclusive em suas recepções. Como já concluímos, “sustenta-se que, embora as várias fases desse desenvolvimento possam ser delineadas de modo arbitrário, a Arqueologia muda de forma gradual, sem rupturas radicais ou transformações bruscas (Daniel 1975: 374-6 *apud* TRIGGER, 2004: 06).

Assim como o estudo de caso, a Arqueologia como um todo é formada por essas mudanças. Segundo Schnapp, a história da Arqueologia, desde a antiguidade até os dias atuais não é uma história solta do progresso do conhecimento. É muito mais um mar agitado formado por várias ondas (1996). Nosso estudo, dentro de uma onda novata dessas ondas que tomam forma desde a antiguidade, é a respeito das gotas de água que formam as ondas maiores desse imenso mar. Petrie, talvez seja uma espuma um pouco mais densa nesta onda, e talvez esteja no limite entre uma onda e outra. Arthur Evans, Hawley e Gowland, já na onda subsequente, ganham impulso dos ventos da História, que sopram com intensidade nova, renovam e modificam a Arqueologia. Inclusive, mesmo dentro da primeira temporalidade vimos jeitos e abordagens diferentes. Ainda que todas se classifiquem como estudos de Stonehenge, cada uma é de uma área diferente. Segundo reconhecido pelo próprio Atkinson, em outra etapa de pensamento, “os relatórios de Gowland são extremamente claros e sucintos, e mostram louvável cuidado em expressar conclusões daquilo que estava sendo reconhecidamente descartado e evidências incertas, fazendo um grande contraste com as desenfreadas especulações de muitos dos seus escritores contemporâneos em Stonehenge” (ATKINSON, 1979: 193).

Vários incômodos e inquietações também surgiram com a leitura de cada uma das fontes. Notamos a falta de teorias resultantes das escavações de Hawley. Depois, nos inquietou o número grande de teorias de Hawkins. Então, concluímos que, quanto mais se sabe através de investigações dentro do método científico, menos se arrisca a pressupor. Depois de uma herança de presunções que vem dos antiquários e cronistas, onde não haviam escavações para comprovação, uma falta de explicações é o mais esperado para esse momento inicial onde tecnologia, máquinas, laser e datação não existiam, mas já começava a existir um senso de lógica e verdade por meio de provas. Por isso, nunca é finito o estudo de Stonehenge e suas recepções. Visamos, nesta linha, um breve estudo, porém aprofundado, com revisão para melhor adequação de Hawkins, por Hoyle, e crítica deste.

O conhecimento muda em escalas de tempo diferentes. Como vimos, cada vez mais mudanças são feitas no menor espaço de tempo. Ele torna-se mais denso e preenchido, sem tantas lacunas temporais. Enquanto nos antiquários uma nova publicação analítica era feita a cada cem anos, concordando muito com a anterior, na nossa temporalidade 1 (fins do século XIX até meados de 1950) o conhecimento varia a cada uma ou duas décadas, mantendo alguns aspectos de concordância, citando uns aos outros, e, em muitos casos em vertentes diferentes – que ainda não se conheciam entre si. Já pós 1960, com uma especialização do estudo de Stonehenge, a cada poucos anos, no máximo, uma publicação vem a ser feita, com novas

conclusões advindas do estudo da área, mas também fruto dos avanços tecnológicos externos (datações, sondagens, etc.).

Para fugirmos do estudo da História da Arqueologia apenas como fonte descritiva da sua própria disciplina, devemos enxergar a Arqueologia como complexa e infinita em si. Tomando emprestada uma expressão de Díaz-Andreu, tal disciplina em geral, bem como o estudo de Stonehenge em específico, devem ser pautados pela *multivocalidade* do significado de Arqueologia (2007).

Pensar, por fim, que grande parte dos produtores dos conteúdos abordados nesta dissertação não tinham sequer uma formação na área é mais inquietante ainda – principalmente em nossa posição no Brasil, onde a própria profissão de historiador, por exemplo, foi legitimada a pouquíssimo tempo. O estudo da história se faz essencial no mundo atual. A defesa do passado em suas plurais formas pode e deve ser pensada por todos. Desta forma, fica aqui, um questionamento final: é mais importante que a história possa ser proposta por todos, onde são abertos espaços para inverdades e teorias não fundamentadas, mas onde o acesso e o reconhecimento são maiores, ou é mais importante que ela seja feita apenas por historiadores formados, dentro de grupos especializados e densamente preparados e administrados?

Apêndices

Apêndice I:

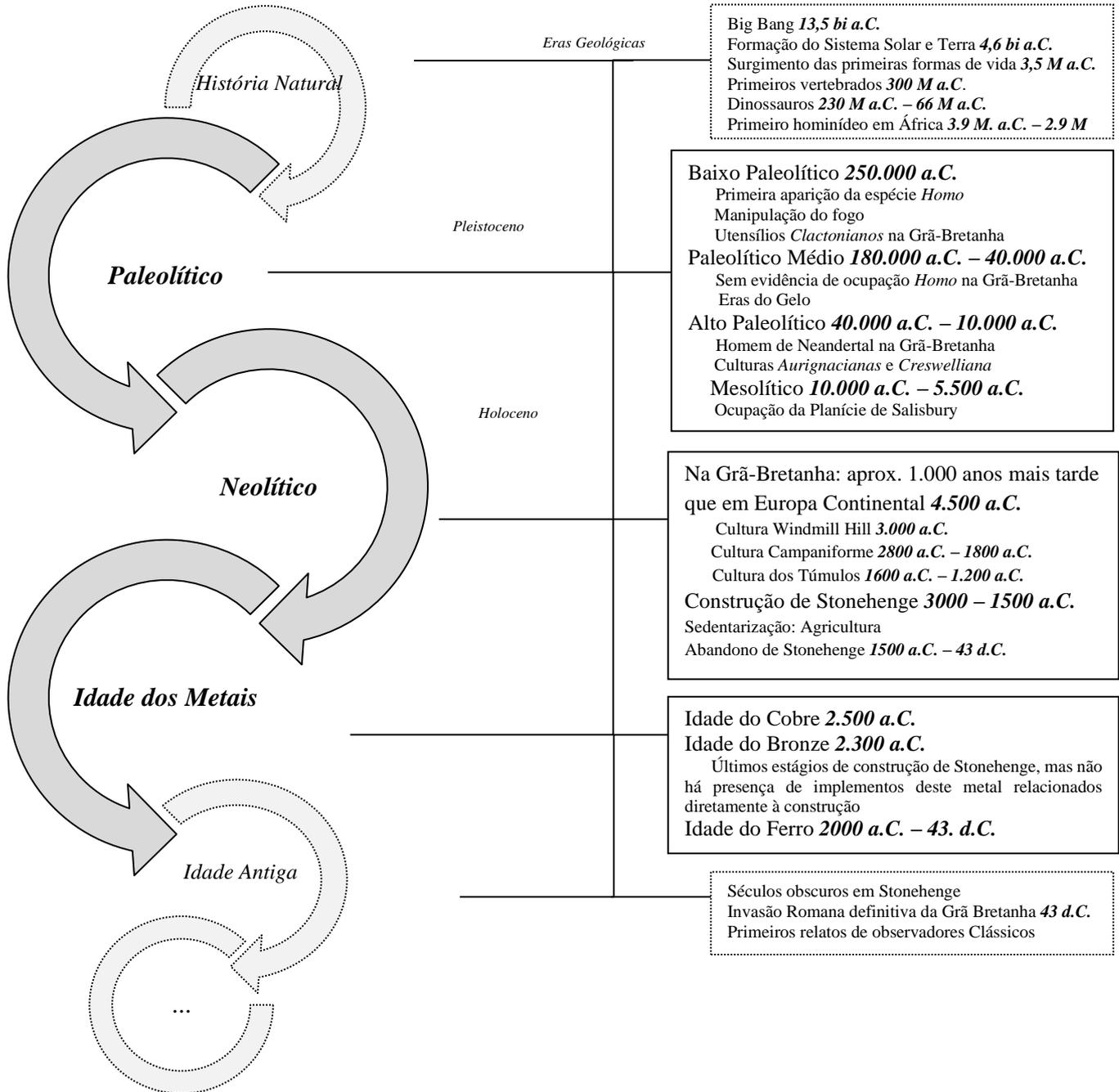
Principais estágios no desenvolvimento de Stonehenge ⁸⁸

<i>Estágio</i>	<i>Principais atividades e estruturas resultantes</i>	<i>Datas sugeridas</i>
1	<p>Construção da terraplenagem circular de 110m de diâmetro delimitada por vala e banco com acesso principal a nordeste e entrada menor a sudoeste; Deposição de <i>tokens</i> ancestrais na base da vala; Escavação dos 56 Fossos de Aubrey ao redor da borda interna do banco; Enterro de corpos cremados, inseridos na vala, banco e Fossos de Aubrey; Escavação de buracos na área central; Colocação de postes de madeira e de estacas, em alguns casos formando estruturas retangulares simples; Feitura possível de uma ‘pós estrutura’, na entrada a nordeste; Posicionamento das pedras B, C e 97 fora da entrada nordeste; Feitura de um baixo montículo redondo no setor sudeste; Feitura do Montículo Norte.</p>	3000 – 2620 a.C.
2	<p>Edificação da Ferradura de Trílitos, composto por cinco trilitos montados no centro do sítio com eixo nordeste-sudoeste (pôr-do-sol do solstício de inverno / nascer do sol do solstício de verão); Posicionamento da Pedra do Altar no centro da Ferradura de Trílitos; Posicionamento dos Círculos de dolerito fora da Ferradura de Trílitos, com um eixo sudoeste-nordeste compartilhado; Edificação do Círculo de Sarsen, composto por 30 monólitos, ligados por 30 lintéis; Posicionamento das quatro Pedras de Estação; Remoção das pedras B e C; Adição da pedra 95 (<i>Slaughter stone</i>) e das pedras D e E à entrada nordeste; Posicionamento da Pedra do Talão junto à Pedra 97 existente no exterior da entrada nordeste, fixando o eixo de solstício; Possíveis modificações na terraplenagem da entrada nordeste; Continuação do depósito de cremações.</p>	2620 – 2480 a.C.
3	<p>Desmonte do Círculo Duplo de Doleritos; Remoção da pedra 97 e pedras D e E na entrada nordeste; Abertura de valas em torno da pedra 94 (Pedra de estação/ Montículo Norte), em torno da pedra 92 (estrutura em forma de D / Montículo Sul) e em torno da Pedra do Talão; Recorte da vala principal e uso do entulho respectivo para um banco de ‘contraescarpa’; Construção da Avenida de Stonehenge, para ligação de Stonehenge ao Rio Avon, a 2,8 km de distância. Inumação de sepulturas características da Cultura Campaniforme.</p>	2480 – 2280 a.C.
4	<p>Reposicionamento dos doleritos de estágios anteriores, talvez complementados por outros, e uso deles para construção de um círculo de doleritos de 25 monólitos dentro da Ferradura de Trílitos e outro de 40 a 60 monólitos no espaço entre a Ferradura de Trílitos e o Círculo Sarsen.</p>	2270 – 2020 a.C.
5	<p>Uso extensivo de Stonehenge com destruição contínua de doleritos; Trabalho e ocupação do lado externo da terraplanagem, ao lado noroeste; Feitura de machados e punhais da Tradição <i>Arreton</i> aplicados em pedras pertencentes ao <i>Círculo sarsen</i> e à Ferradura de Trílitos; Escavação dos Buracos Y e Z.</p>	2020 – 1520 a.C.

⁸⁸ Tabela com base nos estudos de Darvill (2016).

Apêndice II:

Cronologia em Stonehenge: Períodos, Culturas e datas sugeridas da Grã-Bretanha.



Apêndice III

Síntese das correntes da Arqueologia ao longo do tempo

<i>Nome da Corrente</i>	<i>Características da prática</i>
<i>Antiquarismo</i>	Essa corrente, mais caracterizada como um pensamento (pensamento antiquário) engloba uma série de séculos, e tem sido analisada como existente desde a Antiguidade. No presente trabalho, são abordados aqueles antiquários pós-Renascimento, os quais mantiveram, ao longo da Modernidade, viagens a cavalo pelos países e descoberta de monumentos imóveis; algumas escavações de superfície ao redor deles; muito colecionamento de objetos de um passado; e exposição destes nos gabinetes de curiosidade.
<i>Arqueologia histórico-cultural</i>	Primeira forma de Arqueologia pós-Iluminista, agora já institucionalizada e praticada por Universidades, com cursos e grupos de discussão. Se subdivide em Difusionista e Evolucionista, e tem por objetivo a elaboração de cronologias de culturas, histórias dos sítios arqueológicos, e enfoque aos objetos em si, os quais delimitariam etnias diferentes.
<i>Arqueologia Processual (Nova Arqueologia)</i>	Como uma forma de rompimento com a Arqueologia praticada até então, esta Nova Arqueologia surge para afirmar um caráter científico da disciplina. Com enfoque pautado nos sistemas gerais, estruturais, que os grupos humanos estariam submetidos, tinha por objetivo entender os processos culturais e leis gerais, pautando-se muito nos dados e aspectos físicos que os artefatos poderiam indicar.
<i>Arqueologia Pós-Processual</i>	A mais recente e até hoje tímida no meio acadêmico, esta última forma de Arqueologia é, na verdade, um conjunto de práticas distintas, tais como Arqueologia Simbólica, Arqueologia Cognitiva, Arqueologia Crítica, Arqueologia de Gênero, etc. Busca trazer à luz os sujeitos por trás dos objetos em si. Trabalha com contextos histórico-socio-culturais, e aborda continuidades entre passado e presente. Almeja, ainda, um olhar interdisciplinar sobre a cultura material, trazendo pontos de vista desde a Antropologia e Filosofia, até a Ecologia e Física.

Referências bibliográficas

Fontes primárias:

ATKINSON, R. J. C. *Stonehenge*. London: Penguin Books, 1979.

HAWKINS, G. S. *Stonehenge Decoded*. Garden City NY: Doubleday, 1965.

PETRIE, W. Flinders. *Stonehenge: Plans, description and theories*. London: Edward Stanford, 1880.

Fontes auxiliares:

EVANS, Arthur. “Stonehenge”. In: *The Archaeological Review*, Vol. 2, N. 5, pp. 312-330, 1889.

GOWLAND, W. “Recent excavations at Stonehenge”. *Archaeologia*, n. 58, 1902, pp. 37–105.

HAWLEY, W. “Stonehenge: interim report in the exploration”. In: *Antiquaries Journal*, n. 1, 1921, pp. 19-41.

_____. “Second report on the excavations at Stonehenge”, *Antiquaries Journal*, n. 2, 1922, 36-52.

_____. “Third report on the excavations at Stonehenge”, *Antiquaries Journal*, n. 3, 1923, 13-20.

_____. “Fourth report on the excavations at Stonehenge (June to November, 1922)”, *Antiquaries Journal*, n. 4, 1924, 30-39.

_____. “Report on the excavations at Stonehenge during the season of 1923”, *Antiquaries Journal*, n. 5, 1925, 21-50.

_____. “Report on the excavations at Stonehenge during the season of 1924”, *Antiquaries Journal*, n. 6, 1926, 01-16.

_____. “Report on the excavations at Stonehenge during 1925 and 1926”, *Antiquaries Journal*, n. 8, 1928, 149-76.

Fontes secundárias:

ATKINSON, Richard. “The Stonehenge Doleritos”. In: *Antiquity*, vol. 48, 1974, pp. 52-66.

_____. *Field archaeology* (2nd edn). London: Methuen, 1953.

AUBREY, J. In: *Monumenta Britannica*. Bodleian Library MSS Top. Gen, 1666.

BALLYCARNASSUS, Herodotus. “Hindsight”. In: *Archaeology Ireland*, Vol. 12, N. 1, 1998, p. 42.

BICHO, Nuno Ferreira. *Manual de Arqueologia Pré-histórica*. Lisboa: Edições 70, 2006.

BINFORD, Lewis. *An Archaeological Perspective*. New York: Seminar Press, 1972.

- BULL, Henry; STREET, Saint John. *The Wiltshire Archaeological and Natual History Magazine*. London: *Society of the Antiquaries*, 1854.
- BURL, Aubrey. *Rings of Stone: The prehistoric stone circles of Britain and Ireland*. Boston: Ticknor & Fields, 1980.
- _____. *Great Stone Circles*. New Haven and London: Yale University Press, 1999.
- _____. “The Third Stone. The Altar Stone at Stonehenge: Prone to Doubt”. In: *3rd Stone*, n. 40, 2001, pp. 48-55.
- BURLEY, Paul D. *Pedras de Estação of Stonehenge - Megaliths with Sacred Intent*. [s.l.] [s.n.], 2012.
- BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro, Zahar: 2004. Tradução de Sérgio Goes de Paula.
- CHARLETON, Walter. *Chorea Gigantum: Or, the Most Famous Antiquity of Great Britain, Vulgarly Called Stone-Heng, Standing on Salisbury-Plain, Restored to the Danes*. 1663.
- CHAOY, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.
- CHILDE, Vere Gordon. *The Aryans: A Study of Indo-european origins*. New York: Alfred A. Knop, 1926.
- _____. *The Bronze Age*. Cambridge University Press, 1930.
- _____. *The Dawn of European Civilization*. Great Britain: Paladin, 1973.
- _____. *A pré-história da sociedade europeia*. 2ª Ed. Lisboa: Europa-América, 1974.
- _____. *Man Makes Himself*. 4ª Ed. Northwestern University: Spokesman, 2003.
- CHIPPINDALE *et al.* “New Era of Stonehenge”. In: *Antiquity*, n. 88, 2014, pp. 644–657.
- CHIPPINDALE, C. “Stonehenge Astronomy: Anatomy of a Modern Myth”. In: *Archaeology*, vol. 39, n. 01, 1986, pp. 48-52.
- _____. “Stoned Henge: Events and Issues at the Summer Solstice, 1985”. In: *World Archaeology*, 1986, Vol. 18, n. 1, Perspectives in World Archaeology, pp. 38-58.
- CLEERE, Henry (org.). *Archaeological Heritage Management in the Modern World*. London: Unwin Hyman Ltd, 1989.
- COLLINGWOOD, R. G. *The Idea of History*. Oxford: Oxford University Press, 1972 [1946, 1962].
- CUSACK, Carole. “Charmed Circle: Stonehenge, Contemporary Paganism, and Alternative Archaeology”. In: *Numen*, 2012, v. 59, N. 2/3, Alternative Archaeology (2012), pp. 138-155.
- DANIEL, G. *The Idea of Prehistory*. Baltimore: Penguin Books, 1962.
- DARVILL, T.; *et al.* “Stonehenge Remodelled”. In: *Antiquity*, n. 86, 2012, pp. 1021-1040.

- DARVILL, T. “Houses of the Holy: Architecture and Meaning in the Structure of Stonehenge, Wiltshire, UK”. In: *Time and Mind*, 9:2, 2016, pp. 89-121.
- _____. “Keeping Time at Stonehenge”. In: *Antiquity*. © The Author(s). Published by Cambridge University Press on behalf of Antiquity Publications Ltd, 2022.
- DÍAZ-ANDREU, Margarita. *A World History of Nineteen-Century Archaeology: Nationalism, Colonialism, and the Past*, de Margarita Diaz-Andreu. New York: Oxford University Press Inc., 2007.
- _____. *Arqueologia Crítica e Humanista*. São Paulo: Fonte Editorial, 2019.
- DROWER, Margaret. *Flinders Petrie: A Life in Archaeology*. Madison: University of Wisconsin Press, 1995.
- ESTEBAN, Cesar. “Arqueoastronomía y pseudociencia”. In: HIDALGO, Inés *et al.* (orgs.). *Ciencia y pseudociencias: realidades y mitos*. Madrid: Equipo Sirius, 2004.
- FAULKNER, Neil. “Gordon Childe and Marxist Archaeology”. In: *International Socialism* (London: Socialist Worker's Party) 116, 2007, pp. 81–106.
- FERRY, Patrick; VERHEIDEN, Ivan [orgs.]. *As pedras e a escrita (Stonehenge e Glózel)*. Tradução: Emanuel Lourenço Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1976.
- FORESTER, Thomas; WRIGHT, Thomas. *Giraldus Cambrensis: The Topography of Ireland*. Cambridge, Ontario: Medieval Latin Series, 2000.
- FUNARI, Pedro Paulo A. *Arqueologia*. São Paulo: Editora Contexto, 2003.
- _____. *Pré-História do Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2002.
- GIBSON, Edmund. *Britannia* (English Translation Edmund Gibson). 1695.
- GIMBUTAS, M. *The Language of the Goddess*. N. York: Thames&Hudson Inc, 1989.
- HARDING, Anthony. “The Tumulus in European Prehistory: Covering the Body, Housing the Soul”. In: *Ancestral Landscape. Burial mounds in the Copper and Bronze Ages. Proceedings of the International Conference held in Udine, May 15th-18th 2008*. Lyon: Maison de l'Orient et de la Méditerranée Jean Pouilloux, 2012. pp. 21-30.
- HAWKES, Jacquetta. "God in the Machine". In: *Antiquity*, n. 41, 1967, p. 1.
- HISTORIC ENGLAND. *Prehistoric Henges and Circles: Introductions to Heritage Assets*. Swindon: Historic England, 2018.
- HOBBS, Eric. *Era das Revoluções: 1789-1848*. 37ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- HUDSON, Mark. “Resenhas de livros: William Gowland: O Pai da Arqueologia Japonesa por Victor Harris Kazuo Goto”. In: *Asian Perspectives*, Vol. 45, No. 1 (2006).

- IXER, R. A.; P. TURNER. “A Detailed Re-examination of the Petrology of the Altar Stone and Other Non-Sarsen Sandstones from Stonehenge as a Guide to their Provenance”. In: *Wiltshire Archaeological and Natural History Magazine*, n. 99, 2006. pp. 01-09.
- JONES, Inigo. *The Most Notable Antiquary of Great Britain vulgarly called Stone-Henge on Planície de Salisbury Restored*. Bodleian Library C.2.25, Art. Seld, 1655.
- JONES, Siân. *The Archaeology of Ethnicity: Constructing identities in the past and present*. London and New York: Routledge, 1996.
- KAINZINGER, Albert. “The mathematics in the structures of Stonehenge”. In: *Arch. Hist. Exact Sci.* (2011), 65:67–97, 2010.
- KENDRICK, T.D. *British Antiquity*. London: Methuen, 1950.
- KOSSELECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.
- LIGHTFOOT, Kent G. “Culture Contact Studies: Redefining the Relationship between Prehistoric and Historical Archaeology”. In: *American Antiquity*, Vol. 60, N. 2, 1995. pp. 199-217.
- LOCKYER, Norman; PENROSE, F. “An Attempt to Ascertain the Date of the Original Construction of Stonehenge from Its Orientation”. In: *Nature*, n. 65, 1901, pp. 55–57.
- LOOMIS, Laura Hibbard. “Geoffrey de Monmouth and Stonehenge”. In: *PLMA*, vol. 45, n. 2, 1930, pp. 400-415.
- MANDOWSKY, E.; MITCHELLC. *Pirro Ligorio's Roman A iniquities*. London: The Warburg Institute, 1963.
- MOUMONTH, Geoffrey of. *Historia Regum Britanniae*. 1136. Disponível em: <https://www.sacred-texts.com/neu/eng/gem/index.htm>. Acesso em: 29 de set de 2021.
- OCHOTA, Mary-Ann. *Hidden Landscape: A Spotter's Guide to the British Landscape*. Londres: Frances Lincoln, 2016.
- O’SULLIVAN, Muiris; DOWNEY, Liam. “Henges”. In: *Archaeology Ireland*, vol. 26, n. 3, 2012, pp. 34-37.
- PEARSON, M. P. *Stonehenge, a New Understanding*. New York: The Experience, 2013-a.
- _____. “Researching Stonehenge: Theories Past and Present”. In: *Archaeology International*, n. 16, 2013-b, pp. 72-83.
- _____. “The Sarsen Stones of Stonehenge”. In: *Proceedings of the Geologists' Association*, n. 127, 2016, pp. 363-369.
- PETRIE, W, Flinders. *Methods and Aims in Archaeology*. London: Macmillan Company, 1904.

- _____. *Inductive Metrology Or, The Recovery of Ancient Measures from the Monuments*. London: Cambridge University Press, 1877.
- PHILIBERT, Myriam. *Stonehenge et Son Secret*. Monaco: Éditions du Rocher, 1994.
- PIGGOTT, Stuart. "The Sources of Geoffrey de Monmouth. II. The Stonehenge Story". In: *Antiquity*, Vol. 15, n. 60, 1941, pp 305 – 319.
- _____. *William Stukeley: 18th century antiquary*. Oxford: Clarendon Press, 1950.
- POSSAMAI, Zita Rosane. "Museu na Cidade: um agente de mudança social e desenvolvimento?". In: *Museologia e Patrimônio*, Vol. 3, n. 2, 2010.
- SCHNAPP, Alain. *The Discovery of the Past: The origins of Archaeology*. London: Museu Britânico Press, 1996.
- SÍCULO, Diodoro. *Bibliotheca Historica*. 1746. Disponível em: https://gutenberg.beic.it/view/action/nmets.do?DOCCHOICE=9679527.xml&dvs=1632404013554~602&locale=pt_BR&search_terms=&show_metadata=true&adjacency=&VIEWER_URL=/view/action/nmets.do?&DELIVERY_RULE_ID=7&divType=&usePid1=true&usePid2=true. Acesso em: 23 de set de 2021.
- SMITH, Sidney. *William Matthew Flinders Petrie (1853-1942)*. In: *Obituary Notices of Fellows of the Royal Society*, Vol. 5, n. 14, 1945, pp. 03-16.
- SCHMIDT, Peter R.; MROZOWSKI, S.A. (orgs.). *The Death of Prehistory*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- STUKELEY, William. *Stonehenge: a Temple restored to the British Druids*. London: Printed for W. Innys and R. Manby, at the West End of St. Paul's, 1740.
- _____. *Itinerarum Curiosum. Or, an Account of the Antiquities, and Remarkable Curiosities in Nature or Art, Observed in Travels Through Great Britain*. 1724.
- TAIT, A. A. "Inigo Jones's 'Stone-heng'". In: *The Burlington Magazine*, Vol. 120, n. 900, 1978, pp. 154-159.
- THOM, Alexander. "A Statistical Examination of the Megalithic Sites in Britain". In: *Journal of the Royal Statistical Society. Series A (General)*. 118 (3), 1955. pp. 275–295.
- _____. "Stonehenge", *Journal of Historical Astronomy* 5, (1974), 71–90
- _____. "Stonehenge as a possible lunar observatory", *Journal of Historical Astronomy* 6, (1975), 19–30.
- THOMPSON, E. P. *A Miséria da Teoria*. Rio: Zahar, 1981.
- TRIGGER, B. G. *História do Pensamento Arqueológico*. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.
- TYLOR, E. B. *Primitive Culture*. Dover: Dover publications, 2016.

UCKO, Peter. “Foreword”. In: *The Politics of the Past* (Eds: P. Gathercole and D. Lowenthal), 1990, pp. ix–xxi.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história. Foucault revoluciona a história*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

WEBB, John. *A Vindication of Stone-heng (Stonehenge) restored: In Which Orders and Rules of Architecture Observed by the Ancient Romans, are Discussed. Together with the Customs and Manners of Several Nations of the World in Matters of Building of Greatest Antiquity. As also an Historical Narration of the Most Memorable Actions of the Danes in England*. London: R. Davenport for Tho. Bassett; First Edition, 1665.

WESTROPP, Thomas J. “The Cistas, Dólmen s, and Pillars of the Western Half of the County of Clare”. In: *Proceedings of the Royal Irish Academy: Archaeology, Culture, History, Literature*, Vol. 26, 1906/1907, pp. 447-472.

W. GUNN, B. D. *The Historia Brittonum commonly attributed to Nennius*. London: Printed for John and Arthur Arch, Cornhill, 1819.

Demais sites:

Fonte disponível em: <https://www.english-heritage.org.uk/visit/inspire-me/what-is-a-henge/>. Acesso em: 24 de jun de 2021.

Fonte disponível em: <https://www.jstor.org/stable/community.18115074>. Acesso em: 29 de jun de 2021. Domínio público.

Fonte disponível em: <https://www.britannica.com/topic/cista>. Acesso em: 29 de jun de 2021. Domínio público.

Fonte disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Stonehenge>. Acesso em: 15 de jul de 2021. Domínio público.

Fonte disponível em: <https://www.skyatnightmagazine.com/space-science/solstice-sunrise-at-stonehenge/>. Acesso em: 03 de ago de 2021. Domínio público.

'Solving Stonehenge' | November 2007 | Sitehut| CC BY-SA 3.0 <<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/>>, via Wikimedia Commons. | Acesso em: 02 de set de 2021.

Fonte disponível em: <https://www.britishmuseum.org/collection/term/BIOG257405>. Acesso: 28 de out de 2021.

Fonte disponível em: https://www.researchgate.net/figure/William-Camdens-Stonehenge-from-the-1600-edition-of-Britannia-Camden-1610252_fig7_332169306. Acesso em: 03 de nov de 2021.

1810–12 theoretical reconstructions by Colt Hoare, published in *Ancient Wiltshire*

Colt Hoare, R, *The Ancient History of Wiltshire*, vols I and II (London, 1812 and 1821).

Fonte disponível em: https://stringfixer.com/pt/William_Gowland. Acesso em 27 de dez de 2021.

fonte disponível em: https://stringfixer.com/pt/William_Gowland. Acesso em 27 de dez de 2021.

Fonte disponível em: <https://www.english-heritage.org.uk/visit/places/stonehenge/history-and-stories/archaeologists-of-stonehenge/#section3>. Acesso em: 16 de dez de 2021.

BURIED Treasure. Direção: Richard Atkinson. London: BBC, 1954. Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/programmes/p018bxym/p0186668>. Acesso em: 11 de mar de 2022.

Bibliografia de Gerald Hawkins. Fonte disponível em: <http://scihi.org/gerald-hawkins-stonehenge/>. Acesso em: 16 de mar de 2022.

<https://www.independent.co.uk/news/uk/obituary-professor-richard-atkinson-1443428.html>

Fonte disponível em: <https://www.britishmuseum.org/exhibitions/world-stonehenge>. Acesso em: 21 de ago de 2022.

Fonte disponível em: <https://mpwr.gov.so/en/the-ministry/>. Acesso em: 25 de ago de 2022.

Fonte disponível em: https://www.gracesguide.co.uk/Office_of_Works. Acesso em: 21 de jul de 2022.

Fonte disponível em: <https://www.wiltshiremuseum.org.uk/wanhm/>. Acesso em 21 de jul de 2022.

Fonte disponível em: <https://www.wiltshiremuseum.org.uk/society/>. Acesso em: 29 de ago de 2022.

Disponível em: https://www.themodernantiquarian.com/site/609/stonehenge_graffiti_dagger_stone.html.

Acesso em: 16 de mar de 2022

Fonte disponível em: <https://pt.frwiki.wiki/wiki/N%C3%A9odruidisme>. Acesso em: 28 de set de 2022.

Fonte disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/patrim%C3%B4nio/>. Acesso em: 09 de nov de 2021.

Fonte disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Crit%C3%A9rios_de_sele%C3%A7%C3%A3o_de_Patrim%C3%B3nio_Mundial. Acesso em: 12 de nov de 2021.

Fonte disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/373/>. Acesso em: 14 de nov de 2021.

Fonte: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 05 de out de 2022.

Fonte disponível em: <https://educalingo.com/pt/dic-en/sarsen>. Acesso em: 07 de dez de 2022.

